



Universidade Federal do Pará  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História  
Mestrado em História Social da Amazônia

**ITAMAR ROGÉRIO PEREIRA GAUDÊNCIO**

**Diversão, Rivalidade e Política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos  
em Belém do Pará (1905- 1950)**

Belém  
2007

**ITAMAR ROGÉRIO PEREIRA GAUDÊNCIO**

**Diversão, Rivalidade e Política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos  
em Belém do Pará (1905- 1950)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia. Orientadora: Professora Doutora Edilza Joana Fontes. (DEHIS/UFPA)

Belém  
2007

**ITAMAR ROGÉRIO PEREIRA GAUDÊNCIO**

**Diversão, Rivalidade e Política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos  
em Belém do Pará (1905- 1950)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia. Orientadora: Professora Doutora Edilza Joana Fontes.

Data de Defesa: 20/09/2007

Banca Examinadora:

---

Professora Doutora Edilza Joana Fontes (Orientadora - PPHIST/UFPA)

---

Professor Doutor Aldrin Figueiredo (Membro - PPHIST/UFPA)

---

Professor Doutor Mauricio Costa (Membro Externo PPHIST)

A Deus,  
A meu pai in memoriam,  
A minha mãe Ana e ao Valdiná,  
Meus irmãos lia e Diego,  
A minha filha Luana,  
A minha amada Sandra Letícia.

## AGRADECIMENTOS

Escrever sobre o futebol tem uma representatividade enorme para minha vida, pois ao longo desses quase três anos do curso de Mestrado em História Social da Amazônia, na Universidade Federal do Pará, meu cotidiano esteve mergulhado no mundo do futebol paraense, onde pude estudar a vida dos sujeitos sociais a partir da perspectiva do esporte mais popular do Brasil na atualidade. Dessa forma, realizo um sonho que se iniciou na infância, passou pela Graduação em história e se amplia hoje com o término da Dissertação.

Nesse sentido, sou bastante agradecido ao meu Senhor Jesus Cristo que nunca me abandonou, que apesar dos afastamentos, das dificuldades, das crises, sempre me proporcionou sabedoria, confiança e enviou os seus anjos através das pessoas que sempre me ajudaram do início ao fim de um curso que demonstra o amor que Deus tem pelo ser humano, pois as dificuldades foram enormes, mas as bênçãos foram muitas! Por isso aproveito o trabalho concluído para testemunhar do amor de Deus.

Agradeço a minha família que apesar das dificuldades sempre acreditou na minha pessoa, demonstrando cumplicidade mesmo nos momentos de crises. Agradeço a minha mãe Ana Gaudêncio, meus irmãos Lia Gaudêncio e Diego Leonardo, meu amigo Valdiná e minha filha Luana, todos vocês são a razão do meu viver. Assim como agradeço meu pai, senhor José Gaudêncio, que apesar de não está entre nós, fica a homenagem especial a sua memória.

Os agradecimentos vão também a todos os meus amigos, que sempre deram força nos momentos difíceis, sei que sempre contarei com vocês, por isso agradeço aos amigos Rosivaldo, Ivaldo, Mariza, Josiane, Cristiano, Moisés, Elias e a todos que deixei de mencionar, mas que foram importantes para conclusão deste trabalho.

Aos novos amigos que conheci nos momentos decisivos da conclusão do trabalho, sendo relevante a sua participação, por isso agradeço a Sinei Soares, Daniella Moura, Rogério, D. Perpétua, Célia, Cleide, Ana Alice, por terem contribuído para conclusão do trabalho.

Também sou grato as pessoas do meu trabalho na Prefeitura de Marituba, como a Professora Edna Bastos e todos os professores da Escola Mora Guimarães, que sempre me deram força no Curso.

A todos os integrantes da Polícia Militar do Pará, em especial os Oficiais, Praças e Alunos da Academia de Polícia Militar “Cel Fontoura”. Obrigado pela força do pensamento positivo.

A todos os professores da Universidade Federal do Pará, especialmente a minha Orientadora Professora Edilza Fontes pelos momentos de orientação. Ao Professor Aldrin Figueiredo e a Professora Fraciane Lacerda, por terem iniciado todo esse trabalho na época da Graduação e acreditarem que poderia ser levado adiante.

Por fim, faço um agradecimento especial a uma pessoa que nos últimos meses cooperou de forma relevante para a conquista dessa vitória. A minha amada Sandra Letícia que realmente foi enviada por Deus para minha humilde vida. Te agradeço por tudo, pela análise sobre futebol, pelas regras da ABNT, revisões de textos, paciência, carinho e amor que você me proporcionou no final desta etapa.

Vae ter inicio o campeonato brasileiro de futebol. Quase todos os estados da federação vão concorrer a esse certame grandioso. Que há de galardoar com os louros de uma justa victoria.

O Pará como sempre saberá ser forte. Confiamos no valor e sobretudo na disciplina de nossos homens.

Este anno temos a enfrentar aqui em Belém o valoroso conjucto do Ceará. (...)

Preparemo-nos, pois, para a lucta! Vencer no norte! Continuar com a liderança do futebol no septentrião brasileiro e seguir ao sul em busca de novos louros, é o nosso dever.

Nossa senhora de Nazareth há de ser por nós.

DICK

## RESUMO

Estudar futebol nos proporciona compreender os embates e as construções culturais entre os diferentes sujeitos na sociedade. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar esse mundo no seu processo de passagem de um esporte mais aristocrático para a sua popularização através dos festivais futebolísticos na cidade de Belém do Pará durante os anos de 1905 a 1950. Festivais que foram muito mais do que diversão, pois, englobam uma série de segmentos sociais com sentimentos, paixões, lutas políticas que através dos seus interesses entram em conflitos que muitas vezes podem ser percebidos nos jogos suburbanos, nas suas respectivas festas e nos jogos entre Remo e Paysandú.

**Palavras chaves:** futebol, nacionalismo, política, popularização.



## ABSTRACT

The study foot ball give is the chance to understand the conflicts and the culture building between the difference peoples in the society. This way, the work here has a objective to do the analise this world in the process of the transformation of the aristocrat sport until to be a popular sport through of the foot ball festival in the Belém do Pará City between 1905 and 1950. these festival that was much more than fun, because they have a serie of the social segments with passion, politics fights through of the his interest take in conflicts that many times can be realize in the suburb games, in the his respective parties and in the Remo versus Paysandú games.

**Words Key:** foot ball, nationalism, polite, popularization.

# **ANEXOS**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

**(Biblioteca de Pós-Graduação de IFCH/UFPA, Belém-PA)**

---

**Gaudêncio, Itamar Rogério Pereira**

Diversão, rivalidade e política: o RexPa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará / Itamar Rogério Pereira Gaudêncio; orientadora, Edilza Joana Fontes. - Belém, 2007

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2007.

1. Futebol -Pará - História. 2. Clubes de futebol - Pará. I. Título.

***CDD - 22. ed. 796.334098115***

---

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>17</b>
1.1 - BELÉM DO PARÁ E A “BELLE ÉPOQUE DO FUTEBOL” .....	17
1.1.1 - A FUNDAÇÃO DO PAYSANDÚ CLUB. ....	31
1.1.2 - A FUNDAÇÃO DO CLUBE DO REMO .....	39
1.1.3 - A FUNDAÇÃO DA TUNA LUSO CAIXEIRAL.....	44
1.2 - OS FESTIVAIS NA CIDADE.....	47
1.3 - COMO ACONTECIAM OS FESTIVAIS ?.....	68
<b>CAPITULO 2 .....</b>	<b>81</b>
2.1 - POPULARIZAÇÃO, PROFISSIONALIZAÇÃO E O FUTEBOL NA CIDADE.....	81
2.2 - O JOGADOR DE FUTEBOL EM BELÉM DO PARÁ E O PAPEL DA NASCENTE IMPRENSA ESPORTIVA.....	83
2.3 - JOGADOR DE FUTEBOL: SPORTMAN OU PELADEIRO?.....	107
<b>CAPITULO 3 .....</b>	<b>126</b>
3.1 - FUTEBOL E POLÍTICA .....	126
3.2 - POLÍTICA, FUTEBOL E MULHERES.....	127
3.3 - POLÍTICA, FUTEBOL E RE X PA.....	150
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....</b>	<b>163</b>
<b>FILMES .....</b>	<b>166</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar e levantar problemas sobre o futebol paraense a partir da experiência cotidiana dos sujeitos sociais que participavam direta ou indiretamente dos jogos de futebol em Belém do Pará, na primeira metade do século XX. Demonstrando que através da prática futebolística é possível perceber os encontros e desencontros, as construções culturais desses sujeitos nos mais variados setores sociais que interagem em torno do “bola-pé” na cidade.

Nesse sentido, os problemas que serão analisados estão relacionados aos significados dados ao “bola-pé” no início da prática futebolística no Pará, sendo chamado de “Belle Epoque do futebol”, e também durante processo de transição do football para o futebol, momento que culmina com a profissionalização e a popularização do esporte na cidade.

A compreensão dos problemas relacionados ao futebol em Belém do Pará proporciona um olhar de percepção da importância do esporte para o entendimento sobre a própria história do Estado, já que existiam sentimentos de identidade regional relacionados aos jogos nos festivais futebolísticos e principalmente nos encontros entre Remo e Paysandú, os maiores clubes do Estado até os dias atuais. Sendo tal rivalidade decisiva para o início de uma paixão clubística que caracteriza parte da peculiaridade da cidade de Belém, nos primeiros cinquenta anos do século XX.

O trabalho busca estudar o processo de chegada do futebol na capital paraense, no sentido de demonstrar que existiam construções culturais, discursos políticos, religiosidade por trás dos “bate-bolas” que ocorriam na cidade, pois, os jogos de futebol faziam parte de um cotidiano ligado nos primeiros anos do século XX à reestruturação urbana que Belém passava, onde surgia à figura do atleta chamado “sportman”, que representava todo o prestígio que a sociedade da época respirava, ou seja, os ares da modernidade.

Os valores que circulavam através dos discursos e das mercadorias na cidade de Belém, estavam pautados em concepções que também eram valorizadas no Rio de Janeiro, por exemplo, onde segundo João do Rio, o sentimento de ambigüidade e encantamento prevaleceu, já que na rua da cidade os homens eram livres, porém, a rua era a agasalhadora da miséria, dos desgraçados, dos infelizes, na verdade eram várias concepções das ruas onde circulavam todos, do mais rico ao pobre.<sup>1</sup> Nesse sentido, os sentimentos que circulavam na

---

<sup>1</sup> C.f. RIO, João do. A alma encantadora das ruas (1881-1921). Rio de Janeiro: Secretária Municipal do Rio de Janeiro, 1995. p. 3-4.

cidade de Belém estavam intimamente ligados as noções de civilização e progresso, palavras - chave do discurso europeu para locais como Belém do Pará.

A prática futebolística que ganhava força em Belém da Belle Époque tinha a intenção inicial de separar os sujeitos sociais por setor, tentando diminuir o acesso dos setores menos abastados as novidades que chegavam da Europa. Era o “sporman” considerado civilizado contra os jogadores amadores de periferia. No entanto, a própria contradição da modernidade, onde conviviam lado a lado senhores da alta sociedade e sujeitos sociais menos abastados provocou o acesso dos setores considerados populares as práticas esportivas. Essas contradições da modernidade possibilitaram que o morador da periferia jogasse futebol de acordo com seus símbolos desenvolvendo sua própria identidade que mais tarde representaria todo contexto futebolístico da cidade, tanto nos jogos do campo Ferreira & Comadita (curuzú), como nos campos de várzea que no decorrer dos anos começavam a se espalhar por Belém.

O trabalho não pretende analisar apenas o período que Belém vivia seu auge econômico através da economia da borracha, mas, o processo de mudança que a cidade passou durante primeira metade do século XX, através dos “olhos do futebol”. Dessa forma, foram analisadas fontes de jornais, revistas, estatutos e letras de hinos dos clubes, dentre outros, onde é possível reconhecer os traços que falam de jogadores de futebol, trabalhadores, políticos, dirigentes esportivos, mulheres, RE x PA (jogo de futebol considerado o clássico local), dentre outros. Essa análise proporciona a percepção através das ações individuais e coletivas junto ao “esporte bretão” um mundo cheio de significados e simbolismo, que muitas vezes se revelavam na rivalidade do RE x PA.

Quando foi iniciada a pesquisa, o objeto de estudo era o futebol paraense através do RE x PA no período de 1930 a 1940, contexto de efetivação da prática futebolística, onde havia um processo de popularização crescente que culmina com a profissionalização de jogadores no início dos anos de 1940, momento que era evidente os discursos políticos sobre o Estado, o capital e o trabalho. Nessa época, procurou-se trabalhar as fontes para que mostrassem evidências de um passado futebolístico que explicasse o momento que a chamada Revolução de 1930 através da aliança liberal toma o poder político brasileiro, mostrando suas características pela perspectiva do futebol. No entanto, para que houvesse um entendimento desse contexto de convivência entre o amadorismo de “amor à camisa”, de defesa da prática do esporte pelo esporte contra o profissionalismo foi necessário entender quais os discursos que foram construídos nos anos anteriores, fazendo com que o trabalho voltasse até o período do início do século XX, para que houvesse a compreensão de como, principalmente, a dupla

Re x PA, estabeleceu tal rivalidade no âmbito futebolístico. Na verdade, se constatou que estudar sobre os festivais futebolísticos significou voltar para uma Belle Époque que muitas vezes é esquecida, que é a “Belle Époque esportiva, a chamada Belle Époque do futebol” onde comumente os festivais esportivos ocorriam com a participação dos políticos e de várias pessoas da alta sociedade, depois aos poucos vários esportes vão saindo dos festivais para que ocorresse o festival somente de futebol, fato que vai provocar mudança, principalmente entre os que discutiam sobre o amadorismo e o profissionalismo, pois, até a criação de uma federação única que pudesse gerenciar o “soccer”, havia reclamações quanto aos campeonatos oficiais que aconteciam na cidade.

A escolha do período trabalhado se justifica pela pesquisa, já que houve acesso às fontes que trabalham desde a fundação de clubes como a Tuna Luso Brasileira em 1903, até a popularização do futebol propriamente dito no ano de 1950, contexto que aconteceu uma Copa do Mundo no Brasil vencida pela seleção uruguaia.

O período trabalhado não começa na data da fundação da Tuna Luso Brasileira, em 1903, devido o trabalho buscar analisar o futebol paraense através do olhar sobre os festivais e a rivalidade entre Clube do Remo e Paysandú, que movimentavam qualquer campeonato ou festival pela cidade, já que, aumentava o número de torcedores que cada vez mais iam assistir aos jogos. O trabalho não procura aqui minimizar a participação da Tuna Luso nos jogos de futebol pelo Pará ou mesmo na prática de canoagem, pois, é sabido de acordo com as fontes da importância do time luso para o futebol paraense, tanto que foram dados vários destaques ao time luso no trabalho, no entanto, o ano de 1905 que data a fundação do Clube do Remo, proporciona o entendimento sobre o surgimento do clube remista e a sua posterior entrada na prática futebolística, servindo de início para a pesquisa que buscou observar a rivalidade clubística com características de nacionalismo entre o Clube do Remo e o Paysandú, a partir de algumas notícias esportivas, documentos dos campeonatos de futebol e atas de fundação dos clubes, fontes relacionadas no livro A História do Clube do Remo, de Ernesto Cruz, o que diferentemente das fontes sobre os atletas da Tuna Luso, que eram mais escassas, facilitaram a construção da nossa análise sobre o futebol paraense.

Portanto, a escolha do título do trabalho busca relacionar o Re x Pa com as diversões, as práticas políticas e também com o surgimento de outros clubes pela capital paraense. Fato que possibilita o entendimento de como o futebol paraense não era somente o Re x Pa, pois, existiam clubes como o União Esportiva, a Tuna Luso, dentre outros, todavia, o futebol de Belém não pode ser explicado sem a grande rivalidade existente entre bicolores e azulinos que perdura até os dias atuais.

O trabalho se baseou na análise de fontes de jornais e revistas do período pesquisado, onde o principal problema foi o acesso a determinadas fontes que estavam nas mãos de particulares. Os principais periódicos analisados foram: *A folha do Norte*, “Revista A Semana”, o Jornal *O Estado do Pará*. Além dessas fontes, foi trabalhado também o Livro A história do Clube do Remo do Ernesto Cruz e os livros do Ferreira da Costa, sobre o futebol paraense, citados na bibliografia. Fazendo com que possibilitasse a indicação de determinadas fontes e sua interpretação que evidenciava o futebol como prática cotidiana nos finais de semana da urbe belenense.

O primeiro capítulo busca discutir sobre os festivais esportivos que ocorriam na cidade, sendo especificado as peculiaridades de cada festival. O objetivo é mostrar como ocorriam os festivais, quem participava, quais os clubes, se existiam outras modalidades esportivas durante os festivais, a relação entre a construção dos pequenos estádios com suas separações entre torcedores e os jogos que ocorriam nas várzeas, com times que não tinham a mesma estrutura que Remo e Paysandú. Dessa forma, o entendimento sobre festival possibilita a compreensão sobre as formas de construções culturais típicas dos times paraenses, que iam desde as questões climáticas até brigas e os discursos de rivalidade apresentados pela imprensa esportiva, que vai fazer parte da transição entre o football e o futebol.

No segundo capítulo, intitulado de A profissionalização em debate: como se tornar um jogador de futebol em Belém do Pará? Buscamos abordar a vida de um dos principais sujeitos da prática do “bola-pé” na capital paraense: o jogador de futebol. Quem são os que para imprensa esportiva da época dão o brilhantismo dos festivais? De onde eles vêm, quais as suas histórias de vida? Na época da fundação dos principais clubes de Belém havia a participação de jogadores provenientes das camadas populares ? E nos anos que estamos pesquisando tinha uma maior participação desses homens nos clubes de futebol ? Estas são apenas algumas das perguntas que o trabalho busca responder, onde no decorrer do capítulo enfatizaremos as redes de relações de sustento como o “bicho” e os empregos nos setores públicos ou privados que ajudavam os “astros” do futebol Belenense a sobreviver, inclusive relacionado os jogos que estes jogadores participavam nos campos de várzea e nos campos oficiais de futebol. Portanto, o capítulo tentará fazer com que o leitor consiga entender os vários problemas da profissionalização que começa a ser debatida no processo que o futebol se torna bastante popular no espaço urbano de Belém.

No terceiro capítulo, que tem por título: Re x Pa na cidade : futebol e política em Belém do Pará, faremos uma abordagem sobre os jogos de futebol na capital paraense



relacionando com a participação de políticos, que em determinados momentos tinham diferentes discursos sobre os jogos de futebol na cidade. Situação que é perceptível à mudança quando se inicia os anos e 1930 e os debates sobre a profissionalização do jogador de futebol. Perceberemos através das fontes como ocorriam as políticas governamentais com relação aos esportes, principalmente com as mulheres, que no governo de Getulio Vargas não podem participar dos jogos de futebol como atletas, mostrando que o discurso político de popularização e de profissionalização do jogador de futebol não atingia as mulheres, mesmo num momento onde elas conseguiram garantir direito de voto. Além das disputas políticas entre dirigentes e as ligas que comandava os campeonatos. Portanto, observaremos como os discursos políticos tentavam manipular os diversos sujeitos sociais durante os jogos de futebol na cidade, principalmente durante o clássico entre Remo e Paysandú.

Assim, o presente trabalho tentará mostrar parte de um cotidiano da cidade de Belém do Pará que para muitos estava esquecido, mas que pode explicar as diversas ligações entre política, futebol, religiosidade, diversão, rivalidade, fatos que fizeram parte da construção cultural da própria sociedade paraense.

## **CAPÍTULO 1**

### **A chegada do futebol e os festivais futebolísticos em Belém do Pará.**

#### **1.1 - BELÉM DO PARÁ E A “BELLE ÉPOQUE DO FUTEBOL”**

Auspicia-se encantador o festival sportivo que proxivamente, se vae realizar no ground do Clube do Remo, sob a égide dos distinctos Officiaes do cruzador“José Bonifácio”. Se os outros elementos de êxito não tivesse a promissora festa, a só razão de ser patrocinada pelos estimáveis marinheiros que hospedamos e que pelo seu poder

de fascinação pessoal tanto pelas sympathias conquistaram, seria já uma segura afirmação de triunfo.  
O programa da encantadora festa está sendo feito caprichosamente.<sup>2</sup>

“(…) **O Festival do Boqueirão**

Para tomar parte do Festival do Boqueirão, hoje, à tarde, vae o público esportivo da cidade assistir hoje no campo do santo Amaro, o grande torneio organizado pelo Boqueirão, com o concurso dos Grêmios de valor firmado em nossas canchas, cujos os nomes vão a seguir. O Boqueirão, que acaba de passar para a classe dos clubes que praticam o futebol com os pés calçados, adquiriu a pouco regular material. Portanto, é justo que os nossos esportistas ajudem o promotor desse certame, cujo o resultado financeiro reverterá na aquisição do necessário para que o Boqueirão, ao lado dos outros suburbanos continue a trabalhar pelo Pará Athletico.<sup>3</sup>

Neste capítulo, o objetivo principal é a análise dos festivais futebolísticos que ocorriam na capital paraense, na primeira metade do século XX, buscando enfatizar a participação dos vários sujeitos sociais construtores desses jogos, isto é, buscaremos um retrato dessa prática futebolística nas áreas suburbanas da cidade e nos clubes considerados grandes como Remo, Paysandú e Tuna Luso.

Uma das abordagens é entendermos como a prática do Bola-pé passa a ter uma nova representatividade, pois, algumas vezes as construções de estádios e a priorização do profissionalismo com seus treinamentos específicos levam aos questionamento dos jogos da várzea. Dessa forma, abordaremos os jogos que ocorriam nos festivais esportivos como locais de construções culturais, que no seu início em Belém estava atrelado a outras atividades esportivas, como vôlei, pólo aquático, hipismo, regatas, dentre outros. Esportes que faziam parte da chamada “Belle Époque do futebol” onde somente os grupos mais abastados da sociedade belenense, de maneira geral, tinham acesso aos campeonatos que aconteciam na cidade. Situação que começa a ter como marco de mudança na prática futebolística não somente na nossa capital, mas em várias cidades do país, o chamado profissionalismo do jogador de futebol e o seu processo de popularização.

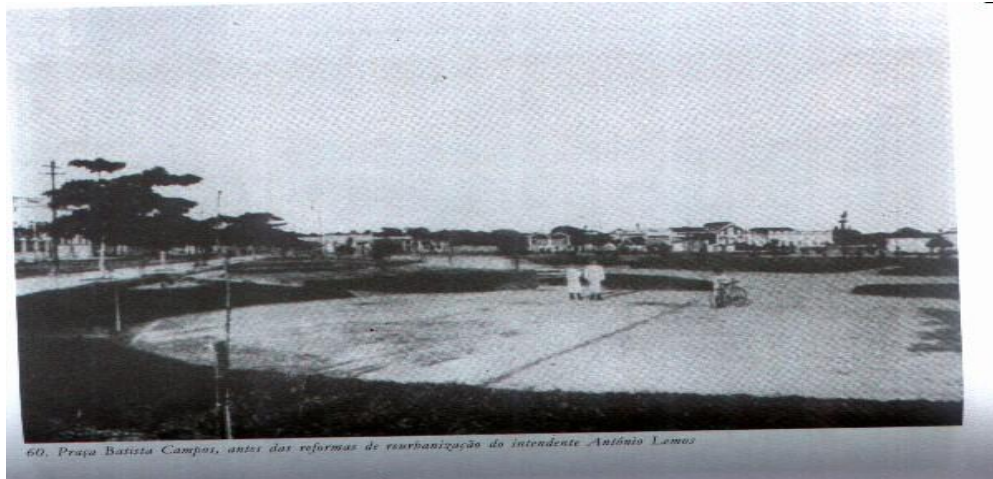
Início do século XX, estamos na cidade de Belém do Pará, onde grandes transformações acontecem, as pessoas andam nas ruas imaginado que estão na cidade de Paris, considerada a metrópole da modernidade, no qual muitos sujeitos enfatizavam como modelo de cidade a ser seguido, tanto no seu aspecto de reestruturação urbana, promovida

---

<sup>2</sup> C. f. Comentário sobre o festival do Cruzador José Bonifácio, um navio da Marinha brasileira que passava por Belém. *Revista A semana*, vol. II. n.º. 89 - 06/12/ 1919.

<sup>3</sup> C.f. Comentário o sobre o festival do Boqueirão na área central de Belém. *Jornal O Estado do Pará*, p. 6. 09/01/1938.

pelo prefeito Haussman, como por ser considerada berço das teorias sobre a ordem, progresso e civilização.



Fonte: SARGES, Maria de Nazaré, Belém, Riquezas produzindo a Belle-Époque(1870-1912.) Belém: Paka-tatu, 2002. 2ª edição. Foto da praça Batista Campos no início do século XX, local onde as pessoas disputavam as suas partidas de futebol.



Fig 59 - Mercado de São Braz

Fonte: FONTES, Edilza, O pão nosso de cada dia, trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954). Belém: Paka-Tatu, 2002. Local próximo da Praça Floriano Peixoto, onde foram disputados os primeiros jogos de futebol.

No campo econômico, os Barões da borracha e as casas estrangeiras comercializavam o látex, produto originário de uma árvore nativa da Amazônia chamada de seringueira. Fato que proporcionava o maior contato com os negociadores ingleses que promoviam a circulação de capitais no território paraense através de objetos que muitos sujeitos sociais ambicionavam da Europa e dos simbolismos que representavam para a região.

Assim, a cidade de Belém do Pará no início do século XX é marcada pelas ambigüidades, metamorfoses, encantamentos proporcionados pelo avanço tecnológico

juntamente com seus significados no discurso de progresso e civilização que se destacam nos rituais da modernidade, evidenciando-se a partir de impressões que estão intimamente ligadas aos artefatos de ferro e vidro, (o trem é a marca desse momento histórico) dentre outros, que ora causam indignação, ora causam espanto e encantamento. Esse processo histórico explicita a quebra das tradições e culturas que pertencem a uma dinâmica social ligada a expansão da cultura européia e seus simbolismos que incluem e excluem os sujeitos no cenário urbano moderno.<sup>4</sup>

Mas, a Belle Époque paraense onde surge o futebol é caracterizada pela prática de vários esportes que vão dinamizar o lazer na capital paraense, isto é, em plena Amazônia vários modismos vão ser disseminados a partir das relações econômicas e culturais com a Europa, inclusive práticas de esportes como remo, boxe, natação, atletismo, que vão caracterizar a vida, principalmente, da juventude da cidade, onde o futebol é apenas mais um dos esportes praticados pelos paraenses que buscavam demonstrar o seu contato com a “civilização” européia.

Nesse sentido, são criados os festivais esportivos que envolviam toda a cidade nos dias de jogos, onde as elites locais participavam dos jogos e os setores populares participavam de forma indireta das disputas esportivas, entretanto com o tempo a participação popular iria mudar, principalmente no campo futebolístico.

Na imagem a seguir é possível perceber a quantidade de pessoas que estavam na sede náutica do Clube do Remo torcendo pelos atletas que participavam ativamente da prática esportiva na capital, inclusive esses sujeitos eram os mesmos que disputavam a modalidade futebolística, dentre outras atividades esportivas que movimentavam a cidade nos finais de semana.

Na imagem também é possível perceber a participação de mulheres junto ao público que se fazia presente na sede do time azulino.

---

<sup>4</sup> C.f. HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma – A ferrovia Madeira-Marmoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 33-39.



Fonte: *Revista A Semana*, 08/02/1919. Foto do de um festival esportivo em Belém do Pará, canoagem na sede do Remo.

Dentre os modismos importados da Europa, o futebol chega em Belém antes mesmo do século XX, com ele uma série de modificações nas relações e construções culturais da sociedade paraense, isto é, a entrada do futebol em Belém do Pará ocorre por volta de 1896, onde algumas partidas desse esporte já estavam sendo praticadas na área da Praça Batista Campos<sup>5</sup>, e depois em outros locais como o largo de São Braz, onde as crianças e os jovens se reuniam todos os domingos e feriados para assistir treinos, partidas de futebol, feitas em campos improvisados entre clubes da terra:

Acostumei-me desde o ano de 1913, a ir todos os domingos e feriados ao largo de São Braz, para assistir aos treinos e às partidas, que ali num campo improvisado, eram disputados entre os Clubes da terra. Destes mereciam minha atenção de

<sup>5</sup> C.f. Entrevista com o jornalista Ferreira da Costa com o Título: “Bola cheia de História” no qual o cronista relata sobre a historia do futebol no Pará, incluindo os locais onde eram praticados os primeiros jogos de futebol em Belém, informando algumas características das partidas que eram realizadas na Praça Batista Campos. *Revista Troppo*, nº 269, pp. 6-7 encartado no *jornal O liberal* no dia 13/01/2002. Ver também: DA COSTA, Ferreira, *A Enciclopédia do futebol paraense*, Belém:1999, vol. I. Há uma referência a esses jogos no livro *a História do Clube do Remo* Ernesto Cruz pp. 19, nº 4, Futebol em 1896.

menino afeiçoado aos esportes, o Grupo do Remo- que usava nos treinos camisa azul e branca com linhas horizontais; a União Esportiva, camisa branca e preta, listras verticais; o Internacional, uniformes todo branco e o Norte Clube chamado Time Negro, por causa das camisas inteiramente pretas.<sup>6</sup>

Os ingleses se destacaram como o grupo de estrangeiros que tiveram grande importância para o desenvolvimento dessa prática esportiva no Estado do Pará, contribuindo de forma direta para o começo das ligas de futebol na nossa capital, pois, muitas famílias abastadas mandavam seus filhos para estudar na Europa devido à própria facilidade de locomoção para o Velho Continente e também pelo contato com os funcionários das companhias comerciais, telegráficas, energia elétrica, dentre outras empresas estrangeiras, que mantinham ligações econômicas com a região, proporcionando um desenvolvimento do “soccer” na capital do nosso estado.

Dessa maneira, é possível perceber que o contato com sujeitos sociais que possuíam tradições esportivas ligadas à modernidade possibilitou aos belenenses, isto é, os que tinham ligações com estas empresas estrangeiras e a juventude dos setores mais abastados da sociedade que podiam estudar na Europa, a participação como agentes preponderantes para que as primeiras jogadas do futebol ocorressem em nossa capital. Um relato de um periódico do início do século XX, explicita como foram organizadas as primeiras partidas de futebol em Belém e quais os sujeitos que participavam:

“(...) efetuou-se no domingo 11 de março de 1906, às 4, 30 da tarde, um jogo de futebol entre dois bons disputantes da época. A partida foi realizada na praça de S. Braz, estando os dois conjuctos assim formados:  
Lloyd  
Redigg e Clissold  
Wright, Melio e White  
Dehr, Balley, Compton, Delfim Guimaraes, e A. Andrade.  
O outro conjucto disputante foi este:  
Bill Balley  
Timbridge e Breach  
Wesley, Ruiz e Borges  
J. Borges Alves, C. Andrade, P. Palmério, Danin e Weitzman  
Diziam os jornais daquele tempo que o time que tivesse LLOYD no goal sairia vencedor. (...)”<sup>7</sup>

O relato do periódico acima evidencia que muitos dos sujeitos que participavam da prática do futebol tinham uma origem ou buscavam uma identidade européia que quebrava com a representatividade de atraso que locais como a Amazônia possuíam (no discurso

---

<sup>6</sup> C.f Relato dos jogos que ocorriam no largo de S. Braz. CRUZ, Ernesto. Historia do Clube do Remo. Belém, de 1905 a 1969. p. 9.

<sup>7</sup> C.f. Relato sobre um jogo de futebol na área de S. Braz. Idem, p. 24.



européu de modernidade), isto é, as tradições amazônicas eram minadas por um processo de modernidade baseado no discurso de progresso europeu, no qual, os nomes dos jogadores e das posições de cada um durante as partidas nas tardes ensolaradas ou chuvosas de Belém de maneira implícita comprovam esse fato. Até os próprios materiais que eram importados para a prática futebolística, assim como uma série de outras mercadorias que eram comercializadas na nossa região, representavam uma tentativa de hegemonia cultural européia que existia através da chamada circulação de capital simbólico, ou seja, o capital financeiro que circulava em Belém também era acompanhado de mercadorias que representavam o modo de vida europeu, simbolizando o que era mais progressista e moderno na época, no sentido de costumes e tradições que tentavam submeter à cultura local.

Nesse contexto, a bola de futebol ganhou um simbolismo de culto ao corpo e de civilização que propagava o modelo europeu, ou seja, havia uma importação não somente de mercadorias mais de todo um caráter simbólico que acompanhava cada uma delas, encantando os sujeitos que não queriam está de fora de todo esse processo de modernidade. Assim, como ocorriam às reconstruções das cidades no padrão arquitetônico de Paris, o futebol, como prática esportiva, cumpria seu papel nessa teia de raciocínio histórico que coloca este esporte não apenas como passatempo das elites, mas como elemento importante para entendermos o sentimento de identidade local que parece controverso, mas cresce através dos festivais futebolísticos populares no âmbito citadino.

Nos primeiros jogos alguns jogadores já eram eleitos os “heróis” das partidas, que inicialmente eram jogados em áreas abertas, como praças, pontos de encontros da sociedade belenense, isto é, locais que podiam mostrar o requinte dos sujeitos que jogavam o “bola-pé” por estarem ligados as práticas esportivas que ocorriam na Europa, demonstrando o grau de “civilização” que uma cidade em plena Amazônia do início do século XX , podia demonstrar.



Fonte: [www.futebolnarede.com.br](http://www.futebolnarede.com.br). Acessado em 12/08/2007. Bola de futebol utilizada pelos “pebolistas” no final do século XIX e início do século XX, no Brasil, inclusive dizem que essas marcas chamadas de Shoot, fustball e Dupont foram bolas trazidas por Charles Muller e Oscar Cox, homens que foram considerados os pioneiros no futebol brasileiro.

Assim, por volta de 1906, Belém do Pará já tinha o seu primeiro campeonato, com várias, equipes com nomes ingleses, inclusive para as posições dos jogadores, entretanto, esse primeiro campeonato teve o seu início e não teve um fim, devido brigas internas, mostrando o nível de competitividade que ocorria nos jogos amadores que aconteciam nos primeiros campos de futebol na capital da Belle époque paraense. Somente mais tarde, vai ser fundada uma Liga de Futebol com apoio do Prefeito de Belém no ano de 1913, Dionysio Bentes , político que chega no ano de 1925 a assumir o governo do Estado, e vai controlar o futebol tentando seguir o modelo inglês.<sup>8</sup>

Esse famoso modelo inglês para o “jogo da bola” surge para definir regras de um esporte que segundo especialistas muitos povos praticavam desde a antiguidade, entretanto, o futebol praticado com regras que conhecemos atualmente apareceu na Inglaterra no período do século XIX, momento em que os ingleses dominavam o mercado mundial, sendo uma das principais potências daquela época. Alguns estudiosos afirmam que o “football e o rúgbi” surgem nos mesmos jogos, criando grupos de adeptos que disputavam a hegemonia dos esportes com bola, no qual os jogadores do esporte que se dominava a bola com os pés ganhou mais força e para se diferenciar dos que achavam que o jogo de bola deveria ser feito também com as mãos, foi criado um grupo que elaborava regras específicas para o esporte bretão, a Internacional Board, surgindo o modelo inglês de se praticar esse esporte.

A partir do contato dos ingleses com outros povos, o Futebol foi difundido pelo planeta, tendo grande receptividade em alguns locais, em outros nem tanto, porém, nos locais que ganhava adeptos, a obediência às regras do esporte Bretão significava seguir um modelo europeu de viver, possibilitando grande prestígio as pessoas que demonstravam ter uma ligação com este ritmo de vida “civilizada,”<sup>9</sup> uma outra fonte nos possibilita enfatizar justamente essa discussão sobre o futebol como representação da modernidade tão difundida no início do século XX:

De um comentarista da época destacamos esse trecho: é-me grato registrar que o campo se achava devidamente calcado e marcado de acordo com as regras do jogo britânico, e mais ainda que os jogadores mostraram-se

---

<sup>8</sup> O modelo de futebol praticado em Belém na época estava bastante ao padrão inglês de jogar bola, inclusive com a criação de entidades que regulavam as regras do esporte. C.f. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. Belém: Cabano, 1º Ed., 2000. pp. 7-9. Ver Também: ROQUE, Carlos, História Geral de Belém e do Grão-Pará. Belém: Distribel, 2001. p.187. Dionísio Bentes foi um político influente nos anos de 1920, foi intendente de Belém no ano de 1913 e chegou a chefiar o executivo estadual no ano de 1925.

<sup>9</sup> C.f. Filme History of futebol, I Fifa 2005.



verdadeiros *spotmen* obedecendo fielmente as decisões do *referee*, não havendo, durante o jogo, um *foul* sequer.<sup>10</sup>

As próprias palavras *referee*, *foul*, *sportmem* tinham como significado em português árbitro, sujo e homem dos esportes respectivamente, entretanto, a escrita e a pronúncia em inglês tinha uma representatividade de reverenciar o padrão de civilização europeu, no caso o inglês. Os nomes de jogadores, os lances das partidas, a referência aos árbitros, mostram como havia o cuidado e o destaque por parte dos primeiros praticantes “do bola-pé” e da própria nascente imprensa esportiva, em lembrar que o jogo contrariava o que era considerado antiquado ou lembrasse um passado colonial, isto é, praticá-lo significava caminhar pelos trilhos do progresso que neste raciocínio levaria a modernidade. Entretanto é importante salientar que enquanto as elites locais estavam embebidas nos padrões europeus de cultura, levando-as a práticas que negavam a origem regional, temos em contrapartida boa parte do operariado inglês praticando o jogo da bola, seguindo um caminho inverso do que ocorria no Pará, por exemplo.

“(…) campeonato de futebol

Na sede do Sport Clube estiveram reunidos, no dia 19 de novembro de 1906, os representantes de várias associações esportivas com a finalidade de darem andamento a idéia da criação da Instituição denominada – ‘Pará Futebol Liga’, para disputa do campeonato de futebol deste estado. até aquela data já se achavam inscritos os seguintes Clubes: Pará Futebol Clube, Pará Clube, Esporte Futebol Time, Clube Recreativo, Brasil Clube, Clube Esportivo e Internacional Futebol Clube.(…)”<sup>11</sup>

“(…) primeiro jogo do campeonato de 1906

No domingo 16 de dezembro defrontaram-se no campo da praça Floriano Peixoto com a presença de numeroso público, avultando o comparecimento de senhoritas da sociedade paraense, o primeiro do jogo de campeonato disputado em Belém. Os contendores foram: Pará Futebol Clube – Belém Futebol Clube.(…)”<sup>12</sup>

“(…) campeonato Oficial do Pará

Estava marcado para o domingo 29 de junho, no campo da praça Floriano Peixoto, o jogo inaugural do campeonato de futebol do Pará naquele ano.

Em nome da Diretoria da Liga, o Sr. T.H. White convidou o Sr. Dr. Dionisio Bentes, Intendente de Belém, e o D. Enéas Martins, governador do Estado, e compareceram a cerimônia.

O jogo será arbitrado pelo Sr. José da Gama Malcher, ajudado pelos esportistas do Grupo do Remo Galdino Araújo e Aimée Feio. A partida inauguração oficial do

---

<sup>10</sup> C.f. Relato sobre como os praticantes do soccer buscavam se aproximar ao máximo das regras inglesas, inclusive pelos próprios nomes. CRUZ, Ernesto op. cit. p. 54.

<sup>11</sup> C.f. Relato sobre a organização de um campeonato de futebol no nosso estado. Idem. p. 33.

<sup>12</sup> C.f. Relato do primeiro jogo do campeonato de futebol organizado em 1906, que foi disputado no largo de São Braz, na época tinha o nome de praça Floriano Peixoto. Idem. Ibidem p. 34. Ver também: CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. pp. 116, 122, 126.

campeonato de 1913 foi travada entre as equipes do internacional e União Esportiva, que terminaram o jogo empatados em 2 X 2. O 2º Match do campeonato foi travado entre Norte Clube (camisa preta e calção branco) e Panther Clube (cores azul e branco). Venceu o Norte Clube por 2 X 0. O Norte Clube era também chamado time Negro.(...)”<sup>13</sup>

A participação de personalidades importantes como o prefeito de Belém, Dionísio Bentes e o governador do Estado, Enéas Martins á época da ampliação da prática futebolística no Pará, nos possibilitam perceber que apesar das fontes descreverem a participação desses políticos no processo de popularização do “soccer” o objetivo para que tais sujeitos implantassem um campeonato desse esporte no Pará estava relacionado muito mais ao prestígio que os integrantes de futebol ganhavam por praticarem um esporte tipicamente europeu do que pela participação de setores populares nesses jogos, principalmente, por estarem envolvidos em disputas políticas que envolviam o governo estadual e municipal muitas vezes.

Os sujeitos sociais que tomaram parte das ações que implantaram entidades esportivas baseadas nos modelos europeus, principalmente os modelos de clubes relacionados aos campeonatos de futebol que ocorriam na Inglaterra, pertenciam a grupos sociais considerados abastados como o caso dos políticos, que muitas vezes tinham formação acadêmica (muitos estudaram na Europa e Estados Unidos) aliada a um bom prestígio nas relações sociais da nossa capital.

Citado no relato jornalístico anterior, o Senhor José Carneiro da Gama Malcher, pode ser mencionado como um desses sujeitos que participavam do futebol para demonstrar o seu conhecimento e prestígio social, o que era comum para os integrantes do “Bola-pé” em Belém, no início do século XX. Gama Malcher foi político aliado de Lauro Sodré, sendo seu Secretário de Fazenda, e durante os anos de 1930 participou dos conflitos que ocorreram na capital paraense na época da posse de Magalhães Barata no qual mais tarde se tornou governador do estado do Pará dos anos de 1935 até 1943, durante um período de quase oito anos, englobando o período da decretação do Estado-Novo. Foi escolhido para o cargo pelo presidente Getulio Vargas, principalmente por ter sido um dos fundadores do Partido Liberal no estado<sup>14</sup>, atividades sociais e profissionais que demonstram a influência deste senhor a época dos primeiros campeonatos em Belém de futebol, sendo escolhido como árbitro da

---

<sup>13</sup> C.f.Relato sobre o campeonato de 1913 que teve como colaboradores o prefeito de Belém Dionysio Bentes e o Governador do Estado Enéas Martins. Ibidem, Ibidem, p. 55.

<sup>14</sup> C.f.Relatos nas páginas do livro sobre a participação desse político no contexto conturbado da Política paraense Durante a Primeira metade do século XX. ROQUE, Carlos. op. cit. p. 146 e 157; 168-169.

partida inaugural do campeonato de 1913. A escolha do juiz (árbitro) era feita de modo a privilegiar as pessoas com prestígio na sociedade paraense, justificando a escolha do político Gama Malcher para esse cargo, que podia decidir as partidas de futebol que ocorriam na época.

Nessa situação, os relatos dos jornais citados no início do texto proporcionam a compreensão do processo de popularização do futebol na sociedade belenense na primeira metade do século XX, que fica evidenciado quando se destaca a fundação de agremiações esportivas como o Clube do Remo, Paysandú e a Tuna Luso Caixeiral, clubes que surgem no contexto dos chamados “sportmens” conjuntamente com práticas esportivas como remo, ciclismo, dentre outros.

A fotografia na página seguinte mostra a imagem de atletas do Clube do Remo, que eram considerados “Sportmens”, pois, praticavam diversos esportes, dentre eles o Water pólo, o chamado pólo aquático, que também servia de lazer e símbolo da modernidade para elite paraense, que buscava seguir o modelo cultural europeu.

Esses atletas seguiam um modelo de vida baseado nos padrões europeus de cuidado com o corpo, onde o esporte servia para identificar de forma simbólica os homens considerados “sportmens”, que para além do lazer, demonstravam ao praticar os esportes de origem europeia um discurso de progresso e civilização.



Fonte: Revista A Semana, 26/04/1919. Times de Water pólo do Grupo do Remo.

Segundo Leonardo Pereira, o processo de popularização do futebol no Brasil começa a se ampliar quando os setores menos abastados da sociedade começam a participar e a criar indistintamente em cada bairro ou local de trabalho sua prática futebolística. Como no caso do Rio de Janeiro, onde membros da Liga Metropolitana buscavam estabelecer restrições étnicas e sociais, porém, a criação de equipes operárias, por exemplo, aumentou a familiaridade dos grupos diversos com o futebol, fato que beneficiou o interesse pelo público sobre jogos de grandes equipes na capital fluminense, aumentando inclusive a arrecadação nos próprios jogos organizados pela Liga Metropolitana, que no início dos anos de 1920 começa a ter que aceitar a entrada de jogadores que pertenciam às camadas menos favorecidas da população, evidenciando o “soccer” como expressão nos campos e nas arquibancadas de inúmeras identidades e diferenças.

Para o Autor, estudar a história do futebol no Rio de Janeiro durante o período de 1902 a 1938 passa por uma análise social onde os primórdios do futebol no Brasil são retratados evidenciando que não houve uma concessão benevolente de tradicionais setores da elite do Rio de Janeiro para os seus clubes suburbanos, mas lutas, embates e construções culturais (inclusive entre os literatos) que vão se enraizar no desenvolvimento histórico do esporte bretão no nosso país.<sup>15</sup> Assunto que também é retratado por Roberto da Matta, que compara o futebol ao carnaval, inclusive com as suas inversões e suas metáforas de confrontos, explicitando o caráter dinâmico das práticas futebolísticas que ocorriam no início do século XX, sendo sua análise baseada no aspecto cultural da implantação e popularização do futebol no Brasil. Esse aspecto cultural sobre a prática futebolística é bastante enfatizado no trabalho de Leonardo Pereira, que tem como base um estudo sobre o processo de popularização do futebol no Rio de Janeiro.<sup>16</sup>

Dessa forma, a partir de uma busca do futebol como identidade cultural do Brasileiro, Bernardo Buarque de Holanda analisa a construção do futebol como identidade nacional a partir das crônicas de José Lins do Rego, estabelecendo através do ponto de vista do cronista não uma identidade nacional unívoca capaz de englobar todo o país, mas uma

---

<sup>15</sup> C.f. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, *FootballMania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro - 1902 a 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. livro que relata o processo de popularização do futebol na cidade do Rio de Janeiro, que é análogo a análise feita no seu artigo intitulado “corações em ação” na Revista de História da Biblioteca Nacional janeiro de 2006, nº 07.

<sup>16</sup> C.f. Entrevista onde o autor revela as construções culturais de um esporte que aparentemente é ingênuo, mas que na sua opinião conta a história do nosso país, sendo considerado como um exemplo de democracia. MATTÁ, Roberto. “Entrevista, Roberto da Matta: o futebol é a maior escola da democracia.” IN: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 1, jan-2006, pp. 42-47.

continuidade reconstruída que juntava diferentes parcelas geográficas e sociais da nação, isto é, o futebol era um meio privilegiado de elaboração e expressão das identidades e as mais diversas “nações”, que tinham nos campos de periferia a suas base, sendo inclusive uma explicação para o aumento da imagem do futebol ligada ao Brasil como “super-potência” futebolística nos anos posteriores. Nesse sentido, para o autor a popularidade do futebol podia ser sentida desde anos de 1910 e início da década de 1920, tendo uma consolidação definitiva a partir dos anos de 1930 com o advento do profissionalismo e o ingresso maciço de jogadores oriundos das classes populares nos grandes clubes.<sup>17</sup>

No âmbito da historiografia regional sobre a prática do futebol em Belém do Pará, não existe um trabalho de construção de uma narrativa histórica que faça uma abordagem sócio-cultural sobre o tema, já que temos alguns trabalhos construídos por jornalistas esportivos que enfatizam muito a atualidade ou simplesmente descrevem os percursos de alguns clubes até os dias atuais, o que não tira o mérito dos trabalhos, pois, muitos nos levam até as fontes pesquisadas ou servem de fonte de pesquisa.

Segundo Arantes, na apresentação da obra “Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna” de Natalie Daves, temos a possibilidade de entender que a autora trabalha com o equilíbrio entre a tradição e a inovação, a interação entre a sociedade e a cultura, ou seja, a análise do fato histórico não é somente sistemática, mas ligada a estudo de caso. Dessa forma, a autora esta ligada a um segmento de historiadores que reconstitui relações dinâmicas entre categorias e grupos sociais, mostrando justamente essa vertente de se analisar história, que não foi feito com relação aos estudos do futebol paraense até os dias atuais, isto é, um trabalho de “tecelão” articulando fragmentos pequeníssimos numa filigrama que procura retratar a experiência social de sujeitos pertencentes às camadas populares, até então praticamente ausentes da narrativa histórica.<sup>18</sup> Análise importante quando estamos estudando o caso do futebol em Belém do Pará, pois, a recuperação do cotidiano das pessoas ligadas a essa prática esportiva é realmente um trabalho minucioso e relevante no sentido de entender a dinâmica social do momento histórico.

---

<sup>17</sup> O autor trabalha com o termo descobrimento do futebol abordando o processo de popularização ligado também ao discurso modernista na primeira metade do século XX. C.f. DE HOLANDA, Bernardo Borges Buarque. O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do rego. Rio de Janeiro:edições Biblioteca Nacional, 2004.

<sup>18</sup> C. f. ARANTES, Antonio Augusto. “Apresentação à edição brasileira.” IN: DAVES, Natalie Zemon (org.) *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*. tradução Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Pelo lado da produção de uma narrativa histórica sobre o futebol paraense, temos o livro à “História do Clube do Remo” construído pelo historiador Ernesto Cruz, que conta a história do clube até o ano de 1969, porém, na obra há uma ênfase a análise dos fatos de forma descritiva em detrimento a análise sócio-cultural explicitada acima, pois, o que temos são relatos que marcaram a vida do clube em questão, no de caso de Ernesto Cruz, não estava relacionado à discussão da construção antropológica e social, mas a uma tendência positivista de fazer história, isto é, talvez não tenhamos trabalhos ligados à construção de uma narrativa histórica, devido muitos estudiosos da história não compreenderem a importância do futebol para entendermos Belém do Pará durante a primeira metade do século XX. Apesar dos méritos de Ernesto Cruz no sentido de ter buscado escrever sobre a história de um dos times mais populares da cidade, o que explicita preocupação com os torcedores apaixonados pelo Clube do Remo e os torcedores paraenses, pois, seu livro retrata vários momentos da História do Pará que muitas vezes são esquecidos.

Na verdade, não temos trabalhos que priorizem a linha da história social sobre o tema no âmbito local, fato que aumenta a responsabilidade em buscar fontes que foram esquecidas por muitos para construirmos uma narrativa histórica que revele parte do cotidiano das pessoas que lutaram e viveram respirando “bola-pé”, criando os festivais esportivos nas periferias e nos grandes clubes como Remo e Paysandú, aumentando assim, a sua rivalidade e popularidade.

Quanto à prática esportiva na cidade Belém do Pará, Michel Pinho busca analisar não somente o futebol mais todas as modalidades esportivas que chegavam à região a partir do contato com povos europeus, inclusive segundo a sua análise, o futebol não era praticado na época do Intendente Antonio Lemos de forma isolada, mas de maneira conjunta com outras práticas esportivas como remo, ciclismo, por exemplo.

Sua narrativa histórica confirma a tendência dos clubes, no início do século XX, em reproduzir os discursos de higienização e saneamento que vão levar a prática de educação física não somente como um benefício corporal, mas como parte de todo um processo civilizatório. No qual, identificar os que eram “mais cidadãos” entre os iguais no discurso republicano da época estava ligado ao poder econômico e pela prática “da educação moral” recebida principalmente da Europa. Elevando dessa maneira o consumismo na cidade de Belém do Pará, onde os sujeitos sociais através do contato com os ares da modernidade se diferenciavam dos que no discurso político republicano eram chamados de iguais, consumido

suas mercadorias e seu caráter simbólico.<sup>19</sup> Por isso, no decorrer dos anos os praticantes de esportes aumentaram na cidade, fazendo com que várias agremiações esportivas fossem fundadas no contexto acima.

### **1.1.1 - A FUNDAÇÃO DO PAYSANDÚ CLUB.**

No dia 02 de fevereiro de 1914, data da fundação do Paysandú, o Jornal 'O Estado do Pará' inseria a última nota, convocando os desportistas para que tomassem parte da fundação do Paysandú. 'Estão convidados todos os interessados na fundação do novo clube de Foot-ball, a comparecer hoje, às 08h00min horas da noite, no prédio á rua Pariquis 22.(...) a reunião foi iniciada às 20h15min horas a uma segunda-feira, 2 de fevereiro de 1914, na residência de Abelardo Leão Condurú, localizada à rua Pariquis 22, entre as travessas Apinagés e São Matheus (atual Padre Eutíquio).

Por unanimidade, a assembléia escolheu os desportistas Hugo Leão, mais entusiasmado com a idéia da fundação da nova agremiação, para presidir os trabalhos, escolha essa feita a unanimidade. Hugo Leão como líder do movimento e na qualidade de presidente da reunião, convidou o desportista Humberto Simões para funcionar como secretário. Em seguida, tomou posse como presidente da sessão, passando a esclarecer a finalidade da reunião, que era da construção de uma nova Agremiação Esportiva, propondo, ao mesmo tempo, a denominação de Paysandú Foot-Ball Club, 'como Homenagem ao feito glorioso e heróico da Marinha de Guerra brasileira ao transpor o Passo do Paysandú, na guerra contra o Paraguai'. A sugestão de Hugo Leão foi motivos de acirradas e acalorados debates na assembléia, que logo se dividiu em duas alas, uma a favor da proposição de Hugo Leão e outra contrária, pugnado pela denominação de 'Team Negra Foot-Ball'. Os debates já se prolongavam por mais de meia hora, até que Hugo Leão colocou em votação uma proposta, que era a da maioria dos presentes. Edgar Proença requereu que a votação fosse feita nominalmente, o que foi aprovado. Feita a votação, registrou-se que a vitória, por maioria de votos dos 42 desportistas presentes, escolhendo-se a denominação de Paysandú Foot-Ball Club.

Em seguida Hugo Leão dirigiu-se a platéia com palavras de agradecimento pela aprovação de sua proposta, que analisou como uma prova de consideração de e cavalheirismo da mesma para com sua pessoa, e da qual não ser merecedor, por que se encontravam outros mais dignos e que constituíam uma plêiade de valorosos 'sportmen'(...) Por último, deliberou-se que o numero de sócios não excederia os 50, sendo considerados fundadores os 42 presentes a reunião, que foram os seguintes: Deodoro Machado de Mendonça, Eurico Amanajás, Gama e Lobo, Arnaldo Moraes, Hugo Manoel de Abreu Leão, Humberto Simões, César Coutinho de Oliveira, Waldemar Macedo, Gastão Valente, Edgar de Campos Proença, Pedro Paulo Penna e Costa, Humberto Macedo, Amadeu Simões, Abelardo Leão Condurú, Heráclito Gurjão, Durval Carneiro, Aldaberto Santa Rosa, Mario Gurjão, Manoel Marques Guerra, Arthur Moraes, Leonel das Neves, Renato Christo, Renato Amanajás, José Penna e Costa, João Barata, Alberto José Leôncio, Manoel Oliveira da Paz, Hugo Mattos, Joaquim Pinto, Antonio Gonçalves, Antonio Garcia, Joaquim Infante de Castro(Sady), Sylvio Serra de Moraes Rego, Antonio Pessoa, Eduardo Pessoa, Antonio Linhares, Waldemar Linhares, Frederico da Costa e Silva, Miguel Pernambucano Filho, Bladgen Barata, Mario Paiva.

A sessão foi encerrada às 22:00 horas em meio de uníssonas palmas e vivas, tendo o presidente, Hugo Leão agradecido o comparecimento de todos,

---

<sup>19</sup> C.f. PINHO, Michel, "O jogo é um jogo: se vence, vence; se perde, perde. Não há desonra. O esporte é higiene em Belém do Pará na primeira década do século XX". Monografia. Belém, CFCH/UFPA, 1997. Trabalho que o autor busca analisar os discursos de saneamento e higiene na capital paraense do início do século XX, demonstrando que a pratica futebolística estava atrelada a uma série de modalidades esportivas que pertenciam a um discurso de modernidade que invadiu o cotidiano dos belenenses.

convocando-os para uma nova reunião, para o dia 10 de fevereiro, no mesmo local.<sup>20</sup>

Fatos “heróicos”, homenagens a recém proclamada República e seus militares, participação de diferentes sujeitos sociais, a fundação do Paysandú Sport Club, nesse sentido, nos possibilita perceber que muitas personalidades importantes da vida política paraense estavam envolvidas na criação de clubes de futebol, como Deodoro Machado de Mendonça, por exemplo, que foi Deputado, Senador, Secretário e Assessor de Estado, Homem político bastante influente na Sociedade belenense do período, onde ora fazia antagonismo, ora apoiava outros políticos da sua época, estando presente no cenário político local.<sup>21</sup>

Deodoro de Mendonça foi mais um dos políticos da época que participaram de fundações de agremiações esportivas, como a fundação do Paysandu, homem de carreira política que demonstrava bastante influência no âmbito social, já que era um proprietário de terras, advogado, funcionário público, professor e jornalista, sendo que chegou a ser Diretor do Jornal “O Estado do Pará”. Foi formado pela Faculdade de Direito do Pará, transformando-se em Promotor Público, no período da década de 1930 se dedicou a exploração de Castanha-do-Pará. No campo político, foi chefe de gabinete de seu tio Virgílio Mendonça então prefeito de Belém(1913), foi prefeito da cidade de Cametá(1923), Secretario-Geral de Estado nos governos de Antonio Emilianno de Souza Castro(1921-1925), Dionysio Bentes (1925-1929) e Eurico Vale(1930). No início foi contra a “Revolução de 1930”, participou da Frente Única Paraense (FUP,1935-1937), entretanto durante o Estado Novo foi Secretario-Geral do Pará no governo de José da Gama Malcher(1937-1943), sendo mais tarde um dos fundadores no contexto da redemocratização de 1945 do PPS, Partido Popular Sindicalista. Fato que nos levar a pensar sobre a importância do futebol como uma construção cultural e social dos sujeitos pertencentes aos setores mais abastados que o praticavam e da reelaboração construída por todos os segmentos sociais que participavam ativamente do esporte, isto é, a individualidade e o coletivo, caminhavam lado a lado no processo de implantação do “soccer” no Pará e na própria criação do Paysandú.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> C.f.Relato sobre a fundação do Paysandú. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. Belém: Cabano, 1º Ed., 2000. pp. 247-250. Relato sobre a fundação do Paysandú.

<sup>21</sup> C.f.BORGES, Ricardo, *Revista Vultos notáveis do Pará*, 2ª Ed., Revista aumentada comemorativa do centenário do nascimento de Deodoro de Mendonça. Edições CEJUP, Belém, 1986. pp. 287-298. Ver também: Relatos nas páginas do livro sobre a participação desse político no contexto conturbado da Política paraense Durante a Primeira metade do século XX. ROQUE, Carlos. op. cit. pp. 153- 154.

<sup>22</sup> C.f. Referência à vida política de Deodoro de Mendonça. BRAGA, Sergio Buarque. Quem foi quem na Assembléia Constituinte de 1946, um perfil sócio-econômico e regional da Constituinte de 1946. Artigo.



Quanto às disputas relatadas na fonte sobre o nome do novo Clube que poderia enfrentar o Clube do Remo nas partidas regionais pela dita hegemonia da prática futebolística, a prevalência do nome defendido por Hugo Leão lembrava uma memória da Guerra do Paraguai, da urbanização feita por Antonio Lemos, que apesar de nesse ano não está mais no poder, acabou sendo bastante enfatizado quando escolheram esse nome, pois, na formação do bairro do Marco pelo “Velho intendente” os nomes de fatos históricos que ocorreram no Paraguai eram comuns (lançar dados sobre o livro do Ernesto Cruz Ruas de Belém), já que tanto nas construções das obras urbanas ou na fundação do Paysandú, o que se procurava era justificar o nascimento de um time ligado a estabilização da República e seus heróis militares. Por isso, o nome “team negra” não prevaleceu, pois, apenas lembrava o nome do Norte Clube o time futebolístico que deu origem ao Paysandú.



Fonte: DA COSTA, Ferreira, Papão, 90 anos de Paixão e Glórias, Belém-Pará- Brasil, 2004. p. 10. Foto de Hugo Leão, fundador, dirigente e jogador do primeiro time do Paysandú.



**1914 - Primeira equipe do Paysandú.**  
Em pé, o zagueiro Bayma, goleiro Romariz e zagueiro Sylvio; ajoelhados, no meio, Jaime, Moura Palha e o inglês Mithchel; sentados, Mattheus, inglês, autor do primeiro gol; Guimarães, Garcia, Hugo Leão, Arthur Moraes.

Fonte: COSTA, Ferreira, Papão, 90 anos de paixão e glórias. Belém-Pará- Brasil, 2004. p.11. Foto do time do Paysandú no ano da sua fundação, 1914.



Fonte: *Revista A Semana*, 13/05/1919. Fotos dos jogadores do Paysandú momentos antes de uma partida.

Para entendermos melhor essa construção de um sentimento de nacionalidade no âmbito interno do time do Paysandú, é necessário que observemos as mudanças ocorridas em Belém do Pará no período de Antonio Lemos, isto é, a sua ligação com à memória das vitórias da Marinha e do Exército brasileiro nas guerras do Uruguai e do Paraguai. Antonio Lemos participou como praça e escrevente da Marinha de guerra brasileira, colaborando a favor do bloqueio de Montevideú, no ano de 1865, e escaramuças da Guerra do Paraguai em 1866.<sup>23</sup> Essa imagem de participante ativo na guerra do Paraguai provocou talvez, a criação de obras no período da sua Intendência em Belém lembrando esses “fatos heróicos” dos militares brasileiros na região do prata, já que as imagens vitoriosas do Exército e da Marinha de guerra nos conflitos na América do Sul serviam possivelmente para mostrar o discurso de processo evolutivo pelo qual passava a nação brasileira tendo como destaque a formação da República com participação importante desses militares, fazendo-nos pensar que o destaque para o heroísmo desses personagens da história servia para celebrar os discursos de progresso e civilização que se tornavam mais evidentes com as modificações no teatro urbano belenense.

Esse fato explicita que na cidade de Belém do Pará a partir da fundação do Clube Republicano, muitas construções urbanas foram feitas com o objetivo de exaltar as vitórias dos militares, que no decorrer da história se transformaram em base sólida para a Proclamação da República no Brasil, no caso de Antonio Lemos apesar de suas desavenças com Lauro Sodré, percebe-se que novos bairros, ruas, boulevares foram criados no período da sua Intendência com o objetivo de enaltecer a modernidade da cidade Belém que se enquadrava

---

<sup>23</sup> C.f. BORGES, Ricardo. op. cit. revista e aumentada comemorativa do centenário do nascimento do de Antonio Lemos. Edições CEJUP, Belém, 1986. 303-317.

no modelo de progresso e civilização ditado pelos padrões europeus, principalmente franceses.

Na memória do Intendente Lemos coube a influencia de uma guerra do Paraguai (1865-1870) onde a sua convocação para a Marinha de guerra Brasileira combinou com as sangrentas batalhas ocorridas no País da região da bacia do Prata, fazendo-nos lembrar do Corpo de Voluntários da Pátria do Pará, que participou ativamente das batalhas na citada região, onde no discurso Oficial muitos homens morreram bravamente lutando pelo querido solo paraense e pela nação brasileira.<sup>24</sup>

Assim, Lemos buscou enfocar as figuras que exaltavam a República e a Guerra do Paraguai, enfatizando as noções de civilização que vigorava na época:

Com a proclamação da República, várias ruas perderam, nos primeiros dias do novo Regime, os nomes primitivos. As ruas da Imperatriz e do Imperador passaram a ser Quinze de Novembro e da República. Proposta do Conselheiro Municipal Dr. Gentil Bitencourt. O Dr. Manoel Barata, insigne Historiador paraense, na época presidente do Conselho Municipal de Belém, propôs, em sessão de 26 de dezembro de 1889, a substituição do nome da estrada do S. José, para Dezesesseis de Novembro, e a denominação de Bulevar da República ao trecho compreendido entre a Doca do Ver-o-Pêso e a Rampa da Sacramenta, precisamente na área da antiga rua Nova do Imperador. No tempo do intendente Municipal Antonio José de Lemos, o velho Lemos, como era vulgarmente conhecido aquele prestigioso político, a cidade teve grande desenvolvimento. Novas ruas, travessas, praças, e avenidas foram rasgadas.(...) No Marco da Léguas, estão registrados, nas esquinas de cada artéria, os nomes das principais batalhas e dos heróis da Guerra do Paraguai: Itororó, Lomas Valentinas, Angustura, Mercedes, Curuzú, Humaitá, Vileta, Curupaiti, Chaco, Visconde de Inhaúma, Marquês do Herval, Duque de Caxias(...).<sup>25</sup>

Atuação mais direta e intensa da Polícia Militar do Pará, na Guerra do Paraguai. Incorporou o Corpo Paraense de Voluntários da Pátria, 1.000 Homens, que sob o Tenente-Coronel do Exército, Joaquim Cavalcante de Albuquerque, embarcou, a 19 de Março de 1865, para campanha contra a agressão do Brasil contra o Paraguai. Levava como Porta-Bandeira e no Posto de Alferes, o garboso jovem paraense Rodrigo Augusto da Gama e Costa. Presidia a Província, o Dr. José Vieira Couto de Magalhães. O Corpo de Voluntários da Pátria, tomou o número 13, e fez cinco anos da Guerra do Paraguai. Outros contingentes mandaria o Pará, e deles o da Guarda Nacional, e comandou o Tenente-Coronel do Exército José Luís da Gama e Silva e que recebeu o número 33. Mas o que mais se distinguiu foi o 13, sobretudo, na sangrenta Batalha de Curuzú, onde destemido e na vanguarda, Gama e Costa foi o primeiro a hastear a bandeira do 13 e a brasileira, na poderosa Fortaleza, assaltada e vencida.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> C.f. Relato sobre a Guerra do Paraguai e a formação do Corpo de Voluntários da Pátria. Ver: Acervo da PMPA-IESP/PA pp. 06-08.

<sup>25</sup> C.f. CRUZ, Ernesto.op.cit. pp. 22-24.

<sup>26</sup> C.f. BORGES, Ricardo.op.cit. pp. 303-317.

A abertura de ruas, bairros em Belém, na época do Intendente Antonio Lemos possibilita a compreensão de como as construções e mudanças na arquitetura urbana estavam ligadas a um padrão estético europeu com um discurso político de exaltação a recém criada República brasileira, onde homens que pertenceram às forças militares tiveram grande destaque na construção dessa imagem, no qual a Guerra do Paraguai recebeu enorme importância, apesar de ter ocorrido no período Imperial brasileiro.

No caso da participação do Pará, podemos perceber que a convocação do Corpo de Voluntários da Pátria que utilizou membros das patrulhas que faziam a segurança da cidade (atual polícia militar do Pará) é bastante exaltada e lembrada como atitude heróica do povo paraense, e que serviu para o “velho Lemos” utilizar nos seus discursos e obras na capital paraense. Inclusive temos o destaque na fonte da Batalha de Curuzú, onde a Polícia Militar do Pará teria tido uma interferência relevante, fato que dá nome a uma rua do bairro que o “Intendente da Belle Époque” reestruturou na capital paraense da sua época.

Portanto, a fundação do Paysandú Sport Club atende a um processo de propagação da civilização europeia que data do final do século XIX, a chamada modernidade, no qual política, memória e cultura estão bastante envolvidas, como percebemos nos nomes das próprias ruas de Belém que exaltam as figuras dos heróis regionais, no caso mais específico do Bairro do Marco da Légua, onde temos uma grande ênfase aos fatos “heróicos dos militares brasileiros” na bacia Platina, inclusive fato que fica evidenciado na fundação do Paysandú, que possui duas explicações para o seu nome, a mais conhecida sobre a vitória no Paraguai e a outra sobre a intervenção brasileira nas disputas políticas e militares internas na região do Uruguai no ano de 1865.

Apesar de mostrarmos a figura do Intendente Antonio Lemos ligado à construção de um sentimento de nacionalidade local aliado à prática do futebol, deixaremos explícito que o mesmo não aparece como sujeito ativo na fundação do Paysandú no ano de 1914, até por que neste ano ele já não estava no poder político de Belém.

No entanto, enfatizaremos que existe uma possibilidade de na homenagem a vitória do Exército e da Marinha Brasileira nas Guerras na região Platina, quando da denominação do novo clube, ocorrer o entrelaçamento de questões como a urbanização, política, militarismo e memória lealista, além do esporte, pois, o time do Paysandú surge no contexto da consolidação da República que construía heróis a partir de uma narrativa histórica ligada a vitórias militares com participações populares, apesar de a proclamação da República ter ocorrido sem a participação das camadas menos abastadas da população.

Na verdade “O Paysandú Clube” surge como um clube de futebol e regatas que relembra a República, a figura de Lemos e sua reestruturação urbana, já que exaltava um símbolo republicano que foi a guerra do Paraguai devido a grande participação das forças armadas que culmina com a participação do exército na política brasileira e a modernidade trazida por Lemos, ex-membro da Marinha que ampliou o bairro do Marco exaltando as batalhas na região platina no nome das suas ruas, forjando uma memória de grandiosidade para a cidade de Belém, assim, como indiretamente para a história do Paysandú.

Quanto a prática futebolística no início do século XX, muitos jornalistas escreviam sobre o cotidiano do futebol belenense, como o próprio Deodoro de Mendonça, Edgar Proença e o Edyr Proença, Antonio Tavernad, Bruno de Meneses, principalmente nos periódicos locais como revista e jornais, como exemplo temos a Revista “A Semana” e os Jornais “O Estado do Pará” e a “Folha do Norte”. Muito do que era escrito não se referia somente aos jogos futebolísticos, na verdade não existia um destaque muito grande para um só esporte, mas, para vários, como remo, ciclismo.

Quando o futebol passou a ter um destaque maior nas páginas esportivas, durante a virada da primeira década e a segunda década do século XX, muitos cronistas usavam uma linguagem quase que poética e palavras de origem inglesa, inclusive comparando algumas partidas com os jogos olímpicos, geralmente agradecendo a Inglaterra por ter tornado universal a prática do Football e seu destino civilizatório. Como podemos perceber na escrita de uma revista da época:

Salvé o, “foot-ballers”!

A través de todas as cidades, quando todas as raças que se educam para a força, os jogos sportivos têm merecido os applausos dos homens, que nelles vêem um dos mais valiosos elementos do seu aperfeiçoamento físico.

Nenhum povo, porém, nem mesmo o romano, conseguiu nesse ponto empanar o brilho da Grécia immortal, que na Elida, sobre as águas poéticas do Alpheu, fez construir o santuário de Olímpia, consagrado a Zeus e destinado aos jogos olympicos, que se celebram de 4 em 4 annos.

A lenda diz que Hércules instituindo os jogos e mais tarde Iphitos, o rei, reestabelecendo-os, segundo os conselhos de Lycurgo. A Olympiada, entretanto firma a realidade histórica dos jogos de então, presididos pelos hellanodices, que faziam os jogadores antes das justas, prestarem juramento sobre o altar de Zeus Herkeios, alguns desapareceram, como os hoplitodromos (corrida armada em uniforme de guerra) o palê (lucta à mão aberta). Outros, porém, subsistiram como os dromos (corrida à pé), o pugne (pugilato) e muitos outros.

Mais tarde o império romano instituiu-se OLYmpilia que era uma perfeita imitação dos jogos olímpicos.

O que porém, na Grécia mais fazia realçar a belleza dessa instituição era a cordialidade que existia entre os jogadores e expectadores, pondo em foco o grau de uma educação aprimorada, assim é que no quinto dia fazia-se à proclamação dos vencedores recebendo cada um a palma e a côroa de oliveira seguindo-se a procissão dos olympionicos e o banquete no prytaneu.

A Europa e o Novo Mundo conhecendo a necessidade da cultura física fizeram substituir os jogos olympicos por outros mais adequados ou mais apreciados, mas não abandonaram os sports entre estes surgiu, obtendo um triumpho sem igual, o **foot ball**, que a Inglaterra exportou para todo o universo, tornado-o internacional. Não rende o jogo bretão a decantada lura albion os mesmos proventos que derivam da fabrica do WISKY ou dos tecidos de Oxford... mas tornou em Grã Bretanha mais conhecida, por ter inventado qualquer coisa que se fez agradável aos povos de todas as raças e de todos os climas, com quanto fosse criado para um clima, para uma raça no logarejo onde não tem entrada, por dispensáveis o champagne da França, o macarronetto da Itália, as uvas de Portugal, phospho-cacau da Hespanha, o queijo da Bélgica e outros productos de outras nações, o foot ball penetra, intrometendo-se na vida pacifica dos povoados, com uma bola de couro e borracha, ageitando a língua das creanças que mal sabem falar portuguez, para a pronuncia de meia dúzia de termos arrevezados como association, ground, of-side, penalty, córner, freeleick e outros que que saem mutilados e por fim perfeitos. E o futebol desta forma thriumphs.<sup>27</sup>

A ênfase a cultura greco-romana tem por objetivo respaldar a prática esportiva, inclusive a futebolística no cenário belenense do inicio do século XX, exemplificando a expansão da cultura explicitada por HARDMAN, no qual a imagem do trem como símbolo da modernidade mostra o processo de avanço do capital simbólico como analogia ao seu percurso nas ferrovias fazendo da cidade o ambiente do espanto, encantamento, ambigüidade, da inclusão e exclusão social. O que fazendo uma analogia com o futebol, a pratica futebolística modificava as atitudes dos sujeitos sociais que buscavam padronizar seu cotidiano pelo modo francês de viver, por isso o discurso do cronista enfatizando a beleza do “soccer” ter sido criado pelos ingleses legitima um processo de metamorfoses e embates sociais que ocorreram em cidades amazônicas como Belém e Manaus, assim como em Buenos Aires, Paris, Rio de Janeiro, deixando bastante claro que a prática futebolística estava a toda atrelada a um discurso de educação física, higiene e civilização e sua reconstrução sócio-cultural.

Além de proporcionar a propagação do discurso em torno da prática esportiva como parte de um “modo de vida saudável”, a nascente imprensa esportiva se tornou importante para o processo que vai levar a popularização do futebol nas décadas seguintes, pois, vai aumentar a cobertura a muitos jogos não somente de futebol, mas de festivais esportivos que incluíam várias modalidades que ocorriam na sede de Clubes tradicionais como o Grupo do Remo. Chegando a tal ponto a preocupação com a escrita sobre esportes que muitos reclamavam não ter o que escrever em alguns momentos que antecediam os

---

<sup>27</sup> C.f. Reportagem sobre o futebol e a sua comparação a história greco-romana como forma de ressaltar seu caráter civilizatório enfatizado pelos seus defensores. *Revista A semana*, Caderno A Semana Sportiva, 22/03/1919.

festivais esportivos, e quando tinham o que escrever sempre faziam referência ao que chamavam de “cultura física” como podemos perceber na fonte a seguir:

Depois da ultima phase de agitação por que passou Belém, após a qual uma espécie de marasmo empolgou completamente a vida sportiva, cahindo numa apathia symptomatica de morte, agora parece que um resurgimento se dá, denunciando nova febre, novo esforço no sentido dum levantamento de acção tao necessária, urgente mesmo, para o avigoramento da nossa mocidade.

Quem diz sport, diz vigor, acção, poder, pois, effectivamente se já o era antigamente, hoje mais do que nunca o sport é uma potencia que se impõe.

Esse resurgimento a que alludimos já disputou atenção de todos, e, como chonista sportivo, da “Folha do Norte”, em recente tópico, sobre a vinda do Nacional Club, de Manaus, a esta capital, fizemos já referencias sobre este facto.

Realmente o esforço que se pratica actualmente em torno da cultura phisica, entre nós, os últimos domingos de movimento, que em terra com os MATCHS de foot-ball e com as partidas de tennis, quer no mar, com as regatas e outras provas náuticas, são um demonstração do asseguramos.<sup>28</sup>

Essa cultura física ressaltada pela fonte acima demonstra o sentimento que alguns jornalistas Imprensa esportiva tinham sobre o amadorismo e a forma como o corpo era visto através dos valores da Belle-Époque, isto é, para o cronista esporte significava vigor, ação e por tabela era o modelo de civilização europeu.

### **1.1.2 - A FUNDAÇÃO DO CLUBE DO REMO**

Quando citamos sobre a ligação do Clube do Remo com a Imprensa Esportiva durante sua participação nos festivais é devido à importância da sua fundação para a prática do futebol no Estado do Pará, que nos exemplifica justamente esse processo de discurso civilizatório embutido no cotidiano da “Belle Époque do futebol”, onde o futebol pertencia a uma série de esportes que revelavam higiene e o saneamento, que influenciou no aparecimento de vários clubes, inclusive o Clube do Remo, como podemos perceber nos relatos abaixo:

No ano de 1905, a partir da dissidência do Sport Club Pará, o Grupo do Remo ( posteriormente, Clube do Remo) foi fundado na data de 5 de fevereiro de 1905, por ocasião de uma regata.

No momento da formação de uma guarnição, que contava com os concursos dos atletas Raul Engelhard, Victor Engelhard, Eduardo Cruz e um filho deste último, houve desentendimento com outros integrantes do Sport Club Pará. Os dissidentes, que a principio eram sete (Raul Engelhard, Victor

---

<sup>28</sup> C.f.Destaque para opinião do jornalista esportivo sobre o futebol e a cultura física, além do mesmo se mostrar desanimado com relação a um período de marasmo sobre a prática do futebol, demonstrando o discurso da época sobre a cultura física. *Revista A semana*, Caderno A Semana Sportiva, 22 / 11/1919.



Engelhard, Vasco Abreu, Eugenio Soares, Narciso Borges, Eduardo Cruz, José Henrique Danin) logo contaram com outros desportistas, os quais fundaram o Grupo do Remo.

O nome surgido para o novo clube partiu de Raul Engelhard que estudara na Europa. Raul lembrou de um clube europeu, o Rowing Club, da Inglaterra e acabou convencendo os seus companheiros, sendo escolhida a denominação de Grupo do Remo.

O Diário Oficial do Estado ano XV, Nº 4049, de sexta-feira, 09 de junho de 1905, publicou os Estatutos Sociais. No 5º artigo, por exemplo, informava que a bandeira do Grupo do Remo se comporia d'um retângulo azul-marinho, tendo ao centro uma ancora, em sentido obliquo, circulava por treze estrelas da mesma cor (...) fundado especialmente para a prática do esporte náutico, o Grupo do Remo teve como primeiro presidente Narciso Borges.<sup>29</sup>

A fundação do clube do Remo é também um marco no estudo do futebol paraense devido a sua ligação com os membros das camadas elitistas de Belém, que proporcionam a prática de vários esportes terrestres e aquáticos representando todo o discurso de modernidade que a cidade estava embebida no início do século XX, sendo demonstrada a partir de sujeitos que através do esporte construía suas próprias concepções culturais.



**Dr. Olavo Martins Leoncio:  
atleta, médico, técnico e  
diretor do Leão Azul,  
campeão várias vezes.**

Fonte: CRUZ, Ernesto. A História do Clube do Remo. Belém: s/e, 1969, p. 377. Foto de um dos atletas do Remo no ano de 1926 que participava dos jogos pelo clube, tanto no festivais, como no campeonato da época.

A foto do jogador Olavo Martins, atleta dos anos de 1920 é uma forma de observarmos a imagem do atleta do Remo que não somente participava dos jogos de futebol, mas era o médico, o diretor técnico, explicitando que nesse momento histórico, ainda perdurava o sentido de “sportman”, isto é, o jogador, o atleta que não vivia do esporte, era o atleta que lutava por um amadorismo discriminador dos setores sociais, já que no caso da

---

<sup>29</sup> O autor escreve sobre a fundação do Clube do Remo e a origem do nome. C. f. DA COSTA, Ferreira. Leão Azul centenário, pp. 9.



prática futebolística não deveria necessariamente haver participação dos setores populares durante as partidas.



do Clube do Remo. já vitorioso desde 1915.

Fonte: CRUZ, Ernesto. A História do Clube do Remo. Belém: s/e, 1969, p. 373. Foto do Remo no ano de 1915.

No dia em que hoje transcorre, em 1905, fundou-se em Belém O Club do Remo, fato determinado por uma dissidência do Sport Club do Pará, á frente da qual se achavam os incansáveis sportmen Raul e Victor Engelhard, Roberto Figueiredo, Antonio Pina e Melo, José H. Danin, Narciso Borges, José Olimpio Gomes, Eduardo Cruz, Jean Marechal, Alfredo Cruz, Eurico e Euclides Borges, Samuel Capper, José Aranha, Abílio Silva, Amaral Meneses, Palmério Pinto, Oliveira da Paz e Outros<sup>30</sup>

DIARIO OFICIAL DO ESTADO  
Ano XV, nº 4049, sexta-feira 9 de junho de 1905

I)

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Art. 1º- fica fundada na cidade de Belém do Pará a sociedade Clube do Remo que se destinará: § 1º - a incentivar, estimular e desenvolver por todos os meios a seu alcance o esporte-nautico neste Estado, promovendo regatas sempre que julgar oportuno e seus recursos o permitirem:

§ 2º . A promover quaisquer outras diversões marítimas que tenham por objeto não só proporcionar aos seus associados útil e proveitosa distração como também, alimentar o gôsto por esta especialidade esportiva.

Art. 2º - não obstante ser este o fim principalmente da Associação, fica entretanto subtendido que ficam excluídas do seu seio de outras distrações nas quais possa encontrar incremento para sua prosperidade e elementos para mais cabalmente preencher o fim a que é destinada.

Art. 3º - O Clube do Remo será administrado por uma diretoria composta três membros, eleitos anualmente na ultima quinzena de dezembro; Essa diretoria compor-se-á de presidente tesoureiro e secretario, cargos que poderão ser ocupados por qualquer um dos três eleitos, conforme eles entre si deliberarem.

Art. 4º - as obrigações e atribuições de cada um destes funcionários acham-se perfeitamente delimitadas pela própria natureza dos seus respectivos cargos; convém entretanto observar que a iniciativa de tôdas as resoluções caberá particularmente ao presidente, que será por assim dizer o centro executivo de todas deliberações.

<sup>30</sup> C.f. Relato sobre a fundação do Clube do Remo, o autor destaca como documento original da criação do Clube. CRUZ, Ernesto. op. cit. pp. 11-13.

Art. 5º - Só poderão ser diretores do Clube os sócios escolhidos entre os 20 fundadores.<sup>31</sup>

A transcrição da cópia do Diário Oficial retrata a oficialização do Clube do Remo no cenário esportivo paraense. A sua fundação representava o momento histórico que ressalta a fundação de clubes com intenção de propagação dos valores da higiene, do saneamento e da civilização européia. No caso do Clube do Remo, o departamento de futebol foi fundado alguns anos depois, pois, nesse momento a prática de canoagem, water pólo, dentre outros também tinham um valor simbólico bastante elevado.



Fonte: Revista “A Semana” , 07/02/1920. Time do Remo que se preparava para enfrentar um jogo com o Time do América de Pernambuco.



Fonte: CRUZ, Ernesto. A História do Clube do Remo. Belém: s/e,1969,p 377.Time do Clube do Remo no ano de 1926, que participava das partidas da época

<sup>31</sup> C.f. Descrição do documento original contido no Diário Oficial do Estado, ano XV, nº 4049, sexta-feira de 9 de junho de 1905, sobre a fundação e a organização do Clube do Remo na cidade de Belém do Pará.Idem, pp. 39-41.



O jogador Olavo Martins foi um dos atletas do clube do Remo que participou de vários festivais esportivos, sendo um dos presentes na foto acima, mostrando que a sua capacidade de jogar pelo Clube se relacionava a condição de atleta e provavelmente dos seus conhecimentos médicos, fator provavelmente preponderante nas suas visões sobre o esporte bretão.



O quadro que derrotou a União Esportiva em 30/10/1932: Orlando, Coelho, Saint-Clair, Chiquinho, Marinheiro, Batista, Vavá, Orlando, Moacyr. Capi e Romildo.

Fonte: CRUZ, Ernesto. A História do Clube do Remo. Belém: s/e,1969,p 377.Foto do time do Clube do Remo no ano de 1932, que participava das partidas da época.

As fontes nos proporcionam conhecer o surgimento de um Clube que estava ligado às paixões de setores da sociedade paraense que se denominavam “sportmens”, evidenciando o tradicionalismo do Clube do Remo, que se originou do antigo Sport Club Pará, famoso Clube da cidade. No primeiro momento, a intenção era dominar os esportes náuticos que com o passar dos anos ultrapassou para as praticas futebolísticas, sendo considerado até os dias atuais como um grande Clube paraense.

O codinome que recebeu de “Filho da Glória e do Triunfo”, no ano de 1931, tem muito a ver com o prestígio que o clube recebia dos praticantes do “bola-pé” e da própria imprensa esportiva, além de demonstrar que o clube possuía grandes vitórias em campeonatos locais em seu currículo. Porém, é bom destacar que esse título recebido pelo clube azulino estava relacionado à paixão do poeta Antonio Tavernad por este clube, fazendo com que escrevesse o artigo no Jornal “A Folha do Norte”, nos evidenciando assim, que muitos

homens letrados desse período tinham um gosto pelo futebol local. A comparação com Hércules, herói mitológico grego, e a sua ligação com os valores da juventude, como força, vontade de vencer, perseverança, ficam claras no momento em que esse autor escreve sobre o Clube do Remo no jornal, é como se fosse uma demonstração de que mesmo existindo outras forças locais, como inclusive o seu maior rival, os “bicolores”, somente o time de azul-marinho possuía o talento futebolístico necessário que lhe dava o toque não só de associação esportiva, mas, de uma pátria de chuteiras, perfeita em suas apresentações e extremamente forte com relação aos adversários<sup>32</sup>.

### 1.1.3 - A FUNDAÇÃO DA TUNA LUSO CAIXEIRAL.

Nesse contexto de implantação e posterior popularização do “soccer” na capital paraense, algumas revistas e jornais abrem espaço para relatar os fatos que corriam dentro dos clubes, como festas que celebravam posse de diretorias ou homenageavam pessoas consideradas importantes na sociedade paraense, um exemplo, dentre muitos, foi uma festa oferecida em 1919 para comemorar a posse da diretoria da Tuna Luso Caixeiral (atual Tuna Luso Brasileira) e o regresso do time de futebol que tinha feito jogos no Maranhão.<sup>33</sup>



Fonte: *Revista A Semana*, 01/03/1919. Time de canoagem da Tuna.

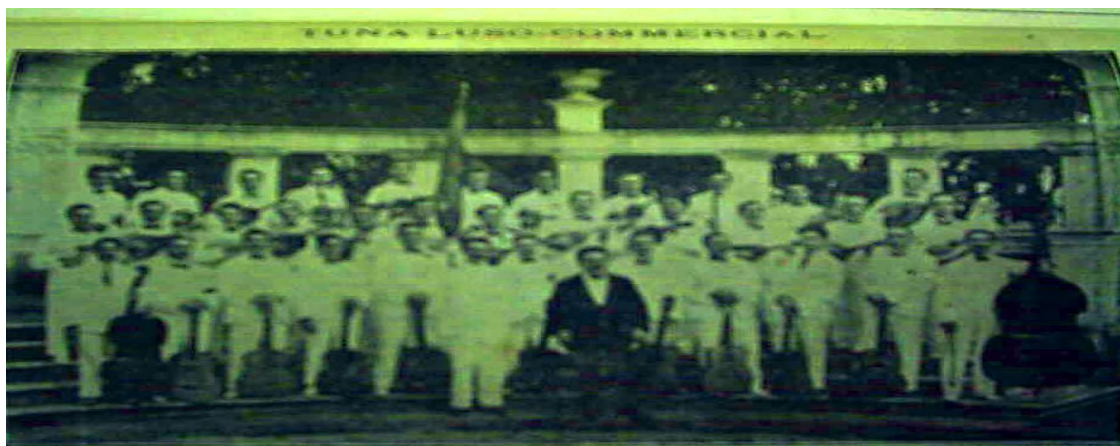
A Tuna Luso Brasileira é um clube que existe até os dias de hoje, no qual apesar da má fase que seu time passou nos últimos campeonatos que disputou, seu contexto de

---

<sup>32</sup> C. f. DA COSTA, Ferreira. op. cit. p. 08.

<sup>33</sup> C.f. *Revista A semana*, *Caderno A Semana Sportiva*, 08 / 03/1919.

fundação é importante para entendermos o futebol paraense, já que o Clube é detentor de 10 títulos estaduais e 2 títulos nacionais ao longo de toda sua história, possuindo dessa maneira um honrosa tradição nos círculos futebolísticos paraense.<sup>34</sup> Seu processo de fundação foi análogo aos outros clubes da capital que surgiram a partir de organizações que cultuavam a prática esportiva no início do século XX, isto é, atividades esportivas ligadas a esportes náuticos como remo, e esportes terrestres como a corrida, ciclismo e o futebol, entretanto, além desses fatores o que favoreceu a sua criação foi a música.



Fonte: *Revista "A Semana"* 08/02/1919. Grupo de esportistas da Tuna Luso.

Nesse sentido, a Tuna Luso que representa a colônia portuguesa em Belém, utiliza no seu nome o termo Caixeral que representa uma orquestra popular com a participação dos comerciantes da época, exatamente essa característica musical que levou que levou um grupo de jovens portugueses a fundar esse conjunto, a fim de perpetuar a chegada ao nosso porto de Belém, para uma visita de cordialidade, no dia 12 de novembro de 1902, do cruzador português, "D. Carlos". Aquela plêiade de modestos caixeiros de nosso comércio, cheia de patriotismo e de saudade, resolveu, após a visita ao garboso navio, reunir-se no extinto café Apolo, e ainda recordando a maravilhosa musica distante da orquestra de bordo, fundar como foi fundado um grupo executante. Manoel Nunes da Silva encabeçou a rapaziada, e dali partiu para a realidade. Providenciou-se logo a compra do material que faltava e em poucos dias o instrumento estava completo. Discute-se a seguir o nome. E lá vem a confirmação do idealismo daquela gente, que assim decidiu: Tuna Luso Caixerial, o que significa Tuna – Orquestra Popular ou conjunto também popular – Luso –

---

<sup>34</sup> C.f.No decorrer das paginas do livro o autor descreve relatos jornalísticos, fotografias de jogadores, dirigentes, do estádio, além dos números de campeonatos conquistados com os respectivos jogos que a Tuna Luso disputou. DA COSTA, Ferreira. op. cit. pp. 168-181.

homenagem à pátria querida e distante. Caixeiral - totalidade dos integrantes que eram empregados do comércio, conhecidos aquele tempo como caixeiros.

Esse conjunto cresceu tanto, que a partir de 1º de janeiro de 1903, quando foi oficialmente fundado, já possuía seu maestro, o famoso musicista português Antonio Lobo, que a passeio por Belém, foi insistentemente convidado e aceitou a grande e nobre missão, logicamente que este era o discurso dos sócios-fundadores da agremiação tunante. A 1ª diretoria da Tuna foi presidida por Manoel Nunes da Silva, que teve como secretários, Manoel Augusto Correia e Antonio Lobo. A 1ª sede da Tuna foi nos altos do prédio assobradado da Rua Nova de Santana, hoje senador Manoel Barata, esquina da Tv Campos Sales, onde atualmente se localizam as instalações da Y. Yamada. Pois bem, o Grupo executante ficou famoso, e além de promover festivais de integração comunitária e social, fazia-os de caridade, em benefício de várias instituições. Sua maior apresentação verificou-se no tradicional teatro da paz, com lotação total. Mais tarde passou atuar nas praças esportivas incluindo sua sede náutica, e depois atuando com seus times de futebol.<sup>35</sup>

A Tuna Luso Brasileira foi fundada oficialmente em 1º de Janeiro de 1903, muito embora as idéias associativas surgissem no dia 13 de novembro de 1902, por ocasião da passagem do cruzador português ‘D. Carlos’ o qual aportara para uma visita cordial .

Acontece, que o comércio de Belém era quase exclusivamente dominado pelos portugueses através dos armazéns, tabernas, mercearias ou quitandas, cujos empregados ou ‘caixeiros’, saudosos da pátria querida, visitaram o vaso de guerra e resolveram, depois de participarem da orquestra de bordo da belonave, fundar uma associação, sendo a mesma denominada ‘Tuna Luso Caixeril’ (Tuna agrupamento de jovens alegres, conjunto popular ou ainda orquestra popular ); Luso por serem todos portugueses e finalmente Caixeril em virtude das funções que exerciam no comércio como caixeiros.

Segundo o GB da Tuna, Manoel Oliveira ,a primeira diretoria tinha como presidente Manuel Nunes da Silva, secretário Manoel Augusto Correia e Antonio Lobo, funcionando como sede inicial os altos do prédio assobrado que existia na rua Manoel Barata (então rua nova de Santana) esquina da travessa Campos Sales, ainda segundo ele, onde hoje está a firma ‘Y. Yamada’.

Em 1926, talvez por terem os antigos ‘caixeiros’ se tornado comerciantes, a Tuna passou a ser denominada de Tuna Luso Comercial e, posteriormente, em 1968, adquiriu a denominação TUNA LUSO BRASILEIRA .<sup>36</sup>

A importância da Tuna Luso Brasileira, como é conhecida atualmente, no cenário esportivo nacional, mostra que o futebol paraense no decorrer da sua história não se resumiu somente ao Clube do Remo ou Paysandú, como muitas vezes nos deixamos levar por

---

<sup>35</sup> C.f. DA COSTA, Ferreira. op. cit. pp. 166-167.

<sup>36</sup> Ressalta a fundação do clube no ano de 1903 por um grupo de comerciantes portugueses que resolveram homenagear a terra natal, isto, a nação portuguesa. C.f.: [www.tunalusobradileira.com.br/Historia](http://www.tunalusobradileira.com.br/Historia), 12/08/2007.

evidências ligadas às estruturas atuais dos principais clubes da cidade, a Tuna, assim, como outras agremiações esportivas ajudaram a criar o cenário futebolístico paraense, que no início da década de 1920 e 1930, começa a se ampliar, com o aumento do número de jogos pelo campeonato paraense e principalmente pelos festivais esportivos que ocorriam em vários locais da cidade.

## 1.2 - OS FESTIVAIS NA CIDADE.

O festival dos acadêmicos realizou-se domingo vencendo nas eliminatórias o Clube do Remo, e no encontro entre Paraense Collegial e Acadêmicos, este último com como magnífico resultado de 3 a 1 bolas.

Foi uma festa deveras magnífica, a de domingo, promovida pelos estudantes de Direito, tendo a ella comparecido grande multidão.

A hora anunciada teve inicio o festival, sendo procedido o sorteio para o 1º encontro que teve como partes o

### Brasil e Phanter

Esta jogo foi arbitrado, com acerto, pelo S.r. Galdino de Araújo. O Brasil asenhorou-se por completo do terreno e ali actuou com facilidade, conquistando dois pontos pelo ponta-pé de Rochinha que esteve deveras excellente.

O quadro tricolor não conseguiu vazar a rêde “brasileira”.

Entram em campo depois o

### Remo e Luso

Com o melhor desenvolvimento e mais tachnica, do que o jogo anterior, desenrolou-se esta peleja que de renhida que foi, arrancou applausos da assistência. O Remo ganhou o Luso pelo mesmo resultado de Brasil e Panther. Com uma pausa de 15 minutos entra em campo para o resultado final da taça “Souza Castro” as esquadras do Brasil e Remo

Que entram em campo sob a direcção do Sr. Aristides Baymam, o qual estreando na diffícil posição do arbitro demonstrou entender do recado.

O Brasil joga com dez homens apenas, pois, Coelho fora machucado no 1º jogo. Sem domínio e num permanente equilibrio debateram-se os quadros, tendo o Remo por final como vencedor, por uma bola a zero.

\*\*\*

A escola de marinheiros, dá entrada em campo e faz diversas evoluções com garbo e rapidez, merecendo francas aclamações do povo.

\*\*\*

Esgottada essa parte, o Sr. Galdino Araújo chama a postos, as turmas do Paraense Collegial e acadêmico<sup>37</sup>

O relato sobre os jogos produzidos pelos acadêmicos do Curso de Direito nos possibilita compreender que na cidade de Belém eram comuns os jogos de futebol, no qual Clubes do centro da Cidade, mais precisamente do comércio, da área de Nazaré, S. Brás, e até de áreas distantes como o Bairro do Marco, participavam de forma efetiva dos torneios que eram elaborados pelas pessoas que gostavam desta prática esportiva.

---

<sup>37</sup> Relata um dos muitos festivais que ocorriam em Belém onde a Tuna Luso Brasileira participou, apesar de não ter ganhado o jogo mostra sua participação ativamente nos jogos de futebol da época. C. f. *Revista A semana, Caderno A Semana Sportiva* – 30 / 07/1921- nº 173, / vol.04;

O interessante é que muitos gostavam de participar não somente pela própria dinâmica do jogo futebolístico em si, mas pelos encontros de diversos setores sociais que participavam promovendo desfiles de escolas, tendo participação de militares sob a organização e participação de clubes tradicionais da cidade, o que trazia uma boa quantidade de pessoas para os locais que ocorriam os jogos, evidenciando que o futebol atraía as pessoas também pela sua dinâmica de jogo, porém, essa paixão aumenta tanto pelos valores que eram repassados de garra, força, perseverança e trabalho em equipe, como pela organização dos eventos que transformavam o “soccer” numa atração dos domingos e feriados, chamada festival esportivo que se relaciona intimamente com a disseminação dos esportes no início do século XX, no qual muitos festivais não apresentavam somente futebol, mas utilizavam outras práticas esportivas como atração, inclusive brincadeiras como corridas de ovos dentre outros, somente mais tarde, Os festivais começam a apresentar como único evento os jogos de futebol, apesar da boa fama dos outros esportes. Existem evidências que esses valores morais repassados no decorrer dos jogos, principalmente nos de futebol ganhou fama nos diversos setores sociais de Belém também pelo seu lado considerado pejorativo, pois, em muitos jogos “o excesso de garra” fazia a imprensa esportiva no decorrer dos anos convocar os diversos sujeitos para comparecerem as partidas no sentido de verificarem os bravos clubes que se enfrentariam, isto é, no clássico Remo x Paysandú, as intrigas, a rivalidade eram comuns proporcionando o comparecimento de várias pessoas nos jogos.

Dessa forma, podemos nos perguntar sobre os festivais, o que seriam os festivais futebolísticos que mobilizavam várias pessoas em toda cidade de Belém? Desde de quando eram praticados? Quais os sujeitos sociais que participavam? Que assuntos poderiam está envolvidos nas festas suburbanas ou de grandes clubes que ocorriam na cidade de Belém? Na verdade, eram festas regadas por muito futebol, bailes nos clubes e festas durante os jogos, ocorrendo não somente em clubes grandes da época, mas também nos clubes suburbanos, que muitas vezes jogavam sem o equipamento considerado adequado, em campos de várzea, terrenos baldios, como o caso do clube Boqueirão, citado no início do texto, mostrando assim, que os festivais esportivos que surgiam na cidade no começo do século XX foram frutos do contato entre a prática futebolística européia e o cotidiano local, no qual, LOPES afirma que esse processo de popularização do futebol começa a acontecer mesmo quando o “soccer” era praticado pelas classes aristocráticas, pois, os setores considerados subalternos da sociedade tinham contato com essa prática esportiva nos grandes clubes e como não podiam jogar nesses espaços, criavam campinhos que apenas se assemelhavam aos campos de futebol dos grandes clubes futebolísticos, isto é, aproveitavam locais com pouca estrutura para jogar “o bola-pé.”



No caso de Belém do Pará, percebemos que independente da classe social, grupos, cor ou “etnicidade”, o futebol foi apropriado de acordo com o cotidiano local.<sup>38</sup>



Fonte: *Revista A Semana*, 18/09/1920. Foto de um festival esportivo promovido pela Loja Maçônica da época, detalhe de uma parada cívica no momento do festival e uma partida de futebol. Esse festival é considerado ponto importante para as comemorações da libertação dos escravos na cidade Belém, segundo os noticiários da época.

O festival da Loja maçônica foi um dos festivais esportivos que evidenciou a participação de determinados grupos das elites que aceitavam um discurso de modernidade, mesmo sabendo que o momento era de crise econômica, que no decorrer dos anos, principalmente após 1ª guerra mundial ocorria a sensação de decepção dos que viveram a ilusão da modernidade. Nesse sentido, a fotografia nos mostra uma partida de futebol disputada no estádio do Clube do Remo, na parte inferior, enquanto que na parte superior temos o início da cerimônia que abriu o festival esportivo através de uma banda de música, dando um maior destaque para um lazer que era bastante comum na cidade, principalmente aos fins de semana, onde os membros da Loja Maçônica, sujeitos de situação abastada no meio social, participavam ativamente.

---

<sup>38</sup> C.f.LOPES, José Sergio Leite. “Classe, Etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro.” IN: BATALHA, Cláudio H. M; DA SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre.(orgs.). *Culturas de Classe*. São Paulo: UNICAMP, 2004, pp. 121-163.



Fonte: *Revista A Semana*, dia 24/05/1919. Time de futebol do Yole Club, nas festas em comemoração ao dia 13 de maio, (fim da escravidão negra no Brasil).



Fonte: *Revista A Semana*, 30/05/1919. Time de futebol do 47º BTL de caçadores, que participava de festivais esportivos na época.

As fotografias acima mostram imagens sobre os clubes que participavam dos festivais esportivos na cidade, inclusive os atletas do 47º batalhão de caçadores participaram da revolta que ocorreu em Belém no ano de 1924, evidenciando que a prática futebolística fazia parte desses homens que viveram o cotidiano da História do Pará a partir de uma concepção militar.

Dessa maneira os festivais futebolísticos eram comuns e não aconteceram somente na década de 1930, momento em que a prática futebolística aumenta na cidade de Belém, mas, desde a chegada do “soccer”, os festivais faziam parte do cotidiano dos finais de semana da cidade, logicamente que as festividades com maior destaque pertenciam às agremiações famosas da época. Assim, não raro, no decorrer dos anos, que os jornais e revistas enfatizassem a proximidade de festivais esportivos, como o do Clube do Remo, considerado o mais difícil e um dos melhores do ano de 1931. Criando uma imprensa especializada, onde os cronistas também criticavam o futebol paraense do período ainda não ter saído da época dos festivais, servindo de justificativa para analisarem o nosso futebol e a sua falta de organização, principalmente a partir da crise da Federação Paraense de Desportos (F.P.D.), considerada por alguns dos seus críticos como local de lutas políticas, onde muitas vezes os clubes suburbanos só ganhavam crédito de acordo com o momento político.<sup>39</sup>

É importante analisar que os padrões de campeonatos do centro-sul do país eram comparados com os dos paraenses, por isso, o desânimo, talvez de alguns críticos do futebol paraense e a sua organização. Na verdade, a homogeneidade almejada por vários sujeitos sociais que viam no “soccer” esse caráter civilizatório era reelaborada pelos diversos setores sociais, de acordo com as especificidades locais, o que talvez fosse um fator importante para o desânimo dos críticos.

Os festivais de futebol em Belém do Pará davam a característica paraense a um jogo que veio da Europa e se popularizou por todo o Brasil, com clubes suburbanos que representavam o cotidiano local e não uma mera imitação dos clubes do centro-sul do país. Clubes como Remo e Paysandú que tinham grande prestígio no cenário futebolístico eram constantemente, convidados a participar de jogos pertencentes aos festivais, inclusive de entidades consideradas suburbanas, fato que provavelmente contribuiu para aumentar a grande rivalidade entre os dois clubes paraenses mais conhecidos no Brasil.

---

<sup>39</sup> Trata do assunto a participação de times que jogavam festivais nos campeonatos da época. C.f. *Revista A Semana, Sports*, 1 nº 66, 11/04/1931.

Dessa maneira é importante salientar que muitos clubes participavam dos campeonatos organizados pela Liga Paraense de Futebol, no ano de 1915, onde vários clubes que participavam dos festivais esportivos resolveram individualizar os jogos de futebol, estabelecendo um campeonato somente de futebol, que ocorria de acordo com as regras e tabela dos jogos que eles chamavam de “football-association”, fato que era associado à prática dos festivais que ocorriam desde o início do século XX.<sup>40</sup>

Além dos tradicionais clubes da cidade os festivais futebolísticos eram feitos por agremiações esportivas que apareciam junto com a ampliação da cidade, o bairro do Marco da Léguas<sup>41</sup> foi um desses locais onde surgiram novos clubes de futebol, e que no decorrer dos anos de 1920 e 1930 foi crescendo a sua participação nos eventos futebolísticos, inclusive com disputas com o Remo e o Paysandú. Tanto que um jornal em 1938 elogia bastante a participação do Marco Sport Club no Festival do “Folha do Norte”, o qual se preparava para enfrentar o esquadrão Remista tendo segundo o cronista esportivo da época boas possibilidades de fazer um jogo disputado com o Clube do Remo e se tornar um grande Clube da cidade, por começar a cumprir algumas regras inerentes ao futebol, como a utilização de uniformes adequados e a capacidade dos seus sócios.

#### O festival do Folha do Norte

O Folha realiza hoje, o seu festival esportivo que se revestirá de grande brilho, dada a força dos combatentes.

Luctarão Remo x Marco, os novos rivaes das “especializadas”, no qual os marcoenses pretendem levar de vencida os azulinos, para se reabilitarem da última derrota (...)

Os marcoenses contam vencer encaravam a lucta como ponto de honra para suas para suas cores. Dahi o brilho que terá essa contenda, entre os dois leões do nosso futebol especializado(...)

O premio disputado por esses dois clubes será a linda taça Gama Malcher <sup>42</sup>

Esse comentário sobre o desempenho do clube Marcoense já tinha ocorrido no ano de 1931, através de um outro periódico que enfatizava que este Grêmio da Cidade Nova (o bairro do Marco) estava fazendo grandes empreendimentos para se tornar um grande time da capital, inclusive com festas oferecidas as pessoas consideradas importantes na sociedade,

---

<sup>40</sup> Descrição de uma tabela do campeonato da Liga Paraense de Futebol , onde ocorria a participação de varias Clubes como Panther, União Esportiva, Guarani, Brasil, que disputavam à primeira divisão de 1915. C. f. CRUZ, Ernesto. op. cit. pp. 76 e 77

<sup>41</sup> Significa a implantação do Marco da posse da primeira léguas patrimonial de Belém, assinalava o término da extensão da propriedade da terra que lhe fora mandada dar, por vontade régia. C. f. CRUZ, Ernesto. op. cit. pp. 32. Ver também: VALENTE, José, A história nas ruas de Belém – Marco e Pedreira, Belém, CEJUP, 1993.

<sup>42</sup> C.f. “Festival esportivo do Folha do Norte”. *Jornal O Estado do Pará*: 16/01/1938, p. 6.

regadas por bebidas e ao som de jazz. Mostrando que os fatos futebolísticos não eram apenas um passatempo comum, no qual, muitos sujeitos “perdiam tempo”, na verdade, consistiam em relações de enfrentamentos e construções culturais, dentre os quais, fatos políticos e militares como a “Revolução de 1930” que também estavam atrelados as práticas futebolísticas da época. Como por exemplo, foi descrito que este mesmo clube faria no mês de outubro do ano de 1931 a comemoração do 1º aniversário do movimento de 1930 na cidade de Belém. Explicitando dessa forma a ligação do futebol com a política, não como objeto de alienação social, mas com aproveitamento da popularização que vai ocorrer dos anos de 1920 e 1930, possibilitando aos políticos a utilização do “Bola-pé” como estratégia de aproximação entre agentes políticos e seus projetos junto às camadas populares.

#### Marco Sport Club-

O querido Grêmio da cidade Nova que pelos seus empreendimentos conseguiu firma-se em nosso meio esportivo, vae realizar no segundo domingo do mês de novembro a sua primeira festa esportiva, em beneficio dos seus cofres sociaes.

- Os Dioclesio A. Gomes de Mello, Mannoel Tavares, Edisio Sousa, e outros no domingo, 27 do corrente, promover uma festa intima, dedicada ao presidente da Assembléia Geral, Sr. Dr. Rosemiro N. Sousa.

Essa homenagem ao esforçado presidente da Assembléia promette revestir-se de grande animação, contenda do programma, um lauto almoço, regado a vinho imperial, seguido de um sarau dançante, ao som de afinado ‘jazz’.

Dioclesio G. Mello, o promotor dessa festa conta com a adhesão de todos os ‘marcoenses’.

Num bello gesto de solidariedade ao Paysandú S. Club, a directoria do ‘sol nascente’ poz a disposição dessa sociedade o seu primeiro time de futebol para tomar parte do festival em beneficio a caixa dos seus atletas.

Tendo o convite sido aceito, a directoria pede a presença dos seguintes jogadores amanhã, a 1 da tarde na sede social : Mangabinho, Pery, Wandick, Pinto de Almeida, Brasil, Firmino, R.S. Castro, Sobral, Osmar, Castello, Machado, Didico, Brandão, Seabra, Péricles, Baptista, Jocelyn, e todos os jogadores do Grêmio.

Associando-se aos grandes festejos que vão ser promovidos a 3 de outubro vindouro, em homenagem ao 1º anniversario da Revolução. O MARCO Sport Club, vae realizar em sua praça de esportes uma festa esportiva em que tomarão parte os principais grêmios da zona.

N próxima segunda-feira, à noite, haverá reunião na sede social, do Grêmio, havendo convidados a comparecer a mesma, para tratar desse assumpto os directores dos Clubes: 1º de dezembro, Boa vista, Gram-Pará, Paraná, Vera Cruz e Curuzú.<sup>43</sup>

No âmbito desse processo de popularização o Marco Sport Club o famoso Grêmio da Cidade Nova (bairro do Marco da Légua distante do centro de Belém), nos anos de 1930 e 1940 aumenta seu processo de urbanização, com maior circulação de pessoas no bairro. Por isso era comum ocorrerem encontros de futebol promovidos por políticos para celebrarem eventos que legitimavam o poder político constituído na época, isto é, a Revolução de 1930.

---

<sup>43</sup> C. f. “Festival esportivo em beneficio do Marco Sport Club”. *Jornal A Folha do Norte*: 05/09/ 1931.

Nesse sentido, percebemos que atos considerados importantes para o governo na época muitas vezes eram comemorados juntamente com a população local, no qual a prática futebolística era um excelente caminho de legitimação do sistema, tanto que muitos Clubes foram convidados a participarem do Festival que ocorreria sob o comando do famoso Clube do “sol nascente”, na verdade um apelido do time Marco. O festival teria dois objetivos principais: o primeiro era de conseguir fundos para a caixa do clube e beneficiar seus atletas e o segundo de comemorar um momento importante para a Interventoria federal no Estado, no sentido de celebrar o primeiro ano da “Revolução de 1930”.

Para fazer a dita festa percebemos que não havia somente a prática do futebol, pois, o presidente da Assembléia Geral do Clube Marcoense organizou um almoço com sócios do Clube, onde ocorreria um show de jazz, com muita comida e regado a muito vinho. No relato jornalístico, o cronista enfatiza que ocorreria a participação de todos que moravam no bairro do Marco, porém, pelo requinte da festa provavelmente nem todos os setores sociais participaram desta comemoração. O exemplo da festa do Marco Sport Club é apenas um dos muitos Clubes suburbanos onde muitas vezes nem toda a população participava, mas nos jogos de futebol a torcida (vários setores da sociedade) de cada membro do bairro era importante, fazendo com que a participação popular aumentasse, já que muitos Clubes do mesmo bairro participavam, dentre eles: o 1º de Dezembro e o Curuzú e outros com maior apoio político como o Paysandú.

Para Pereira, as questões políticas faziam parte das peculiaridades dos jogos e dos festivais que ocorriam e faziam à cidade crescer, onde nos anos de 1940 a 1950 temos a popularização definitiva do futebol e um sentimento de identidade nacional que corria o Brasil de norte a sul tendo uma aclamação internacional nos anos de 1950, com a perda da Copa do Mundo e a conquista da mesma pelo selecionado nacional em 1958.<sup>44</sup> fato que podemos analisar para as peculiaridades dos jogos na capital paraense e os festivais futebolísticos. Por exemplo, no caso das eleições da F.P.D. (Federação Paraense de Desportos) ocorrida no ano de 1931, relatada por outro periódico, nos explicita como os cargos políticos também eram disputados no âmbito esportivo, principalmente os clubes considerados importantes, como o Remo, Paysandú e a Tuna Luso, inclusive com a afirmação feita pelo Cronista esportivo de que estes clubes possuíam as maiores responsabilidades e não seria justo que ficassem de fora de uma eleição tão importante, pois, segundo o próprio cronista que analisava a disputa

---

<sup>44</sup> C.f. PEREIRA, Leonardo de Miranda. “Prefácio”.IN:DE HOLANDA, Bernardo Borges Buarque, “*O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do rego*”. Rio de Janeiro: edições Biblioteca Nacional, 2004.

política que estava chegando, o cargo significava uma vaidade a mais para quem o ocupar, talvez por este fato a disputa para presidente da F.P.D. tivesse geralmente um representante do Clube do Remo e Paysandú.

“(…) AS ELEIÇÕES NA F.P.D.

O observador inexperiente que estivesse, como nos encontramos em contato direto com os círculos esportivos, tiraria dedução do que escuta, da dificuldade de encontrar candidatos para F.P.D.

Julgaria ser verdadeiras a atitude que todos papáveis assumem quando o seu nome e simplesmente apontado de uma peremptória recusa.

Nós porém, somos algo pessimistas, temos como certo que o poder por mais relativo que elle seja, possui sempre uma dose elevada de atracção.

Um cargo que se assume é uma vaidade que se satisfaz, é um titulo que se junta aos já adquiridos. Por isso, não nos surpreendeu a avalanche de pretendentes que apareceram, com a aproximação do décimo dia útil de janeiro corrente.

É um facto muito humano para causar-nos admiração...

De acordo com o nosso modo de agir, temos estampados, sem qualquer comentário, as opiniões de diversos de nossos colaboradores, indicando chapas, preconizando-as. Todos os esportistas serão dignos, desde que dignamente desempenhem a missão que lhes será confiada.

As correntes se definem. Ainda não procuramos apalpal-as, se bem que se calcule desde logo quem as encabeça. Mantendo um modo de ver antigo, acham que é imprescindível a representação entre os dirigentes da F.P.D dos clubes que mais a tornam conhecida e que a sustentam em todos os terrenos.

Clubes como Paysandú, o Remo, a Tuna, os três maiores centros esportivos, devem fazer parte da futura directoria. Não é lógico que aquellos que tem maiores responsabilidades sejam preteridos do cargo que lhe competem. Esta é a nossa opinião.<sup>45</sup>

Quanto a essas peculiaridades regionais que possibilitam uma reelaboração do futebol, no centro-sul do Brasil, o Historiador Bernardo Buarque de Hollanda destaca o gingado como a associação da identidade esportiva, um diferencial étnico do brasileiro que foi aliado às transmissões radiofônicas e a profissionalização oficial do futebol a partir de 1933, como fator de ampliação da popularidade do Bola-pé e do sentimento de brasilidade, no qual segundo os modernistas como Mario de Andrade e Oswald de Andrade a transformação do “football no futebol” ocorreu por um processo de antropofagia, isto é, a capacidade modificar as influencias estrangeiras e transformá-las em expressões genuinamente nacionais, no caso a influencia da música de origem negra, principalmente, vai ser um fator de legitimação e orgulho do brasileiro como craques do esporte bretão, isto é, o carnaval, a capoeira outorga ao futebol as fontes da “brasilidade”, o sentimento nacional.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> C.f. “Relato sobre as eleições na Federação Paraense de Desportos”. *Jornal A Folha do Norte*: 02/01/1931.

<sup>46</sup> C.f. DE HOLANDA, Bernardo Buarque. O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: edições Biblioteca Nacional, 2004, pp. 60-63.

Na verdade, os festivais num primeiro momento ocorriam muito mais no âmbito dos grandes clubes de Belém, porém, muitas vezes se realizavam em locais públicos, como já foi colocado anteriormente, muitas vezes no largo de S. Braz ou mesmo na área da atual praça Batista Campos, possibilitando um maior contato com setores da população paraense que não tinham acesso as essas práticas esportivas, pois, ser um “sportmen”, significava em alguns momentos participar de grupos sociais com um poder econômico e social bem maior, diminuindo a participação dos setores considerados populares. Entretanto, com o aumento dos noticiários esportivos nos periódicos e acompanhamento da população nos dias de práticas esportivas que incluíam o futebol, os festivais tenderam a ganhar características populares, inclusive com festas que aconteciam nas periferias da cidade, descentralizando esse fato histórico do âmbito dos “sportmens” e ampliando para toda a cidade, possibilitando a criação de novas áreas para a pratica dos chamados desportos terrestres.

#### Inauguração do campo de futebol de Ferreira & Comadita

Na reunião realizada pela Liga Paraense de futebol em 06 de junho de 1914, o Conselho Diretor assinou contrato com a empresa de campo do campo em construção, Ferreira & Comadita.

Assim seriam transferidos de S. Braz para a então chamada Avenida Tito Franco, os jogos do campeonato paraense daquela modalidade esportiva.

No domingo 14 de junho foi o nosso campo festivamente inaugurado com o encontro entre as equipes do Payssandu Esporte Clube e o campeão Clube do Remo.<sup>47</sup>

Quando foi criado o estádio da empresa chamada de Ferreira & Comadita construiu-se um caminho que levou a popularização do esporte, pois, além, da adequação dos jogos ao modelo europeu houve a melhoria dos locais onde se praticavam o jogo, já que no início as praças eram locais onde os sportmens gostavam de jogar, depois, com o aumento da quantidade de pessoas que assistiam aos jogos, se tornou necessário que houvesse locais com capacidade tolerar a presença de muitos nascentes torcedores, que muitas vezes eram juizes de partidas, jogadores e dirigentes. Lógico que esse processo não passou despercebido pela população que não era considerada um sportmen, por isso os jogos não oficiais continuaram a ocorrer nas praças de Belém, porém, com maior participação das camadas populares, os ligados a Liga Paraense de Futebol, mesmo ainda tendo esse caráter amador, tinham que ser praticados no campo oficial da cidade, hoje ao atual estádio da Curuzú. Portanto, tanto no campinho como no nascente estádio, o futebol ainda era amador, todavia, é no estádio que a

---

<sup>47</sup> C.f. Relato sobre a inauguração do atual campo da Curuzú, na época da empresa Ferreira & Comadita. CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 65;



popularização vai aumentar levando a um outro processo chamado de profissionalização do futebol nos anos de 1930 e 1940.

terça –feira , 15 de agosto  
aproveitando o feriado de 15 de agosto, data comemorativa da adesão do Pará a independência Nacional, a Liga Paraense de Futebol fez disputar no campo Oficial da cidade , situado à avenida Tito Franco, a partida de campeonato entre às equipes do Remo e Brasil.<sup>48</sup>

A crescente participação das pessoas nos jogos de futebol levou no ano de 1917 a inauguração do campo do Clube do Remo, na esquina da travessa Antonio Baena com avenida Tito Franco, hoje conhecido como o estádio Baenão, mostrando que havia um processo de popularização que aumentaria nos anos posteriores, simbolizando que a criação dos estádios era um caminho para o aumento dos torcedores e jogadores nos clubes da cidade nos seus locais de jogo. Inclusive possibilitou o aumento do número de festivais e jogos do campeonato paraense promovidos pela Liga Paraense de Futebol e nos anos de 1940 pela F.P.D (a Federação Paraense de Desportos), já que nesse momento havia alternativas de locais de jogo principalmente para os grandes clubes da cidade.

Na época da fundação do estádio do Clube do Remo a Imprensa Esportiva destacou com bastante alegria o fato, inclusive enfatizando características do Festival que no ano de 1917 o Remo estava se preparando para promover em comemoração ao novo palco do esporte “bretão” e também pelo aniversário da reorganização do clube que estava completando seis anos.

Entrevista do cronista esportivo Linomar do Jornal a Folha do Norte com o senhor Benjamim Bolonha um dos sócios do Clube.

‘ – Pode V. dar-nos mais esclarecimentos sobre a inauguração do novo campo da Avenida Tito Franco? Como sabe, a FÔLHA disso já se ocupou, e desejávamos dar antes da sua inauguração novos informes aos seus leitores.

- Com muito gosto respondeu-nos gentilmente o conhecido sporman. Sinto todavia, a não poder dar-l’has completas, e isto na parte referente descrição técnica do campo, que é mais da competência dos construtores .

- ouvimos que o Clube do Remo se prepara para festejar dignamente o 15 de agosto de, quando faz seis anos que um grupo de denodados trabalhadores procedeu a completa reorganização que o levou a entidade poderosa que é hoje . e isto é verdade ?

- O ‘ESTADO’ já deu em linhas gerais as festas com que pretendemos solenizar esta data. Dividiremos os festejos em três partes: pela manhã faremos a inauguração geral do campo procedendo-se ao batismo das diferentes dependências.

- Naturalmente já estão designadas as madrinhas que presidirão esses batismos ?

- Precisamente, Mme. Luis Vieira da Silva, será madrinha da casa de jogadores. Mme. Luís Estevam de Oliveira e Jair de Albuquerque e Mlle. Castelo Branco presidirão o batismo das arquibancadas., enquanto as Mlles. Zeneida Sodré

---

<sup>48</sup> C.f. Relato de uma partida de futebol entre Remo e Brasil em comemoração a Adesão do Pará a Independência do Brasil. Idem. p. 99.

Gomes Mmes. Armindo Mota e Tobias Xavier serão respectivamente, Madrinha dos Campos e dos Goals.

A tarde terá lugar a um sensacional encontro entre o time naval e um scratch da LIGA, precedido de um assalto que, sob o comando do Tenente Jair Albuquerque, Farão os rapazes da reserva naval. É, como vê, um programa cheio de coisas ainda inéditas em nosso meio.

- E Benjamim Sodré, jogará sempre pelo time naval? Só essa circunstancia, parece-nos, será suficiente para arrastar uma verdadeira multidão ao campo.

- sem dúvida alguma, tendo já o vitorioso Player feito o seu primeiro treino na quinta-feira última. Sobre este ponto é melhor conservar intacta a impressão que tive do seu admirável jogo, legando ao público a sensação de assistil-o no próximo match sem prévio reclame das suas altas qualidades de foot baller.

A noite não haverá propriamente surpresas... O Clube recepcionara os seus associados e pessoas das suas relações, sendo desejo dar, após um soirée em homenagem as suas gentis torcedoras. Despedimo-nos do valoroso sportman, agradecendo a sua gentileza destes informes que damos aos nossos leitores.<sup>49</sup>

Esta notícia sobre o Festival que estava sendo preparado pelo Clube do Remo para comemorar a inauguração do seu campo possui na sua essência alguns elementos importantes que demonstram como o futebol atraía um bom numero de pessoas para os locais onde iriam ocorrer os jogos, com participação de senhoras onde muitas eram esposas de pessoas consideradas influentes, como a madame Jair de Albuquerque, que era cônjuge do Tenente Albuquerque que estava organizando as partidas entre a seleção da Liga e o time organizado pela Marinha. A Milleide Zeneida Sodré Gomes que leva o nome da família Sodré, tendo como parentes famosos Lauro Sodré que foi governador do Pará e Mimi Sodré, o filho do político importante que era famoso pelo seu jogo de futebol levando-o inclusive a participar do time da Marinha, do Paysandú e do time do Botafogo, além da própria Seleção Brasileira de Futebol, locais onde Benjamin ganhou o seu apelido de Mimi.<sup>50</sup>

Nesse sentido, a entrevista concedida pelo dirigente do Clube do Remo, enfatiza a pratica futebolística como um dos grandes atrativos do festival que tinha uma serie de rituais de batismo de locais que seriam usados pelos jogadores ou mesmo pelo público, com participação de moças, pessoas importantes, como o próprio dirigente da família Bolonha, por isso, o futebol ainda estava ligado, em 1917, aos setores abastados da sociedade paraense, contudo, a criação de estádios como o do Clube do Remo, hoje conhecido como Baenão, nos possibilitam a compreensão de que estava se acelerando um processo de popularização que levaria mais pessoas consideradas subalternas na sociedade para assistirem aos jogos e participarem deles como jogadores, pois, mesmo sendo nesse momento restrita a participação

---

<sup>49</sup> C.f. Relato de uma entrevista feita por um cronista do Jornal A Folha do Norte ao um dirigente do Clube do Remo na época da inauguração do Estádio Baenão. Idem. Ibidem. p. 116.

<sup>50</sup> C.f. Nota sobre Mimi Sodré. Ver: [www.escotismo.com.br/his/his11.htm](http://www.escotismo.com.br/his/his11.htm), 12/08/2007. Relato sobre a interferência de Mimi Sodré e uma Tropa da Marinha no sentido de impedir que incendiassem o Prédio do Jornal "Folha do Norte". Ver também: ROQUE, Carlos. op.cit. p. 165.

de pessoas oriundas das camadas populares nos jogos de futebol que eram disputados nas praças e depois nos estádios pelos membros das elites, a criação do campo proporcionará um aumento das rivalidades “clubísticas” que leva a busca de talentos em outros setores sociais para aumentar o domínio de um determinado Clube sobre o futebol local, minando de maneira gradual com a presença do jogador amador no sentido de disputar os jogos como sportman, como fazia Mimi Sodré, criando o embrião do nosso profissionalismo no futebol.

O novo campo do Remo está situado num dos locais mais próprios a esse fim, reunindo o que até agora mais se tem conseguido de perfeito nesse gênero.

Com 110 metros de comprimento por 70 de largura, é ladeado em toda sua extensão por uma elegante arquibancada com 5 metros e meio de largura e em cuja área se pode localizar 2.500 pessoas. Arquibancada é quebrada em suas linhas de extensão por um pavilhão superior de 12 metros de comprimento por 6 de largura que se destina às famílias dos sócios, ficando a parte interior correspondente da arquibancada reservada aos sócios.

A área ocupada pela praça de esportes é ampla e contém, além dessas dependências, pequenas outras áreas onde serão futuramente construídos court de tênis, piscinas para water-polo e jogos aquáticos, etc.

Para comodidade dos jogadores foi construído a entrada do campo, à esquerda, no elegante pavilhão de cimento armado e madeira de lei, e no qual ficarão localizados também o almoxarifado, secretaria e ambulância. Para os jogadores há duas salas de vestiário, dois banheiros com quatro chuveiros e compartimentos sanitários.

Ao lado deste chalet ergue-se o botequim em estilo pagode chinês, com seis metros sobre quatro.

Para o público de segunda classe foi reservado uma área em todo o comprimento do campo, lado direito, com entrada própria, pela travessa Cond’eu.

As entradas, passeios, mastreame, promenoirs e etc.

Foi tudo feito com maior cuidado e em harmonia com o resto do campo.<sup>51</sup>

A inauguração do estádio do Remo nos proporciona compreender situações de separação dentro do estádio de futebol, mesmo em um momento de popularização, pois, muitos sujeitos sociais não pertenciam naquele momento aos setores que comandavam o Clube do Remo, não possuíam o status social de outros membros do clube, por isso a divisão de lugares para as pessoas assistirem aos jogos, no caso o pavilhão superior construído para os sócios representava a harmonia da construção na visão dos organizadores do festival, já que o estádio do Remo possuía outras dependências onde podiam praticar outros esportes, além do próprio setor das pessoas consideradas de segunda classe onde havia até entrada própria, separando dos setores considerados abastados, ou seja, um simples festival de futebol demonstrava parte dos conflitos sociais que ocorriam na cidade, com suas concepções sobre os diversos setores sociais.

Quanto à prática do futebol no início dos anos de 1930, percebemos que além da atividade esportiva existia o espírito de encontro e diversão entre as pessoas da época,

---

<sup>51</sup> C.f. Relato de uma entrevista feita por um cronista do Jornal A Folha do Norte ao um dirigente do Clube do Remo na época da inauguração do Estádio Baenão. CRUZ, Ernesto. “História do Clube do Remo”. Op. cit. p. 116.

principalmente quando os jogos ocorriam numa comunidade ou agremiação esportiva da periferia da cidade, onde inclusive as mulheres eram bastante utilizadas na preparação das festas que aconteciam junto com os eventos esportivos.

(...) a próxima festa do liberto

Conforme o programa traçado, o time do Liberto, realizará na noite de 9 de setembro próximo, a sua festa mensal.

Essa 'soirée', que será magnífica e encantadora como as demais que esse Grêmio tem realizado, vem trazendo a sua directoria, empenhadíssima para que a mesma não desmereça do sucesso por todos esperado.

Com esse fim, já foram tomadas as medidas concernentes a seleção do elemento feminino, seleção essa que vem sendo uma grande preocupação e da qual depende e da qual depende todo o brilhantismo da festa.

Para os sócios o ingresso será o recibo do mez de setembro.

O Uniãozinho e sua festa mensal

O clube do tenente Senna já marcou dia para seu baile de setembro. Essa festa que será um grande acontecimento na 14 de abril promete revestir-se de franco sucesso e realizar-se-á no dia 9 do mez entrante.<sup>52</sup>

Esse processo de popularização do futebol tem uma ligação muito forte com os festivais que mesmo com as disputas de jogos do campeonato ainda continuavam a atrair muitos expectadores, pois, tanto em campeonatos como nos festivais o futebol atraía muitos sujeitos para os campos.

Muitos jogadores apareceram no futebol com características que enfatizavam a ginga explicitada nos parágrafos anteriores, na verdade não queremos demonstrar que o processo de popularização ocorreu de forma homogênea em todo o território brasileiro ou que estamos meramente copiando o que acontecia no sul e sudeste do país, e sim proporcionar o entendimento das diferenças da prática futebolística que chega a ser pequena, mas cria rivalidades que não são ligadas as grandes equipes do Rio de Janeiro e São Paulo, como no caso da grande rivalidade entre "Azulinos" e "Bicolores", isto é, entre Remo e Paysandú que mostra a cidade agitada em alguns momentos da história dos jogos entre estes dois clubes.

No ano de 1920 um periódico da época ressalta a rivalidade que havia entre as duas equipes, fato descrito como sorte do público que acompanhou a partida, pois, ambos os clubes eram considerados grandes, fazendo do jogo um magnífico passatempo esportivo. O

---

<sup>52</sup> C.f. "Anuncio da festa do clube Liberto e Uniaozinho." *Jornal "A Folha do norte", caderno esportes, 07/09/1933.*

que para o cronista foi uma grande sorte da Liga Esportiva Paraense que estava comandando o futebol belenense.

Com o início da nossa temporada de 1920, não vejo melhor ocasião do que esta para despertar no espírito resolutivo os nossos homens de sport, um sagrado grito de guerra contra o profissionalismo.

O 1º jogo: Remo e Paysandú

- quiz a sorte, com sua bôa estrella, que para início do campeonato deste anno se encontrassem os velhos e nobres antagonistas Remo e Paysandú.

Uma tarde cheia de entusiasmo, um jogo magnífico, duas horas dôce passatempo sportivo.

Bendita sorte que escandalosamente protege á Liga.

O 1º jogo da Liga será um grande jogo.<sup>53</sup>

O Paysandú venceu o 1º match em que se defrontou com o Clube do Remo, a famosa 'eleven' azulina.

Ainda não era três horas já havia chovido. O ground em que se iam desenrolar os half-times do 1º jogo official da Liga estava quase encharcado e as três horas, começou o match com magnífica arbitragem de Julio Camara, incontestavelmente o 'príncipe' dos nossos 'referees'. O desalento com que esperei o começo do grande jogo, desapareceu desde o momento em que de relance, examinei a organização dos dois 'teams', \anotando para o logó metier admirável com que fora composto.

As primeiras investidas pertenceram aos rovers-foot-ballers. Formiguinha ameaçou duma feita numa linda escapada, as traves confiadas a perícia de joãozinho. Isso nos ensaios dos 8 min. Do 1º tempo, ensaio que se fizeram espécie de vernissage para os torcedores e torcedoras e que para os que luctaram em campo, nao foram mais do que 'apalpa terreno', 'prepara para descarregar o jogo' e 'disparar' e jogo... E foi isso certamente.

Dentro de uma quarto de hora, andavam suspensas todas as almas e o embate, inaudito, prosseguia firme de belleza e pujança.

Os *paysandúmens* dominava o jogo e a assistência. Uma exaltação, um grito, palmas unísonas e felris coroavam o 1º 'goal' vasado contra o Remo, muito embora a vigilância de gato com que actuava Francelizio prejudicado ante a precipitação, falta de calma e jogo nenhum de Memede, o conhecido full-back das occasiões e que pouca demonstração da intelligencia ha dado no posto que ocupa.

Enquanto passava o intervalo do 1º tempo o Dr. X... conjectavam.

- vamos tirar a diferença – dizia elle.

- duvido o nosso pessoal, hoje, está taco...

E o resultado encontro favoreceu, como se esperava os melhores entendedores da technica do foot-ball.

Mas, francamente, se o 2º half do match, tempos a marcação do 2º goal do Paysandú, escureceu, de vez, a victoria remista, esse escurecimento mais se accentuou com a chuva impiedosa que cahiu, como uma verdadeira tempestade diluviana, impedindo-nos da continuação regular de uma pugna brilhantissima.

Excuso-me de falar, e o digo com muita sinceridade, por simples amor á arte do chronista, sobre o que se passou no campo completamente inundado.

Patinar foot-ball não é jogal-o...

E lembrei-me, naquelle momento, então, do aviso que o ceo me dera.

Reconheceu o Club do Remo perfeitamente a superioridade manifesta do seu leal competidor.

Ao trilar, encerrando o jogo, o apto do referee, os dignos rivais de 6 anos abraçaram-se e abraçados sahiram do campo, sob estridentes applalsos.

Começou uma vida nova para o 'foot-ball paraense'.

Victorioso o Paysandú tem a gloria de ser considerado o campeão paraense de perseverança sportiva.

A elle pois um grande urrah!

---

<sup>53</sup> C.f. Reportagem sobre o início do campeonato paraense e o comentário sobre a sorte de se ter um RE x PA logo no primeiro jogo, devido às peculiaridades das partidas. *Revista "A semana" Caderno A Semana Sportiva*, 15 / 05/1920.

O Club do Remo fica-lhe a dever essa primeira derrota que para o Club azulino é uma grande victoria do sport da terra que estremeceamos. justo é que, finalizando estas considerações, digamos, sem peias de dependencia moral, que o Paysandú foi o intermediário mais feliz dessa sublime conquista.<sup>54</sup>

Os jogos entre Remo e Paysandú nos anos de 1920 para muitos amantes da bola representavam os melhores embates da época não somente pela técnica que era enfatizado pelos jornalistas ou expectadores e sim pelo grito contra o profissionalismo, pois, existem algumas evidencias nos escritos jornalísticos que o chamado profissionalismo era um tormento para o chamados spormens que não aceitavam que a característica de prática esportiva fosse deixada de lado apenas por dinheiro. O grande problema surge quando alguns jogadores dos setores sociais menos abastados iniciam a sua participação nos jogos, fato que muitas vezes lhes dava fama, porém, não representava ascensão econômica. Por isso alguns clubes faziam jogos em beneficio de alguns jogadores. Dessa maneira, os indivíduos contrários ao profissionalismo achavam que os jogos eram prejudicados, devido muitos clubes pagarem salários para os jogadores de forma velada, colocando como amadores, no entanto, vários sujeitos começam a participar dos jogos pelo próprio dinheiro ou emprego que alguns clubes lhes oferecia, por isso o discurso nacionalista em torno do Re x Pa para que o amor a camisa fosse solidificado em contraposição ao processo de profissionalização no qual a popularização do soccer estava favorecendo. Por isso, muitas vezes a luta contra o profissionalismo em torno dos jogos de futebol na capital paraense significou também a luta de alguns setores sociais contra a entrada de sujeitos considerados das “classes perigosas” nos clubes de futebol, quebrando com o amadorismo-sportmem e a ênfase ao soccer como prática salutar para vida diária, onde o esporte era praticado como parte de um processo de manutenção da saúde e prazer da prática esportiva em favor do jogador profissional, que não deixava de ser amador, no sentido atual do número de treinos, a maneira de jogar no campinho, mas se transformava no sentido do contrato de trabalho com garantia de alguns direitos, principalmente o salário, o que significava a criação de uma classe de ociosos que vagavam de clube em clube em busca do dinheiro em detrimento ao amor a camisa do clube.

Nos anos seguintes os jogos entre esses dois rivais tendeu a se exaltar e aumentar a participação de policiamento, público masculino, mulheres, dentre outros sujeitos sociais que assistiam as partidas. O fato é que apesar do aumento do número de clubes no decorrer dos anos e com o uma ampliação dos festivais futebolísticos que vão sair do âmbito dos “sportmens” e invadir os bairros periféricos de Belém, as disputas, a fama desses dois rivais

---

<sup>54</sup> C.f. Comentário sobre o jogo Remo e Paysandú ocorrido pela Liga Esportiva Paraense onde houve a vitória do Paysandú. *Revista “A Semana”*, 29/05/1920, nº 113, vol. 3.

vão permanecer e se ampliar proporcionando verdadeiras pejeas com pescaria de juizes, disputas pela posse da bola de forma acirrada, gols de mão, disputa da partida no escuro, brigas generalizadas entre torcedores e jogadores, ações agressivas do policiamento nos jogos, principalmente nos campos do Remo e Paysandú, dentre outras características de um Re x PA, que lembra um pouco desses jogos na atualidade.

A tarde do Nacional – pancadaria das grossas e outras bellezas que há muito tempo já não se viam em nosso campos

Futebol

A tarde esportiva do Nacional, ontem, esteve brilhante por todos os títulos, pela animação e pelas brilhanturas havidas em campo onde se reviveram fatos deploráveis, provocados por certos atletas que se viram atacados do mal súbito de capadocite aguda.

O brilhantismo esteve na presença numerosa de grande público e na vibração dos jogos.

O Folha derrotou o Sta. Rosa do Pinheiro, por 1x0, enquanto a Tuna e Transviário empataram por 2x2.

A great attraction da tarde atlética, era um encontro sempre sensacional entre Remo e Paysandú.

Chega o momento para ter inicio a peleja, mas há, preliminarmente, como é de praxe, longa espera, porque ainda se iniciava a pescaria a um juiz.

Appareceu, após cabulosas dermachés o jogador tunante Lulico e deram-lhe o apito.

Vêem-se na equipe do Remo: Orlando, Enadro, Edilberto, Trindade, Fausto, 77, Moacyr, Bandelack, Jango, Capi, Véve, no alv-azul formaram Manduca, Penna, Newton, Marianno, Baptista, Pedro, Erberto, Vitinho, 40, Heitor e Confusão.

Aos dois minutos do inicio da pugna, 40 marca o primeiro ponto para o seu clube e já no ultimo minuto da primeira phase, Bandelack assinalava o primeiro tento azul.

Ao reiniciar-se a contenda, aparece no azul Ita, que substitue Moa.

Enfrentam-se, corajosa e violentamente as duas equipes. Capi a certa altura, dribla Marianno, Baptista e Penna, indo deixar o balão nas redes rivaes. É o 2 tento remista.

Mais tarde, Jango aloja a bola no arco alvi-azul, e dessa forma conquista o 3 ponto do seu clube. Faltam dez minutos e a noite aproxima-se, ninguém enxerga mais o balão e mal se divulgam os movimentos dos jogadores em campo.

Há uma investida alvi-azul e surge o 2 ponto desse clube cuja autoria não pudemos authenticar.

O time azul protesta vehementemente contra a marcação desse ponto, por julga-lo ilícito feito com as mãos. O juiz porém, confirma-o, desprezando a oppinião dos juiz de goal, o qual vendo-se desconsiderado, manda as favas o posto que lhe deram, pois, não quer servir de dois de paus.

A essa altura a gente se vê tudo às escuras... assisti-se sob revolta intima, um verdadeiro massacre entre os contedores que se vêem favorecidos com a impassibilidade do juiz. O qual não teve forças ou não quis usar da sua autoridade para reprimir a cafajestada. Os ânimos em campo vão num crescendo incrível. Falta um minuto para terminar a partida quando Marianno agride Véve. Era o rastilho,

ahi, entram em cena o tabefe, o pontapé, o rabo de arraia, enfim, o bochicho. A policia age resolutamente. O povo invade o campo e o tumulto generaliza-se.

Entre a cavallaria no gamado, não há mais futebol, o campo lembra um picadeiro de circo.

Houve quedas, empurrões, mas, em dois minutos a cavalaria consegue evacuar o campo, pois, peixe-espada não é brincadeira...

Foi o que houve na tarde de hontem.<sup>55</sup>

O sentimento de “brasilidade” ressaltado por alguns estudiosos, como Bernardo Buarque de Hollanda, foi construído a partir de especificações dos jogos de futebol com partidas sendo disputadas pelos setores populares em terrenos abandonados, sem a necessidade de possuir todo o equipamento, apenas uma bola que poderia ser até de pano. A própria imprensa esportiva e as transmissões radiofônicas vão proporcionar uma massificação das informações sobre os times de futebol que tomam conta dos noticiários esportivos ajudando a expor as qualidades dos jogadores e a imagem de superioridade do futebol brasileiro que vai se ampliar no decorrer dos anos de 1950.

O Radio Club do Pará venceu é uma dessas glórias que bem exprimem o axioma: gloria sem lucta não é gloria e por isso a concorrência que tiveram as suas duas festas de segunda e terça-feira. Naquella foram inaugurados as novas instalações e um retrato do interventor federal Major Magalhães Barata, que o rádio tem entre os seus maiores bem feitores e o que compareceu pessoalmente. Terça-feira, P.R.A.F reuniu Belém chic numa ‘soirée’ dansante, animada e selecta, super lotou a sede da P.R.A.F. A SEMANA foi convidada e compareceu as duas boas reuniões.<sup>56</sup>



Fonte : VIEIRA, Ruth; GONÇALVES, Fátima, Ligo o rádio para sonhar, a história do rádio no Pará, Prefeitura Municipal de Belém, Belém-Pará, março de 2003. p. 51. Imagem de Edgar Proença, um dos fundadores do Paysandú e da Radio Clube do Pará .

<sup>55</sup> C.f. “Confusão num jogo entre Remo e Paysandú.” *Jornal “O Estado do Pará”*: 03/10/ 1938.p. 4.

<sup>56</sup> C.f. Comentário sobre a inauguração de novos equipamentos da Radio Clube do Pará com a participação do Interventor Magalhães Barata inaugurando também o seu retrato no local. *Revista “A semana” Caderno A Semana Sportiva*, 20 / 05/1933.



Esse sentimento de caráter nacional pode ser observado, nas crônicas esportivas escritas por jornalistas como Bruno de Meneses e Edgar Proença, no âmbito regional, isto é, os Jogos entre Remo e Paysandú ultrapassam os limites de um simples jogo de festivais e começam a fazer parte das peculiaridades da cultura belenense e paraense.

“(…) O grande embate de amanhã

o mais sensacional encontro de football do campeonato. Vae ferir-se amanhã. As hostes do clube do Remo enfrentarão as do paysandú. Qual das duas vencerá? A resposta é bem difícil. Ambas as esquadras estão treinadas, embora lhes falte o concurso de elementos valiosos, nenhuma perdeu ainda o rigor tecnico. Os azulinos, vanguardeando a tabella não querem perder o prélio, e o Paysandú com empate já trata de cobrir a diferença, de maneira a reconquistar as glorias do campeonato. Os palpites chovem, mas não podem haver previsões seguras. Vencerá o mais inteligente, o que tiver chance nas oportunidades, orientando as linhas com firmeza, calculando a distribuição até o arco do antagonista. Com este propósito vão as duas forças pisar o grammado e o público espera ansioso a hora do inicio dessa lucta formidável.<sup>57</sup>

O jornalista Bruno de Meneses nasceu no dia 21 de março de 1893, no bairro do Jurunas, filho de família simples tornou-se um autodidata, pois não conseguiu concluir seus estudos. Em 1913 publicou seu primeiro poema, “O Operário”, em que já se percebe uma forte preocupação com o social, característica bastante explorada pelos escritores modernistas. Dentre os Jornais que trabalhou em Belém do Pará temos como destaque para a “Folha do Norte”, onde escreveu varias crônicas, inclusive na revista “A Semana” , contribuiu na difusão da cultura popular paraense, principalmente em suas obras como “O Boi – Bumba” e o “São Benedito da Praia”.<sup>58</sup>

Nesse sentido, o processo de construção dos festivais esportivos estava atrelado a um movimento global de expansão do futebol brasileiro, porém, cada espaço possui suas relações e construções sociais, demonstrando peculiaridades que não vão ser encontradas em nenhuma outra cidade do Brasil, por isso, podemos ver o futebol em Belém com determinada autonomia a respeito da popularização que ocorre em todo o país.

Recebemos o convite para a vesperal da Tuna Luso Comercial amanhã em sua luxuosa sede. É mais uma oportunidade para os tunantes e suas famílias passarem uma bella tarde de domingo, variando do cinema, do footing ou das terrasses. Não

---

<sup>57</sup> C.f. Comentário sobre um RE x PA e ansiedade do publico que esperava pelo confronto. *Revista A semana, Caderno A Semana Sportiva*, 27 / 06/1931.

<sup>58</sup> livro texto e pretexto – a experiência da educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos, ed. CEJUP, 1992, pp. 14-15.

faltaremos. A SEMANA está habituada a frequentar a Tuna e sabe que as suas festas são cada uma que se realiza motivos para mais admirar-a e desde o término desta, logo se ficar perguntando quando será a próxima.<sup>59</sup>

Dentre as inúmeras festividades futebolísticas como a citada anteriormente, no interior desse processo, ocorriam as contraposições do campinho de futebol e o Estádio que ressalta a importância dos embates entre o profissionalismo e o amadorismo do jogador de futebol, que vai conviver com os adeptos das práticas corporais salutaras para o organismo e a possibilidade de ascender socialmente sendo mantido por um salário ou mesmo sobreviver com empregos que dirigentes “caçadores” de jogadores lhes arrumavam com a intenção do sujeito “jogar bola”. Isto é, para construirmos uma narrativa histórica dos festivais futebolísticos devemos compreender esse “mundo do futebol” criticado por muitos cronistas que não aceitavam esse profissionalismo disfarçado, já que a peregrinação de jogadores e a falta de amor á camisa não proporcionavam de acordo com as suas visões um desenvolvimento honesto do esporte.

#### Os Sports

Chegamos, a passos tardos ao término dos campeonatos de 1930. Isto já é um consolo, embora os horizontes desportistas se venham pejando em nuvens escuras e ameaças doras de tormenta. Será isso motivação capaz de determinar o retardo do campeonato deste ano? Não o sabemos os ânimos se exaltam e os interesses se chocam assustadoramente em face de um acto que a pendência recomenda se efetivasse com mais lentidão.

Fomos nós, dentre os louvadores da medida, o primeiro a julgar-a excelente, mas precipitada, por que os vícios do meio requerem melhor estudo, um trabalho mais amplo de selecção. Tendente de afastar, pelo preparo metódico e aproveitamento de reservas, os elementos que se dizem reacionários, apegados a maioria criminosos dos chamados baluartes de regionalismo. Os nossos clubes não resistem ao rigor da medida, e desta secção, já fizemos ver, de uma vez, a inutilidade dos núcleos federados, cuja a única preocupação se exerce na caça cotidiana de bons jogadores, vivem todos alheios a sua verdadeira finalidade. Não educam, não instruem e nem concorrem para verdadeira pratica do esporte. A confirmação do nosso commentario vae se operando aos poucos e se a Federação quizer o estado que será reduzida, basta fincar o pé no cumprimento da resolução tomada. Não temos amadores, com raras excepções, o ‘foot-ball’, para os nossos jogadores é porta aberta ao gosto da ociosidade, poucos trabalham. O profissionalismo disfarçado corroe os Clubes, reduzindo a verdadeiras inutilidades. Ninguém veste uma camisa ou defende um pavilhão por amor. A peregrinação pelos suburbanos transformou o amator num oportunista inveterado.

Que a Federação estudando a questão por este lado, enverede pelo caminho de providencias novas, obrigando as sociedades filiadas ao cumprimento das obrigações e promovendo campeonatos juvenis e infantis, que de principio, se possam integrar no conhecimento dos dispositivos estatutários.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> C.f. Comentário sobre uma festa na sede da Tuna Luso. *Revista “A semana” Caderno A Semana Sportiva*, 23 / 06/1934.

<sup>60</sup> A reportagem destaca a sua indignação com relação ao profissionalismo, principalmente o disfarçado, já que para ele a falta de amor a camisa gerava uma verdadeira peregrinação nos Clubes, dificultando a prática da educação física. C.f. *Revista “A Semana”*, 23/03/1931.

Como podemos constatar, a década trinta do Século XX é um período de transição entre o futebol amador e o profissional, logicamente sendo um processo demorado e variado em cada Clube, principalmente por que ainda se defendia a prática esportiva pela saúde, além das críticas que muitos jogadores sofriam pelo fato de não trabalharem e viverem apenas do futebol. Para os críticos do profissionalismo, o amador era um oportunista inveterado, não buscava trabalho, pois, o sistema que estava sendo criado proporcionava que proliferasse um bom número de pessoas que não queriam trabalhar, vivendo apenas de jogar futebol nos Clubes da cidade, muitos até se transformavam em amadores disfarçados, no momento que muitas vezes até trabalhavam em empresas ou entidades públicas, porém o que os mantinha nos seus trabalhos eram suas habilidades com a bola.

Para Lopes a defesa do futebol amador por determinados setores da população explica a tentativa de manter uma estrutura onde não houvesse possibilidade de ascensão de setores sociais considerados subalternos, como negros e mestiços.<sup>61</sup> No entanto, a aliança feita por alguns literatos modernistas do futebol com a arte, principalmente, no que diz respeito às características físicas e a técnica dos jogadores nacionais, explicam a contratação de sujeitos sociais pobres por clubes da elite, no caso de Belém os dois grandes rivais (Remo e Paysandú), provocando a discussão do amadorismo e seus setores aristocráticos versus o profissionalismo que aceitava os jogadores do amadorismo de várzea, popularizando cada vez mais um esporte que no seu princípio era aristocrático e simbolizava a modernidade.

Nesse sentido, muitos jogadores que surgiram no decorrer dos anos de 1920, 1930 e 1940, surgiram justamente a partir de um processo de popularização que muitos sujeitos sociais preferiam evitar, já que na sua essência o “foot-ball”, foi um esporte interligado a um sistema de mundialização que avançava no início do século XX, proporcionando um sentimento de modernidade que não era compatível com os diversos setores sociais no mesmo ambiente, fazendo que muitos “saudosistas” criticassem a participação de cabos e soldados, negros, mestiços e pobres nos Clubes que no início proporcionava a cultura da educação física, isto é, na verdade, o futebol surge nos Clubes e depois vai para a várzea, dando uma característica brasileira a um esporte que veio da Europa, e devido a sua própria peculiaridade de ser praticado de improviso, com qualquer número de jogadores, mesmo com desníveis de

---

<sup>61</sup> C.f. LOPES, José Sergio Leite. Op. cit. p.p. 122-163.

idade, sendo jogado a qualquer tempo com vários materiais possíveis, inclusive bola de papel, o futebol teve bastante êxito entre as camadas menos favorecidas.<sup>62</sup>

No caso de jogadores como Garrincha que foi considerado um craque nos de 1960, principalmente no Botafogo, Clube tradicional do Rio de Janeiro e na seleção brasileira, essa ligação do jogador e o amadorismo que levava a uma modificação, muitas vezes, da sua situação social, é importante para entendermos como muitos jogadores iniciaram a prática esportiva futebolística. Já que Garrincha, como muitos jogadores, conseguiu arrumar e se manter no trabalho através do seu “jogo de bola” em fábricas na sua localidade de nascimento.<sup>63</sup>

Assim, os festivais futebolísticos que ocorriam em Belém do Pará retratam um processo de lutas e embates em torno da prática futebolística, que iam além da diversão e do entretenimento, mostravam as diferenças sociais, as formas de resistência entre os variados sujeitos sociais, as peculiaridades de cada jogo disputado, tanto nos campos de várzea, como nos campos das equipes consideradas importantes nos meios futebolísticos, retratando um processo de popularização que final dos anos de 1940 cria verdadeiras “nações” em torno de dois Clubes: Remo e Paysandú. Como podemos perceber num relato de jornal do dia 22 de julho de 1995, durante a comemoração dos 50 anos da vitória do time “bicolor” sobre o time “remista” pelo placar de 7 X 0, no qual ocorreu uma ênfase enorme a este fato nos jornais que perdura até os dias atuais, o que fora a rivalidade que tem bastante destaque na atualidade podemos analisar um pouco da memória de jogos, percebendo como todo esse processo foi construído e reelaborado quase 60 anos depois.<sup>64</sup>

### **1.3 - COMO ACONTECIAM OS FESTIVAIS ?**

Como vimos, o futebol paraense tem sua gênese relacionada ao contato cultural com os europeus no início do século XX, no qual a Belle Epoque se tornou um parâmetro, mesmo nos meios esportivos, pois, como já enfatizamos ao longo deste capítulo, havia uma relação muito próxima entre prática futebolística e a modernidade.

Dessa maneira, podemos perceber pelas fontes descritas que havia participação da imprensa local durante as partidas que ocorriam em Belém, construindo discursos que

---

<sup>62</sup> C.f. ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Pereira. Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p. 24.

<sup>63</sup> C.f. CASTRO, Ruy. Estrela solitária, um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.35

<sup>64</sup> C.f. Artigo feito pelo filho do ex-goleiro do Paysandú Palmério, que conta um pouco do cotidiano do pai após o tão falado jogo em que o Paysandú venceu o Clube do Remo por 7 X 0. Jornal *O Diário do Pará*: 26/07/1995.

enalteciam, criticavam os praticantes do “bola-pé” e ao mesmo tempo proporcionava o aumento das rivalidades entre os times locais, inclusive o Clube do Remo e o Paysandú, no qual o último surgiu realmente com a intenção de rivalizar com o “Clube Azulino”.

Além dos membros da imprensa diversos sujeitos das camadas sociais abastadas participavam dos torneios futebolísticos que ocorriam na nossa capital, criando uma série de relações que podem ser percebidas em torno desse esporte na capital paraense.

Nesse contexto, temos evidências que podem confirmar que a prática futebolística em Belém do Pará no decorrer da primeira metade do século XX se ampliou com a criação de campeonatos que eram regidos por regulamentos de característica europeia, onde de acordo com o clima ou a peculiaridade dos jogos poderiam ser adaptados. O interessante é que a popularização do futebol se inicia com a própria prática do jogo, que ocorria no seu início nas praças, consideradas os locais onde as pessoas podiam conversar e demonstrar a sua ligação com os padrões arquitetônicos da cidade, pois, com o aumento do número de pessoas que apreciavam o “soccer” se ampliou os campos com capacidade de comportar mais sujeitos, que eram mobilizados pela rivalidade entre os vários Clubes da cidade, inclusive com comentários sobre as melhores condições dos estádios e dos jogos em contraposição a política que segundo o cronista esportivo prejudica as rivalidades.

A inauguração do estádio da Tuna.

As últimas pugnas que atraíram centenas de pessoas aos campos, deixaram em nós todos, as melhores esperanças nas victorias que precisamos alcançar nas lides com os filhos da mauricéa

Constituíram ella, pois, preciosos trainos foram admiráveis contra paraenses. Mais admiráveis devem ser nos prélios com os distinctos patricios do Leão do Norte. Nunca temel-os por melhores que sejam, as credenceaes com que venham revestidos os heróes daquela gleba irmã. Mas a par do grão material a que chegamos no sport bretão, haja o mais possível a efficiencia da cohesao. Justaponham se as nossas forças reaes, collocando as nos seus pontos typicos. Ponha-se na orientação dos prélios esportivos que se vão travar e de que vão depender os nossos pavilhões, a intelligência que coordena e afasta-se a política que arruína, aniquila e mata.<sup>65</sup>

A inauguração do estádio da Tuna Luso ganha ênfase com o cronista no sentido da visão de melhoria que o futebol estava passando, com rivalidades que elevavam o nome do esporte bretão no Pará, apesar do que ele chama de política, na sua opinião ser um elemento destruidor do que até aquele momento havia sido construído em torno do futebol paraense. Daí a importância dessa mudança de comportamento com relação aos estádios, onde muitas vezes as críticas aos dirigentes eram inevitáveis, no qual mesmo com a comodidade que a criação dos estádios proporcionavam tínhamos as críticas a determinados métodos de

---

<sup>65</sup> C.f. “Destaque para uma inauguração do Estádio da Tuna Luso Brasileira.” *Revista A Semana*, 06/07/1935. .

dirigentes que elevavam sua imagem a partir dos Clubes, fazendo ações que quebravam com a visão tradicional sobre a prática futebolística, principalmente no que diz respeito a participação dos setores populares e a entrada do jogador profissional, que para alguns amantes do bola-pé terminaria com o culto ao corpo e as vantagens de jogar por prazer.

Seguindo essa trajetória, podemos analisar que os festivais futebolísticos começaram a ocorrer na nossa capital, no momento em que o esporte bretão chegou à Belém, pois, os próprios membros dos setores mais enriquecidos faziam amistosos com ingleses que trabalhavam nas empresas estrangeiras que prestavam serviços na cidade, durante esse período.

Assim, responder como ocorriam os festivais é lembrar como chegou o futebol na cidade, lógico que com o processo de popularização em andamento, temos que observar que os próprios festivais que eram esportivos no início foram sendo submetidos a mudanças, tornando visíveis as diferenças dos festivais esportivos que ocorreram nos de 1910 para os futebolísticos que ocorreram nos anos de 1940 e 1950, com a consolidação da popularidade do futebol como principal esporte nacional e local.

Os festivais esportivos foram eventos que proporcionaram o encontro de vários sujeitos sociais da urbe belemense, atraídos já nos anos de 1930 (sendo festivais futebolísticos) pelas pelepas que na linguagem dos cronistas esportivos da época significavam verdadeiras batalhas dentro de campo. Na verdade, no início do século XX, os festivais esportivos incluíam uma série de esportes e atrações que reverenciavam a prática esportiva como um todo enquanto o festival futebolístico destacava o avanço do futebol como lazer e rivalidade que começa a implodir as características elitistas-aristocráticas atingindo também os diversos setores populares.

No campo da construção da narrativa histórica, podemos salientar que o festival futebolístico surge com os jogos amistosos de futebol na capital, jogos que ganhavam fama junto aos amantes do futebol, depois se amplia independente dos outros esportes, como as regatas, que com o tempo foram perdendo espaço (inclusive nos jornais) para os “pebolistas”.

Um dos fatos interessantes que mostra como ocorriam os festivais futebolísticos foi “a chamada tarde do Nacional no ano de 1938”, em Belém. O Nacional era um dos Clubes futebolísticos que disputava os campeonatos, torneios, festivais e amistosos que ocorriam na cidade, além de promover alguns festivais, onde além do futebol existiam as festas(soirées) na sede dos clubes. O cronista destaca neste festival no seu título pancadaria e ironiza enfatizando as outras belezas, numa escrita crítica as confusões que aconteceram no decorrer do jogo entre Remo e Paysandú . De fato já nos anos de 1938, as rivalidades entre os Clubes

bairristas eram enormes, porém, o grande destaque da época estava relacionado aos embates entre o Clube do Remo e o Paysandú, inclusive o relato jornalístico sobre o Festival do Nacional menciona esse jogo com algumas peculiaridades que eram inerentes as partidas entre estes dois rivais.

À tarde belemense é marcada pelo brilhantismo, animação dos sujeitos que participaram do festival, e também pelas “brilhanturas”, termo que o cronista de pseudônimo *Mac- donne* (Edgar Proença)<sup>66</sup> destaca como critica as brigas que ocorreram durante o Re X Pa.

Durante o brilhantismo, o texto jornalístico enfatiza a presença do grande público e a vibração dos atletas durante os jogos. Fazendo-nos pensar como durante os anos de 1930 o futebol atraia pessoas para os estádios, inclusive sendo parte da cultura local, já que diversos Clubes de vários locais da cidade participavam. Diversos jogos foram relatados pelo cronista, como o jogo do Santa Rosa da Vila de Pinheiro ( atual Icoaraci), Transviário, Tuna, Folha, além de Remo e Paysandú de Belém, fazendo-nos pensar que também em locais próximo da capital ocorriam jogos com Clubes regionais que tinham fama, como as agremiações da Vila do Pinheiro que participaram dos jogos, no qual, o Pinheirense também tinha um grande prestígio na antiga localidade.

O festival do Pinheirense prestigiado – a acção formidável dos azulinos – um dia esperado – realmente o Pinheirense é um dos grandes clubes do Pinheiro.

Ainda faltam alguns dias para a vibração de sua festa esportiva e tudo já está nos eixos, como se elle fora hoje. É que os pinheirenses não deixam nada para a última hora. Assim é que já conseguiram que o Sr. Prefeito da cidade prestigia-se o festival, prometendo ir pessoalmente dar o pontapé inicial para a prova de honra que será travada entre o Pinheirense e a Tuna.

Também ouvimos que o convite oficial será extendido até o Sr. Major Federal e ao Sr. José Maria Marques membro de destacado relevo no commercio de Belém.

Inúmeras adesões tem recebido os rapazes, nem só dos clubes concorrentes, como também do commercio e de numerosas famílias que lhe tem remetido lindos e vultosos brindes que serão expostos opportunamente no Bar do Cruzeiro naquella villa”<sup>67</sup>

O Pinheirense foi um Clube fundado na Vila do Pinheiro, no ano de 1925, por desportistas que saíram do Santa Rosa, Clube pertencente ao mesmo lugarejo e fundado no

---

<sup>66</sup> C.f. Reportagem sobre Edgar Proença com destaque para o seu Pseudônimo de cronista esportivo: - Mac done. *Jornal A província do Pará*: 04/02/1992.

<sup>67</sup> C.f. Relato sobre o festival do Pinheirense, Clube amador do atual distrito de Icoaraci, onde Houve a participação do Interventor Magalhães Barata e de um grande empresário da época, O sr José Maria Marques. *Jornal A Folha do Norte*: 08/09/1933, p. 08.

ano de 1924, o interessante destes dois Clubes, que não eram os únicos a existirem na Vila do Pinheiro, era a forma como tinham prestígio no âmbito futebolístico e social. No caso do Pinheirense, participavam dos seus jogos desde pessoas dos setores populares até políticos importantes como Abelardo Condurú, que foi intendente Municipal da capital e desapropriou vários terrenos na região da atual Icoaraci para que o Pinheirense tivesse o seu próprio estádio, onde poderia reunir os amantes do futebol nos dias de festival esportivo ou mesmo de jogos promovidos pela Associação de Jogos Esportivos.<sup>68</sup>

Quanto aos fatos que ocorriam durante as partidas de futebol, uma das peculiaridades herdadas dos primeiros jogos de “bola-pé” no início do século XX em Belém foi a busca por um árbitro dentre os torcedores presentes nos estádios onde eram disputados esses jogos, momento retratado pelo cronista como de longa espera, já que podia ser um jogador de qualquer equipe, torcedor, treinador, ou pessoa importante na sociedade, ser árbitro era ter total autoridade sobre o jogo. Homens como Hugo Leão, diretor e fundador do Paysandú, chegaram a jogar pelo time e apitar jogos.

No período final, cada clube fez um tento, terminado a partida com o resultado de 3 x 0, a favor do Remo. Os tentos do Grupo azulino foram marcados por Antonico e o do Paysandú por Hugo Leão.(...)<sup>69</sup>

Os dois encontros foram vencidos pelo Clube do Remo: nos segundos times por 6 x 0; nos primeiros times por 1 x 0; a partida principal foi farta de incidentes devido a má atenção do árbitro Sr. Hugo Leão.(...)<sup>70</sup>

Nesse sentido, o termo “pescaria de um juiz” foi bem utilizado pelo cronista, já que se buscava entre os presentes alguém que pudesse apitar o jogo entre remistas e bicolores. Cabendo ao jogador Pilico da Tuna a responsabilidade da função. Até o momento da escolha do árbitro estava tudo bem, o Remo vencida a partida por três gols a um, o problema surgiu quando Paysandú marcou o segundo gol, já com o gramado do campo Curuzú praticamente as escuras, os remistas alegavam que o gol tinha sido feito com as mãos, o juiz valida o gol favorecendo o Paysandú, fato que provoca a confusão geral, inclusive com abandono do posto de um dos juizes que ficavam com função de “juiz de goal”. Jogadores como Mariano e Vevé se agridem, a Policia através da cavalaria utiliza a força para coibir as brigas, principalmente

---

<sup>68</sup> C.f. DA COSTA, Ferreira. op.cit.pp. 346-347.

<sup>69</sup> C.f. “Jogo do retorno entre Remo Versus Paysandu sobre o jogador Hugo Leão.” CRUZ, Ernesto.op. cit. p. 69.

<sup>70</sup> C.f.Destaque para o Hugo Leão como arbitro de futebol, fato que demonstra que não existia uma escola de arbitragem esoepecializada, eram os próprios jogadores, torcedores, dirigentes que participavam. CRUZ, Ernesto. Idem, p. 79.



depois que o publico invade o gramado, apesar que devido a ação policial as pessoas não demoraram dois minutos no campo, segundo Macdonne, pseudônimo de Edgar Proença como cronista esportivo<sup>71</sup>. Na verdade, temos no jogo entre o Remo e o Paysandú uma das grandes disputas da época, no qual apesar do discurso da Imprensa que acabava promovendo os dois Clubes é fácil notar que os sujeitos que iam assistir aos jogos possuíam uma grande paixão por ver o sentimento de nação clubista juntamente com as cores do time se aflorar, uma espécie de nacionalismo que conduzia as pessoas a torcerem e até brigarem pelas cores de suas equipes.

Os festivais esportivos com o passar do tempo foram sendo os precursores deste sentimento bairrista ou clubista, pois, em muitos locais as reuniões entre vários clubes promoviam encontros de vários sujeitos sociais que possuíam em comum o gosto por jogar e assistir o bola-pé. Como já foi enfatizado, apesar de Remo e Paysandú possuírem maior prestígio, os jogos entre equipes menores de outros bairros tinha suas peculiaridades, já que era comum durante ou após as partidas nos sábados e domingos, dentre outras coisas, a degustação de uma feijoada por parte dos jogadores, dirigentes e as mulheres que freqüentavam os jogos.

O União Esportiva vae dar festa no sábado  
Basta se annuciar uma festa do União esportiva para se ter certeza do successo real.  
Assim tem sido todas as esplêndidas partidas que o alvi-negro já realizou,  
culminando com a magnífica e cuidadosa feijoada de agosto.  
Pois, bem, amanhã os unionistas vão fazer a sua festa de setembro.  
É certo que todas aquelas adoráveis bonecas freqüentadoras dos sábados dos Chalet  
Oriente estarão firmes graças as suas encantadoras presenças.<sup>72</sup>

Nesse sentido, muitas pessoas compareciam aos festivais devido justamente o encontro que havia entre os mais variados sujeitos sociais, pois, no caso do time chamado União esportiva a tradicional feijoada durante cada mês estabelecia um ponto de encontro que estava aliado ao futebol durante os anos de 1930, provocando uma popularidade maior sobre os Clubes e os praticantes do esporte bretão, que estava num período de transição para o profissionalismo dos seus jogadores.

Os festivais já no inicio dos anos de 1920 estabeleciam reuniões ou homenagens para sujeitos considerados importantes na nossa história, principalmente os indivíduos que

---

<sup>71</sup> Ibidem,ibidem.

<sup>72</sup> C.f. A reportagem que trata da festa do União esportiva, onde muitos compareceram para comer uma feijoada. *Jornal A Folha do Norte*, 08/09/1933.

ajudaram a estabelecer a República, diferenciando-se de certa forma dos festivais posteriores a 1930, que estabeleciam motivos mais “mundanos” para as práticas futebolísticas, apesar de este fato não ser uma regra geral.

O festival promovido pelo Brasil Sport em homenagem à sociedade Floriano Peixoto.

O festival de amanhã

Promette um brilho desusado, o grande festival promovido pela querida sociedade Brasil S. Club, em Homenagem a associação cívica Floriano Peixoto.

Todos nós sabemos do empenho quem há nesta terra em se perpetuar a memória do inclícito Marechal de Ferro. A iniciativa dessa obra, deve-se ao civismo do Exm<sup>o</sup> Sr. Joaquim Ignácio, que já se torna um vulto amigo da terra paraense.

Não poremos dúvidas do enorme sucesso de amanhã, e nestas palavras felicitamos o gesto cívico da directoria do Brasil, e sempre empenhado em ações elevadas.<sup>73</sup>

Apesar dos mais variados sujeitos praticarem o futebol em Belém nos anos de 1920, percebemos que ainda persistia o teor aristocrático por parte de alguns Clubes e dirigentes mesmo que não houvesse pessoas abastadas envolvidas, pois, a homenagem em si provocava o sentimento de modernidade que estava sendo suprimido pelas práticas populistas no decorrer dos anos, isto é, era a valorização dos costumes populares em detrimento ao requinte do início do século, possibilitando ao futebol uma terra fértil para a sua propagação e desenvolvimento.

A própria Maçonaria, como entidade que agregava muitos sujeitos de setores considerados abastados, promovia os seus festivais algumas vezes em nome da caridade, porém, o que se observava era que políticos como Lauro Sodré então Governador do Estado no período, “honrava” o festival com a sua presença, o que logicamente nos possibilita compreender que os festivais não eram apenas jogos de futebol ou outras modalidades esportivas, mas também propagação política, que no decorrer dos anos tenderam a aumentar, pois, outros políticos também utilizavam a mesma estratégia.

O festival da caridade promovido pela Loja Maçônica Firmeza e humanidade – Bella tarde esportiva.

Grandemente concorrido, o que atesta o sentimento de filantropia do nosso povo e seu entusiasmo pelas causas do sport, o torneio levado a efeito no campo do Remo, em benefício das escolas mantidas pela benemérita Loja Firmeza e humanidade.

Tendo o Grão a honral-o a presença do ilustre governador do Estado, Grão-Mestre e Honorário da Maçonaria Brasileira. Deu-se início ao festival com encontro de football entre os quadros do Remo e Brasil.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> C.f. Destaque para o Festival promovido pelo Brasil Sport com relação a Associação Cívica Floriano Peixoto. *Revista A semana*, 21/08/1920.

<sup>74</sup> C.f. Relato sobre o Festival da Loja Maçônica. *Revista A Semana*, 18/09/1920.

A participação das crianças que eram acolhidas pela instituição ligada a loja maçônica revela a tentativa de através do jogo de futebol ratificar-se um pensamento de valorização da pátria e da manutenção a ordem republicana, já que a participação das crianças cantando os hinos Nacional e o Maçônico antes do inicio das partidas do festival não era apenas um fato isolado, sem objetivo, mas um fato com intenção de através da pratica futebolísticas manter-se um discurso de caridade e moralista para as pessoas que assistiram aos jogos das variadas camadas sociais, no campo do Clube do Remo. Discurso que estava sendo demonstrado nas disputas entre os amantes do profissionalismo e os defensores do amadorismo.

#### Divagações sportivas

Penso, como todos os cultores do sport, da obrigação inteiramente moral e affectiva, em prol do seu desenvolvimento, que todos devemos notabilizando o nome dessa arte o nome nacional.

Ao Pará desde o surgimento que operou por todo paiz, coube uma tarefa não pequena, a qual foi trabalhada com afinco invejável. E se os seus collaboradores não obtiveram, devem ao impatriotismo de muitos, a falta de estímulo, e a zombaria covarde dos que praticam o sport em frente a um toucador. Todavia o Sr. Commendador Jaime Abreu e Marcellino Fonseca, na qualidade de decanos, mais o Delfim Guimarães, Eirado, Marcos e Camerino Salles, Domingos Borges, Temístocles Soeiro, Candido Rocha, Abelardo Silva, João Camargo e Cecílio Correa e tantos outros certificaram uma época, resistiram com ardor á refrega e deram-nos uma phase palpitante de vida, embebida de entusiasmo invulgar. No spot Club, com o hipismo, no velódromo paraense, com o ciclismo, os torneios náuticos, e o campeonato de pebol onde pontificaram com pujança o Pará Club, Belém Club e União Sportiva, taes eram fontes de aplicação salutar na vida dos músculos.

Era impossível, porém, manter essa situação, pois, as divergências destruíram as energias e essa substituição era quase a arrastar ao indiferentismo a obra encetada, quando Theodoro White, D'artagnan e Gama Malcher, tomaram a si encargo de ao menos alimentar o jogo bretão(...)

Com regularidade se vem effectuando o campeonato official, vencido por sete anos pelo Clube do Remo e agora caprichosamente pelo Paysandú.

O que contrasta é o estado de cousas que vitima o sport regional, afogando-o elemetos phanejogadores de insucessos aniquiladores e sem traços de caráter, os há em grande não esporeados pela vaidade e pelo afan da perversidade. A esses, tão só a esses, devemos o estar nesse lento descambar, e nem sabemos até onde iremos com a audácia desses soberbos pseudosluctadores.<sup>75</sup>

Como podemos perceber nos anos de 1920, havia discursos por parte de setores da imprensa que lamentavam a prática esportiva estar sendo direcionada para outros interesses que não fosse aquele sentimento de moral esportiva, isto é, as disputas futebolísticas estavam ganhando outro caráter diferente daquele de dez anos antes, onde os setores aristocráticos eram os que monopolizavam o esporte bretão, fato que nos de 1920, começava a se modificar.

---

<sup>75</sup> C.f. Relato sobre os problemas que o esporte paraense se encontrava naquele momento. *Revista A semana*, 01/01/1921.

Por isso, setores da imprensa esportiva tinham a tendência a exaltar o passado recente em detrimento as transformações que estavam começando a modificar a dinâmica dos festivais esportivos na cidade, chamando muitas das pessoas que aceitavam a mudança de soberbos e vaidosos, fato que na opinião do cronista prejudicava a essência da prática esportiva na nossa sociedade.

Dessa forma, os festivais futebolísticos começam nos anos de 1920 a entrar num processo de popularização que não agradava a muitos, porém era defendido por outros. No qual, o sentimento nacionalista que também era clubista ganhava destaque nas discussões diárias e na crônica esportiva, já que para muitos especialistas sobre o futebol na época, o nacionalismo ajudava levantar países, a manter o povo unido, por isso, deveria ser feito à nacionalização dos vocábulos utilizados nos jogos, pois, já estava começando a ser implantado no centro-sul do país e segundo a crônica esportiva poderia também ser implantado aqui.<sup>76</sup>

Os festivais esportivos tinham na imprensa esportiva um importante divulgador do que os cronistas chamavam de falhas do nosso meio esportivo ou mesmo de jogos considerados relevantes para o esporte local no que tange aos festivais futebolísticos e jogos do campeonato oficial, por isso, era comum que alguns setores da sociedade fossem convocados para assistirem partidas futebolísticas em favor de obras de caridade da igreja, saindo até notas jornalísticas sobre a tais jogos. Fato que relacionava muitas vezes fé e gosto pelo futebol. Na verdade, o gosto pelo futebol tinha na antiga frase dos mais experientes um verdadeiro aliado “fale bem ou mal mais fale de mim” uma especificidade importante que ampliava o processo de popularização do esporte bretão.

Torcedor federal

Para a tropa do Clube do Remo –

Em Nazareth, conheço uma donzella que é do Remo ranzinza torcedora.

Em verdade, é uma flor mimosa e linda, typo ‘mignon’... uma princesa loira.

No campo quando torce, se revela do futebol gentil conhecedora.

Vence o Remo, oh prazer! Fica amarella si do azulino a sorte oscilla e goura...

Mas, uma vez, num prélio extraordinário em que o conjucto azul perdia a zero. Eu a vi, tendo as mãos lindo rosário, rezando... (juro que não conto história!)

Tanto rogou aos céos com ardor sincero, que o Remo por final, ganhou a Victória

!<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> C.f. Relato sobre a nacionalização dos vocábulos do futebol que estava sendo implantado no centro-sul, no qual o cronista defendia. *Revista A Semana*, 26/02/1921.

<sup>77</sup> C.f. “Fé e futebol nas obras da basílica, escrita pelo cronista Luis Gomes.” *Revista A Semana*, 13/08/1921.

Como podemos perceber as mulheres participavam dos jogos, fato que à imprensa muitas vezes fazia questão de registrar. No caso dos festivais, as mulheres eram elementos importantes não somente na organização de tais eventos, mas pela própria participação nos jogos como torcedoras, muitas vezes, como já enfatizamos, aliavam a fé com os jogos do seu clube favorito, ações que revelavam a popularidade do esporte bretão nos anos de 1920.

Na virada dos anos de 1930 a 1940, o futebol se intensifica como prática esportiva bastante popular, no qual as figuras de Remo e Paysandú crescem ainda mais em popularidade mexendo com os nervos de muitas pessoas na cidade durante as partidas de futebol. Entretanto, as notas sobre times suburbanos aumentavam cada vez mais nas colunas jornalísticas esportivas, evidenciando uma especialização da imprensa e um maior acompanhamento do público durante os jogos de futebol na cidade, principalmente dos campeonatos suburbanos e festivais futebolísticos.

Nos subúrbios

Campeonato suburbano- Santo Amaro x Transviário

Na praça de esportes santoamarense enfrentar-se-ão no próximo domingo em disputa dos pontos do campeonato suburbano. Os poderosos esquadrões do Santo Amaro X Transviário. Será uma lucta bem equilibrada, pois, as turmas que vão se bater estarão bem organizadas e treinadas. MAC DONNE.<sup>78</sup>

Nos subúrbios

O São Domingos sagrou-se hontem , campeão suburbano, vencendo hontem o campeonato suburbano.

Vencendo hontem à tarde, o forte conjuncto do Santo Amaro, pelo expressivp escore de 3 a 1, o São Domingos sagrou-se campeão suburbano de 1937, no troneio promovido pela LAP.<sup>79</sup>

Os campeonatos suburbanos começaram se ampliar, na verdade ganhavam esse termo nos anos de 1930 para 1940, por serem formados a partir de clubes relacionados aos setores menos abastados da população que muitas vezes participavam dos festivais observando os Clubes com maior estrutura da cidade, criando os seus campeonatos de bairros fora dos torneios disputados por Remo, Paysandú ou Tuna Luso.

O Festival do São Francisco” – Taças Valiosas

Será uma tarde bem movimentada a do dia 10 de setembro, data em que o S. Francisco, clube leader do bairro de São Brás irá fazer o seu primeiro festival

---

<sup>78</sup> C. f. Relata os jogos que aconteciam nos campeonatos suburbanos, reportagem escrita por Edgar Proença. *Jornal O Estado do Pará*, 01/03/1938.

<sup>79</sup> C.f. Relato de mais um jogo de campeonato suburbano que ocorria em Belém. *Jornal O Estado do Pará*, 18/04/1938.

esportivo, no elegante estádio do Liberto, abrindo assim, a sua temporada esportiva, início de uma época de realizações.

Tomarão parte nesse festival clubes de valor, como sejam, o Uniãozinho, o 1º de dezembro, Curuzu, Guajara, Boa Forma, Santo Amaro, clubes que já tem demonstrado a sua eficiência nos quatro cantos da cidade.

Havera quatro taças, ofertas valiosíssimas dos Srs. desembargador Nogueira de Faria, José Mariq Marques, George Adamian e Francisco Vasques.

Alem dessas taças para os clubes preliantes, haverá farta distribuição de brindes e surpresas para assistência e jogadores. Para maior realce desse festival, o São Francisco está organizando uma caravana de rapazes e senhorinhas, que irão ao campo incentivar os atletas dos clubes que lhe levarem o conforto da sympathia.

Aguardemos, pois, esta tarde, que será cheia de surpresas.<sup>80</sup>

Assim com o aumento do número de clubes considerados suburbanos, ocorreu uma aproximação maior de políticos com relação aos setores sociais populares, no qual até o Prefeito de Belém, no ano de 1938, Abelardo Condurú, chegou a patrocinar festivais em benefício de obras de caridade.

#### Futebol

Sob o patrimônio do Sr. Abelardo Condurú, Prefeito Municipal de Belém, realizar-se-á no próximo mez de junho um grande festival esportivo no campo do Liberto em beneficio da Santa Casa de Misericórdia. Essa festa que é oragnizada pelos Srs. Synesio Mariano de Aguiar e Arnaldo Pacheco, conta com o apoio dos grandes Clubes esportivos da cidade.<sup>81</sup>

Os festivais no decorrer dos anos ganham tanta popularidade que existia festival para tudo, casas de caridade, igreja, beneficio de Clubes menores, com grande participação das moças, pessoas comuns, políticos, dentre outros. Inclusive até festival da merenda escolar houve com participação de vários Clubes da cidade que possuíam prestígio junto à sociedade.

“Festival da merenda escolar – Goleados Remo e Tuna por 4x0 no mesmo dia

Próximo da arrancada para a conquista do Pentacampeonato, rosário de títulos único na era do profissionalismo no futebol paraense, o esquadrão de aço, já por volta de 1941, afiava as suas garras com vistas a participação nas próximas disputas oficiais. E foi assim que o time dirigido por Sandoval de Matos escreveu uma das mais heróicas páginas do clube, quando ao tomar parte do festival esportivo em beneficio da merenda escolar, goleou na mesma tarde, Remo e Tuna, com suas forças máximas pelo mesmo placar: 4x0. Eis a prova incontestante de que o Paysandú possuía realmente um timaço, uma máquina, um verdadeiro esquadrão de aço, muito bem cognominado pelos amazonenses de campeão da Amazônia.

O festival da merenda escolar foi realizado no estádio da curuzu, na tarde de 27 de abril de 1941. Dele tomaram parte as equipes do Transviário, Paysandú, Tuna e

---

<sup>80</sup> C.f. “Relato sobre o festival do São Francisco no Bairro de São Brás.” *Jornal A Folha do Norte*: 01/09/1933, p. 08.

<sup>81</sup> C.f. Participação do Prefeito Abelardo Condurú no Festival futebolístico no campo do liberto em beneficio da santa Casa de misericórdia. *Jornal A Folha do Norte*: 26/05/1938.

Remo. No sorteio, caiu como primeiro jogo Tuna x Transviário, a vitória coube a Tuna por 2x1. A Tuna foi classificada para jogar a última partida, contra o vencedor do clássico Remo x Paysandú.

No clássico não deu outra coisa: o Paysandú, com time muito superior ao do seu adversário, impôs a categoria e arrasou o velho leão azul, aplicando-lhe a goleada de 4x0. Hélio(2), Quarenta e Erberto anotaram os gols do campeão da Amazônia e o goleiro palmério ainda saiu como herói, pois defendeu um pênalti cobrado por Setenta, coisa difícil de qualquer goleiro da época realizar, devido a potência e a maestria na cobrança dessa falta, qualidades que se sobressaíam no jogador Setenta. Olegário Costa foi o árbitro dessa partida.

No jogo final do festival, o Paysandu defrontou-se com a Tuna, que também possuía um forte time, mais que não resistiu a maior categoria do alvi-azul e acabou sucumbindo, pelo mesmo placar com que o Clube do Remo foi arrasado: 4x0.

Em que pese o esforço despendido na partida contra o seu grande adversário, o Clube do Remo, no jogo anterior, os craques alvi-azuis não mostraram cansaço na partida contra a Tuna e esbanjaram categoria, repetiram o mesmo placar, de 4x0. Quarenta (2), Hélio e Erberto foram autores dos gols.

O Paysandu sagrou-se brilhantemente campeão do festival da merenda escolar jogando as duas partidas com esta equipe e não sofreu modificação: Palmério, Newlton e Athenágoras, Manoel Pedro, Batista e Pena; Arleto, Farias, Hélio, Quarenta e Herberto, Treinador Sandoval Matos. Remo – Álvaro; Edil e Expedito; Tião, Amílcar, Carlito; Vavá, Bandelack, Marcos, Raimundinho, Patesko. Expulsão: Carlito<sup>82</sup>

O jornal conta a história do festival da merenda escolar que envolveu uma série de Clubes e o Paysandú acabou sendo campeão. O título representou o crescimento da popularidade do jogo de futebol, no qual clubes tradicionais de Belém ganhavam prestígio e faziam com que em plena Amazônia conseguíssemos ter um futebol tão popular quanto no centro-sul, não por mera cópia, mas pela própria autonomia e dinâmica que o futebol paraense se desenvolvia, criando uma dinâmica de relação social própria, tanto que as torcidas de Remo e Paysandú, já nos anos de 1950, se encontravam entre as mais fanáticas e maiores do país, no sentido de comparecimento do público aos estádios, pela verdadeira adoração a alguns jogadores e pelo sentimento de nação que ocorria entre todos os Clubes, inclusive nos suburbanos, porém, se ampliou nos dois maiores rivais da cidade. Como nos evidencia a reportagem a seguir:

Dialogos possíveis

O estádio se esvaziava dos últimos espectadores, lá fora, o entusiasmo louco e justificado da gente do Paysandú.

---

<sup>82</sup> C.f. “Festival da Merenda Escolar – 27/04/1941”. DA COSTA, Ferreira. Papão, O Rei do Norte. Belém: Cabano, 1ª Edição, , 2002, p. 40.

- cinco,cinco, cinco a zero!

Cinco, cinco, cinco a zero!- gritavam num bonde apinhado até quase todo. E de outro logo atraz vinha, cantalorando o sambinha, que naquella hora só não era gostoso para os azuis.

hoje eu vi um Leão, leão, leão,

mas não era leão,

Leão, leão, ...

O que era então

Não digo não,

Tinha cara de leão, tinha corpo de Leão,

Tinha cheiro de leão, tinha olho de leão,

Tinha dente de leão,

Tinha pata de leão,

Tinha ronco de leão:

Hum...um... um...

Então, era leão!

Não era, não.

Diga, diga , diga, diga...

...pois era a mulher do Leão.’

Os últimos versos do samba vinham lá de longe, como dobre lúgube, cortando como uma navalha a alma dos que estavam ainda dentro do estádio”<sup>83</sup>

No jogo, percebemos uma das características atuais das partidas de futebol se estabelecendo, que é a união entre o samba e o futebol, a prática carnavalesca das torcidas, onde a rivalidade proporciona um aumento do número de torcedores e a criatividade popular em torno da festa que é vencer um time rival.

Portanto, os festivais representavam uma força motriz que estava ligada ao gosto dos sujeitos sociais pelo Bola-pé. No qual, o futebol paraense possuía características que não eram meras peças de um jogo com vinte e dois jogadores em campo com uma bola, pois, fazia com que os mais variados setores sociais estabelecessem relações pessoais, políticas, religiosas, familiares, trabalhistas, isto é, pobres ou ricos, homens ou mulheres, todos participavam dos encontros e desencontros em torno dos clubes, bandeiras, uniformes, que foram e que alguns até hoje são verdadeiras “nações”, que contam parte do cotidiano do belenense que viveu gostando ou não gostando do jogo de bola nos primeiros cinquenta anos do século XX.

---

<sup>83</sup> C.f. Um jogo entre Remo e Paysandú pelo campeonato oficial, no qual há uma grande ênfase pelo com relação a participação da torcida e seus cantos inclusive com a utilização do samba. *Jornal O Estado do Pará*: 07/07/1942.



## CAPITULO 2

### A profissionalização em debate: como se tornar um jogador de futebol em Belém do Pará?

#### 2.1 - POPULARIZAÇÃO, PROFISSIONALIZAÇÃO E O FUTEBOL NA CIDADE.

(...) Recomeça o jogo. Animação vivacidade, entusiasmo. Os “paysandumem” continuam dominando. A linha atacante do Paysandú, rápida e feliz, vence os esforços leoninos de Bermudes, alexi e Ayres, que encansáveis se mostram formidáveis. – Zito Brigido, para fazer uma pirraça ao Cirus (dizia fifi Abreu) joga lamentavelmente mal, apesar também do fracasso do melhor ponta direita do Pará. O Paysandú leva todas as probabilidades de vitória. Mimi mette o segundo goal contra o América. Há protestos. Dizem que Mimi estava ‘off side’. ‘o referee’ correcto, a ninguém atende. A sua energia faz com que o jogo prossiga sem perturbação. (...) <sup>84</sup>

(...) Com o inicio da nossa temporada de 1920, não vejo melhor ocasião que esta para despertar no espírito resolutivo dos nossos homens de sport um sagrado grito de guerra contra o profissionalismo.(...) <sup>85</sup>

Como enfatizamos no primeiro capítulo, os festivais esportivos que ocorriam na cidade começaram a existir no final do século XIX e início do XX a partir do contato que as pessoas consideradas das classes mais abastadas da sociedade de Belém do Pará tiveram com a cultura européia embebida com todo o sentimento de modernidade e progresso, ideologia que proporcionava o avanço do capital em algumas regiões do planeta, e através dele todo um caráter simbólico que se expandia com a chegada de produtos, costumes que diferenciavam as pessoas dentro da cidade, isto é, os esportes praticados por europeus transformaram-se em modismo para os que buscavam a “civilização européia” como padrão de convivência social. Assim, praticar pólo aquático, hipismo, football, tênis, ginástica, remo proporcionava um status social diferente dos sujeitos que não praticavam esportes, para os que levavam a sério o padrão de vida esportista, ter um corpo saudável simbolizava uma vida considerável perante os setores mais abastados da cidade em plena a Amazônia.

Esse estilo de vida começou a criar uma série de sujeitos sociais que participavam ativamente de várias práticas esportivas, os chamados “sportmens”, homens considerados

---

<sup>84</sup> C.f. Sobre um jogo de futebol entre o time do Paysandú e o América de Pernambuco, no qual ocorreu a participação de várias pessoas que a imprensa esportiva da época destacava, como “coronéis e doutores”. No entanto, a participação do filho de Lauro Sodré no jogo, o famoso atleta Mimi Sodré, nos possibilita entender como se forma esse jogador de futebol aqui no Pará. *Revista A Semana*: 28/02/1920.

<sup>85</sup> C.f. Relato do cronista sobre o início da temporada do ano de 1920, no qual começava a campanha de alguns setores da imprensa contrários ao profissionalismo do jogador de futebol. *Revista A Semana*: 15/05/1920.

exemplos de esportistas, que fortaleciam o discurso de um amadorismo ligado a uma separação social.

Segundo Antunes, durante os primeiros anos da República a prática futebolística integrou um movimento modernizador, cultivado pelas elites, que atingiu, principalmente, as cidades que estavam em processo de industrialização e com aumento da sua população, que na verdade eram alvos de projetos de reformulações urbanísticas que tinha por base a higienização e a civilização.<sup>86</sup> Dessa maneira, a prática do futebol estava relacionada a um projeto de saúde do corpo através da atividade física, fato que para alguns defensores do esporte proporcionava o vigor necessário para as disputas que ocorriam na sociedade capitalista da época, principalmente, no sentido da crescente participação dos setores operários que estavam em crescimento nas cidades. Na verdade, essa atração das camadas populares pelo “esporte bretão” provocou reações adversas e favoráveis nos setores elitistas, quanto à participação dos setores populares durante as atividades futebolísticas que ocorriam nas cidades.<sup>87</sup>

Com o decorrer dos anos, o futebol começou a se estabelecer como um esporte bastante praticado pelos “sportmens”, com isso, muitos jogadores começam a obter destaque na imprensa local através dos textos das crônicas esportivas, inclusive com o surgimento de sujeitos que diferentemente do início do século XX, não pertenciam aos setores mais abastados da sociedade belenense. O que nos possibilita entender a primeira parte do objetivo do capítulo explicitado nas duas fontes acima, isto é, justamente sobre o surgimento de um dos principais sujeitos históricos de todo o processo de popularização do “soccer” no nosso Estado: o jogador de futebol, quem foi ? Qual o setor social que o mesmo advinha ? E também compreender, como a partir dos anos de 1920 começa a ocorrer todo um processo de popularização e profissionalismo no futebol regional. Fato que está inteiramente relacionado à mudança de perfil social do jogador que era “Sportmen” e passa a ser um jogador profissional a partir da década de 1930, contrariando o amadorismo elitista que existia no discurso de alguns cronistas esportivos, não percebendo com “bons olhos” toda essa popularização do futebol.

Dessa forma o trabalho ressaltará também o papel da imprensa na transição do jogador amador, “sportman”, o jogador amador da periferia e o profissional que proporcionou

---

<sup>86</sup> C.f. ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Pereira. Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. p.22.

<sup>87</sup> C.f. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A Literatura entra em campo: Lima Barreto e Coelho Neto na Belle-époque do futebol. p. 29- 37.

a entrada de sujeitos sociais que pela condição financeira e étnica não poderiam praticar o “esporte bretão”. Ocasionalmente o início da regulamentação dos jogadores de futebol como “profissionais da bola”, isto é, tinham registro de jogador profissional perante a Federação onde no contrato com o clube era descrito o salário e os direitos que o atleta teria. No entanto, esses atletas muitas vezes faziam o discurso de “amor à camisa”, um sentimento de “nacionalismo” pelo clube, uma “pátria de chuteiras”, mas que por trás desse discurso revelava que muitos eram escondidos em empregos ou outros locais para disfarçar o profissionalismo iminente, situação que muitas vezes não era levado a beneficiar o jogador de futebol, pois, alguns no final da carreira perdiam seus empregos por conta de não jogarem mais futebol. Fazendo com que o profissionalismo defendido por alguns cronistas e jogadores fosse a saída decisiva para garantir um mínimo de estabilidade ao jogador e modificar toda uma prática de futebol, levando ao acirramento das rivalidades clubísticas e ao aumento de sua popularidade, principalmente em torno dos dois grandes rivais regionais: Clube do Remo e o Paysandú.

## **2.2 - O JOGADOR DE FUTEBOL EM BELÉM DO PARÁ E O PAPEL DA NASCENTE IMPRENSA ESPORTIVA.**

Dentre os vários “sportmens” que agitavam os grandes clubes da cidade no início do século XX, estavam Rubilar, Suíço, Hugo Leão, Pericá, Mimi Sodré, dentre outros esportistas que pertenciam aos grupos considerados mais abastados no âmbito social. Estes homens ajudaram a implantar as práticas esportivas na cidade belenense, transformando os domingos e feriados em momentos de grande lazer para as elites locais. Na verdade, as suas práticas esportivas correspondiam com o modelo europeu de vida, que buscava enfatizar o progresso e a civilização em detrimento a cultura local.



F

onte: DA COSTA, Ferreira, Papão, 90 anos de paixão e glórias Belém-Pará- Brasil, 2004. p. 177 <http://www.escotismo.com.br/his/his11htm>, acessado em 28/07/2006. foto do Mimi Sodré.

Os jogos que começaram a se popularizar nos anos de 1920, durante os festivais esportivos, nos proporcionam o entendimento sobre as mudanças que começaram a acontecer na cidade no sentido do lazer esportivo, pois, muitos jogadores de futebol não seriam somente homens dos setores abastados da sociedade, mas indivíduos que pertenciam às camadas populares buscando uma visibilidade social através da prática futebolística.

No início do século XX, as organizações de regatas eram comuns na cidade de Belém, no qual o Sport Club Of Pará era um dos mais renomados clubes da época, pois, estabelecia campeonatos de remo bastante noticiados pela nascente Imprensa Esportiva, que ressaltava a participação dos sportmens com seu planejamento desde a construção da embarcação feita por no arsenal da Marinha até a disputa dos campeonatos nos finais de semana. Nesse sentido, os jornais noticiavam sobre algumas embarcações que eram feitas nas oficinas do Sr. Pedro Cavaleiro, como a que foi lançada nas águas da baía do Guajará no dia 08 de outubro de 1904, uma “baleeira” especialmente construída para regata que o Sport Club Pará estava realizando no dia 16 do mesmo mês, na própria baía. A nova embarcação era toda feita de cedro tendo um comprimento de 30 pés por 4 metros de largura. Fato que revela o gosto pelos esportes de alguns sujeitos sociais e o interesse por parte dos esportistas em realmente participarem das competições que seguiam os modelos europeus no período.

Os jornais muitas vezes estavam repletos de anúncios de páreos entre os barcos que muitas vezes variavam de tamanho, devido s categorias de regatas que os atletas disputavam na Baía do Guajará (no caso uma baleeira era maior que um yole, já que era um barco que possuía apenas dois remos, enquanto a primeira embarcação possuía seis remos),

mostrando como na época havia um acompanhamento dos atletas e seus equipamentos por parte da Imprensa esportiva que começava a ganhar destaque no âmbito jornalístico.<sup>88</sup>

A cidade de Belém convivía no âmbito dos setores sociais mais abastados com as práticas esportivas, tanto que já existiam locais específicos, como o velódromo, hipódromo, tiro ao alvo, partidas de futebol, dentre outros.<sup>89</sup> Porém, além desses esportes que foram citados, outros também eram praticados, como um torneio de patins noticiado pelos jornais da época, no qual foi enfatizado o local, considerado um dos melhores Clubes da cidade, no caso, a sede do Sport Club of Pará, e o nível dos atletas, considerados amadores paraenses, isto é, jovens patinadores que se relacionavam com o esporte a partir das concepções de modernidade, que eram modismo no momento histórico. Dentre os jovens patinadores, foram destacados pelos jornais Benjamin Bolonha, Guilherme La Rocque, Frederico Abreu, Carlos Rocha, Alberto Santa Rosa, João Silva, Mario Silva Santos e Rodolfo Chermont. Nos quais, os vencedores do torneio foram os Srs. Benjamin Bolonha, Frederico Abreu e Carlos Rocha, primeiro, segundo e terceiro colocados respectivamente.<sup>90</sup>

Quanto ao Sport Club of Pará, Michel Pinho destaca como um dos melhores Clubes da cidade devido reunir muitos membros da alta sociedade de Belém, foi fundado no final do século XIX, e pelo seu próprio nome percebemos que a escrita inglesa tem um significado de ressaltar os valores europeus para a prática cotidiana, principalmente pela quantidade de modalidades esportivas que o clube possuía. Mostrando que muitos dos seus participantes geralmente eram sujeitos envolvidos em questões políticas e econômicas da região, membros da alta sociedade belenense.<sup>91</sup>

Nesse sentido, o papel da Imprensa no estabelecimento e fortalecimento das atividades esportivas é fundamental para que houvesse uma participação maior dos sujeitos sociais nas práticas esportivas consideradas “civilizadas”, isto é, a imprensa esportiva que inicia uma maior cobertura dos eventos esportivos, proporcionou através dos discursos de rivalidade nos páreos, nas regatas, nos jogos de futebol que eram difundidos através dos jornais e revistas esportivas, pelo discurso dos cronistas, provavelmente o aumento do número

---

<sup>88</sup> C.f. Reportagem sobre a construção de uma BALEEIRA embarcação que disputou a regata de 1916 com o nome de Guajará. Fato que era comum na cidade entre os sportmens. E logo abaixo ocorre o relato sobre os tipos de embarcações que disputavam as regatas, no qual a yole possuía dois remadores e a baleeira possuía seis. CRUZ, Ernesto. op. cit. p 20.

<sup>89</sup> C.f. Relato sobre as variadas práticas esportivas que existiam na cidade de Belém na época dos sportmens. Idem, p 36.

<sup>90</sup> C.f. Ibidem, ibidem, p.50.

<sup>91</sup> C.f. PINHO, Michel, op. cit. p. 29.

de praticantes dos diversos esportes que eram disputados em Belém do Pará, pois, nos espaços que as revistas e os jornais possibilitavam as análises dos cronistas ficavam explícitos como os esportes e depois o futebol começava a entrar num processo de popularização, principalmente através das rivalidades dos clubes, que transformam pelo discurso em sujeitos heróicos os atletas que se destacavam nas colunas de esportes na imprensa escrita da época. No caso do futebol, a partir de um maior destaque da imprensa esportiva para os jogos que aconteciam na cidade os próprios cronistas percebiam e enfatizavam suas opiniões nos seus textos de como o futebol estava ultrapassando os setores sociais mais abastados e avançando para os grupos populares através do poder de rivalidade e aglutinação que os esporte bretão começa a ampliar nos anos de 1920.

O destaque dado aos atletas nos jornais e revistas da época proporcionou uma fama local aos esportistas promovendo o surgimento de rivalidades clubísticas, principalmente, com relação aos jogadores de futebol, que no início do século XX, eram os mesmos atletas que disputavam as variadas modalidades esportivas (muitas rivalidades também começaram em outros esportes), fazendo com que cada clube tivesse destaque no cenário esportivo da cidade, logicamente que esse destaque estava veiculado as práticas de construção da crônica esportiva que possibilita um contato maior com a população e os letrados, entre o leitor e o escritor, tudo através do esporte.

Quanto a esse processo de popularização do futebol, Leonardo Affonso de Miranda Pereira no seu artigo para Revista de História da Biblioteca Nacional explica que no Rio de Janeiro do início do século XX, o processo de popularização acabaria por romper definitivamente as barreiras sociais que os membros da liga Metropolitana tentavam construir para o jogo, já que, os clubes tradicionais respeitavam as regras sociais e étnicas pré-estabelecidas pelos estatutos aprovados por suas diretorias, entretanto, os novos grêmios suburbanos, ligados às camadas populares tentavam reunir todo e qualquer interessado pelo novo esporte, sem distinção de cor ou local de trabalho. Aumentando dessa maneira, a participação dos grupos étnicos que eram discriminados tanto nos jogos dos campeonatos suburbanos, como nos jogos que ocorriam entre os times mais tradicionais da cidade, pois, o número de torcedores era enorme nos dias de clássico, principalmente a partir dos anos de 1920.

No campeonato paraense de 1929, os jornais davam destaque ao embate entre o Clube do Remo e o Paysandú na sua rodada final, no qual o time alvi-celeste ( Paysandú) enfrentaria o azulino (Remo) pela disputa do título paraense da divisão principal, o cronista da época chamado de DICK, codinome usado na coluna da revista “A Semana”, destacava um

certo favoritismo ao Remo, agitando assim, os leitores que provavelmente iriam aos jogos para ver o time de Evandro aplicar uma vitória sobre o maior rival, já que segundo a opinião do cronista o Remo apesar da derrota no último jogo, não merecia ter perdido, inclusive preocupando os próprios jogadores e torcedores alvi-celestes para o jogo atual, pois, segundo ele perceberam que o grupo de Evandro Almeida estava em evolução, apesar de no jogo não ter tido muita chance de ganhar, além de ter ocorrido um acidente com o jogador Doca, um jovem atacante que o cronista e seus leitores na certa esperavam boas atuações em campo, fato que poderia ter melhorado a atuação do “scratch” azulino, provocando um abalo nos companheiros de equipe que tiveram no momento do jogo com o Paysandú um desempenho aquém do esperado, sendo um fator importante para derrota azulina. É certo que o discurso do cronista estava ligado a um provável sentimento de torcedor, que não esconde a decepção pelo desempenho do time de Evandro, que perdeu de virada e precisava ganhar o jogo final para recuperar o título paraense que já era do Paysandú desde 1928 e que poderia ganha-lo novamente em 1929. Na verdade, os jogos nos anos de 1920 em Belém do Pará começam a ter um aumento no número de torcedores nos dois campos da cidade, Evandro Almeida e a Curuzú, no qual a rivalidade era crescente entre Clube do Remo e o Paysandú, onde a imprensa tem fator importante na valorização das agremiações e no aumento do número de torcedores, tendo uma linguagem próxima dos seus leitores e que se espalhava rapidamente nas discussões pela cidade, facilitando provavelmente o acesso de torcedores que disputavam seus jogos nos terrenos baldios ao longo da cidade.<sup>92</sup>

Para o autor, essa crescente participação popular não significou uma espécie de manipulação social ou discurso por parte dos políticos na época, na verdade, a “política respirava futebol” no seu momento elitista( época dos sportmens) e também no seu processo de popularização (sportmens, jogadores de camadas populares, criação dos estádios, dentre outras características), mas, além deste fato ou dos encontros das várias camadas sociais durante os jogos, ocorria que os diversos grupos possuíam maneiras de apropriação do esporte que expressavam nos campos, nas gerais, nas arquibancadas inúmeras identidades e diferenças, que poderiam ser aproveitadas pelos políticos e também seriam construções culturais de identidade clubísticas que lembrariam o cotidiano de tensão vivido por muitos jogadores, torcedores, mulheres e trabalhadores.

Na verdade, para muitos praticantes do bola-pé, à prática futebolística evidenciava um espaço de reivindicações e cidadania. Fato que segundo PEREIRA pode ser percebido

---

<sup>92</sup> C.f. nota sobre um Re x Pa e a sua rivalidade. *Revista A Semana*, 01/06/1929.

num jogo da seleção brasileira na final do campeonato sul-americano, quando o único jogador negro do time uruguaio, chamado Gradin, foi acionado por torcedores negros para mostrar que o negro era melhor de futebol que o branco, mesmo num jogo entre duas seleções rivais da época. Logicamente que a propaganda da imprensa esportiva foi fundamental para a construção de uma identidade em torno do futebol, onde no caso de Belém, o crescimento da torcida em torno da dupla “Re x Pa”, promoveu o aumento da rivalidade clubística e o interesse dos leitores pelas crônicas esportivas que descreviam as características dos jogos e são consideradas escritas mais acessíveis aos torcedores, principalmente para os que mal sabiam ler.

Segundo DA MATTA na construção das identidades culturais sobre o futebol e importante discutir sobre as peculiaridades da nossa sociedade, no sentido de estudarmos as chamadas zonas de encontro e mediação, as praças e adros dados pelos carnavais, pelas procissões e pelas malandragens, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida e inovada, onde os problemas são esquecidos ou enfrentados, pois, tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. São nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é também aqui que se pode forjar o mundo de cabeça para baixo. Na verdade, podemos ver o Brasil em sua especificidade, interpretando-o pelo eixo dos seus modelos de ação, paradigmas pelos quais devemos pautar nosso comportamento e marcar nossa identidade como brasileiros, observando que ao contrário de países como os Estados Unidos, não dizemos “iguais mas separados” e sim “diferentes mas juntos”, o que para o autor é a chamada regra de ouro para entendermos a lógica da sociedade brasileira e suas tradições.<sup>93</sup>

No caso da prática futebolística no espaço paraense, no período que estamos trabalhando, a necessidade de buscarmos justamente essa peculiaridade do jogador de futebol e as relações com as mudanças que estavam ocorrendo durante o tempo estudado é essencial para a compreensão do processo de popularização do futebol em Belém do Pará aliado a importância da crônica esportiva em todo esse momento.

O crescimento da imprensa esportiva para Bernardo Buarque de Hollanda está ligado à informalidade, a efemeridade e o caráter fragmentários próprios do estilo da crônica esportiva estreita a relação entre o escritor do leitor, além de proporcionar aos escritores modernistas a realização do sonho da liberdade de expressão, a simplicidade estilística, e a possibilidade de comunicação com os setores menos abastados da população. Portanto, a

---

<sup>93</sup> C.f. DA MATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro 1936. Rio de Janeiro: Rocco, 6ª ed., 1997. p. 16 -18.



crônica esportiva é considerada como veículo predileto de aproximação dos modernistas e o povo.<sup>94</sup> É através do crescimento da crônica esportiva que ocorre o surgimento dos debates intelectuais em torno de uma identidade nacional relacionada à prática do futebol, já que muitos autores apontavam o esporte como um elemento positivo e catalizador de um país miscigenado que buscava auto-afirmação, enquanto outros sujeitos achavam a paixão por esse esporte como expressão do nosso atraso e subdesenvolvimento, pois, principalmente os intelectuais que estavam ligados a movimentos de contestação ao capitalismo, como o anarquismo e o comunismo ressaltavam a sua prática como o ópio dado ao povo.

Amanhã Remo e Paysandú no mais vibrante embate do retorno

A população paraense vai ter na tarde de amanhã as grandes emoções que um encontro entre Remo e Paysandú provoca em todos que tem a dita de assisti-lo.

O fracasso da phalange azulina a 7 do corrente não intimidou o preliadores do Clube de João Baltazar para a luta homérica de amanhã: pelo contrario incentivou-os a mostrar que de facto, a gente do Clube do Remo tem em mente o amor as suas cores, que sempre e sempre quer levantar mais alto a gloria do esporte nortista(...) e assim, numa ansiedade dominadora vão passar as horas que nos separam do grande momento.<sup>95</sup>

A descrição da crônica esportiva apesar de nomes como Phalange, preliadores, já tinha uma modificação e uma aproximação maior dos torcedores, isto é, uma linguagem própria para a dinâmica que os jogos de futebol implicavam para a sociedade. Sendo essa escrita, alvo de críticas por parte dos escritores que não percebiam utilidade ou importância da prática do futebol para discussões sobre identidade nacional, por exemplo. No entanto, a mudança na forma como os cronistas esportivos escreviam, veio de acordo com processo de popularização que aproximou o torcedor ao discurso de amor à camisa e rivalidade clubísticas, criando uma identidade cultural em torno dos entre Remo e Paysandú.

No início dos anos de 1920 percebemos que algumas das relações sociais que se destacavam através dos festivais de futebol, além de criarem rivalidades em comunidades ligadas aos Clubes, significavam que ocorria uma forma de auto-afirmação dos setores menos abastados com relação às práticas futebolísticas, pois, muitas reuniões, encontros, dias de lazer, brigas nos jogos proporcionaram formas de enfrentamento de determinados segmentos populares as imposições que ocorriam por parte de políticos ou membros dos setores sociais mais altos, não que houvesse confronto através de atos de luta propriamente dita, mas a partir das novas percepções, os setores populares davam um novo ritmo do jogo de futebol,

---

<sup>94</sup> C.f. HOLANDA, Bernardo Borges Buarque. op.cit. p. 37.

<sup>95</sup> C.f. Re x Pa esperado pela torcida. *Revista A Semana*, 14/09/1929.

atribuindo uma dinâmica e um significado social original que muitas vezes eram divergentes das camadas sociais ditas mais abastadas.

Nesse sentido, a participação da Imprensa Esportiva vai fazer parte de um processo histórico de construção de uma identidade nacional que tentava alicerçar o padrão de “democracia racial”, que foi bastante debatido principalmente nos anos de 1930 e 1940, fato que possibilitou ao futebol o status de “identidade nacional” explicando as percepções das camadas populares em relação ao “bola-pé”, dentre as quais, a profissionalização do atleta que permitia contato de jogadores que não pertenciam ao grupo dos sportmens, o que para alguns amantes do esporte não era bem visto, pois, criava uma relação de dependência entre os jogadores e o clube, atitude que não obedecia aos padrões civilizatórios, no sentido de um amadorismo que afirmava o esporte como prática de culto ao corpo.

Quanto às discussões sobre o nacionalismo em torno do futebol, percebemos que se tratava de um assunto que os cronistas escreviam de forma relevante nos jornais, inclusive tomando por exemplo, o centro-sul, principalmente o estado de São Paulo, considerado como centro de excelência da cultura física do país. Onde havia uma repercussão dos escritos esportivos da Gazeta de São Paulo na cidade de Belém, no qual, o cronista esportivo da revista “A Semana” chamado pelo codinome Jairo, destacava que a intenção não era criar rivalidade com estrangeiro, mesmo sabendo que os brasileiros têm o dever de cultuar os símbolos nacionais e defender o país através das armas. Para ele o esporte precisava ter um processo de nacionalização ligada a escrúpulos que enfatizassem nossas características tendo como ponto de partida à nacionalização dos vocábulos empregados nos jogos de futebol ou mesmo nas narrativas jornalísticas sobre os encontros entre os clubes.

O cronista da revista “A Semana” destacava que a idéia dos paulistas para a nacionalização do vocabulário do esporte bretão era importante, principalmente devido terem sido os mesmos os primeiros a buscarem a mudança, entretanto, cabia aos dirigentes, jogadores, cronistas esportivos paraenses seguirem essa linha de modificação, já que era dever do povo brasileiro buscar diminuir a influencia do estilo britânico no nosso futebol, começando pelas nomenclaturas do esporte. Uma das conseqüências importantes desse fato para a prática futebolística seria a familiaridade do esporte com outros sujeitos sociais, isto é, haveria uma fácil penetração do esporte bretão para as pessoas que desconheciam suas regras, provocando não somente um “abrasileiramento” dos nomes e posições dos jogadores, mas, uma acentuação do processo de popularização do futebol que passava pelo discurso nacionalista. Assim, para melhorar esse processo de popularização era melhor que os sujeitos que tinham o primeiro contato com o esporte não tivessem dificuldades para entender que

“dribla o back e shoota in goal” significa que “o jogador atravessa a defesa e ataca a rede”, por isso palavras como keeper se transformaria em Guardião; backs seria trocado por zagueiro de espera e zagueiro de frente; halfback, centerhalfbacker e halfbackleft em médio direito, centro médio e médio esquerdo, respectivamente; team se chamaria quadro, corner kick se chamaria em bola de canto, dentre outros exemplos da mudança que estava ocorrendo, que representavam a busca por uma identificação nacional do esporte. Por isso, o cronista de pseudônimo JAIRO, considerava feliz iniciativa todo esse processo de abasileiramento que o futebol estava passando, pois, mudaria o comportamento dos sujeitos e repassaria o sentimento nacionalista para a sociedade.<sup>96</sup>

Quanto a esse sentimento colocado muitas vezes com o caráter nacionalista pelos cronistas esportivos, temos uma notícia de um jornal da época que destaca a volta dos paraenses que foram disputar o campeonato brasileiro de futebol, onde não eram clubes, e sim seleções dos respectivos estados, sendo que os jogadores do Pará foram recepcionados pela torcida no cais do porto, e segundo o cronista a torcida estava bastante animada devido os jogadores paraenses terem trazidos o titulo de melhor do norte. Por isso, havia uma ênfase muito grande ao paraense pela vitória e o titulo no campeonato brasileiro de seleções.

Nesse sentido, alguns poetas e cronistas esportivos como Bruno de Meneses, que estavam ligados ao modernismo, buscavam destacar na sua crônica esportiva essa possibilidade de mudança do sentimento estrangeiro para o nacional. No caso específico do poeta citado, sua narrativa literária e suas crônicas sobre o futebol destacavam o Clube do Remo e outros jogos, num momento que havia uma maior valorização das características regionais, com destaque para os indígenas, caboclos e negros. Na cidade, o cenário do subúrbio fazia parte da construção de suas obras, influenciando diretamente nas mudanças nas práticas futebolísticas, já que houve uma maior participação e valorização das camadas populares e suas construções culturais nos jogos de futebol.<sup>97</sup>

Outro ponto importante que estava relacionado a essa nova perspectiva é justamente o fato dos sujeitos sociais pertencentes aos grupos étnicos indígena, negro e mestiço, começarem a participar ativamente das partidas futebolísticas, o que de certa forma foi impedido por um bom espaço de tempo até o momento que a Imprensa Esportiva começa a se adaptar a um padrão político de busca de uma identidade nacional, com debates e

---

<sup>96</sup> C.f. No esporte também deve haver nacionalismo. *Revista A Semana*, 26/02/1921.

<sup>97</sup> C.f. COELHO, Marinilce oliveira. O grupo de novos (1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFP/UNAMAZ, 2005, p. 83-85.

opiniões sobre o assunto, principalmente cronistas ligados ao modernismo, provocando a popularização e profissionalização do futebol.

No caso da sociedade paraense, temos como um desses representantes do pensamento modernista, o poeta, escritor, jornalista esportivo, atleta de futebol (chamado Bento), dirigente, Bruno de Meneses (citado a cima), que foi autor de várias obras importantes, como *Batuque*(1939), dentre outros, chegou a ser presidente da Academia Paraense de Letras, escreveu obras sobre o folclore e foi considerado um grande sociólogo ao analisar a vida do negro brasileiro. No campo futebolístico, trabalhou na Revista *A Semana*, lado a lado com outro esportista famoso pela sua paixão pelo futebol, inclusive com participação na Confederação Brasileira de Desportos, dentre outros órgãos, o Jornalista Edgar de Campos Proença.<sup>98</sup>

Jornalistas, como Edgar Proença e o poeta Bruno de Meneses, davam um toque a mais nas disputas dos jogos, pois, na sua revista, *A Semana*, era comum às análises e as colocações da *página azulina*, onde os feitos importantes do Clube do Remo eram destacados e glorificados como se fossem conquistas semelhantes a dos antigos atletas gregos, nas suas olimpíadas, centralizando um discurso de força, união, trabalho em equipe e nacionalismo. As disputas com o Paysandú não eram esquecidas, mesmo quando o clube bicolor não participava de um determinado torneio organizado pelos azulinos, a gozação, a ênfase numa brilhante organização servia de provocação ao rival, sendo que esses fatos poderiam acontecer de forma inversa, porém, mostravam que mesmo não se confrontando, nem Remo, nem tão pouco Paysandú se esqueciam, é como se fossem forças antagônicas que só existiam pelo fato de existir o outro, esse fator favorecia a todo simbolismo do jogo e o apelo da Imprensa Esportiva com relação à participação dos expectadores, que mais tarde se transformariam nas torcidas.<sup>99</sup>

Nesse contexto, que o jornalista Edgar Proença se tornou importante para o entendimento do mundo do esporte em Belém do início do século XX. Na verdade, Edgar Proença foi uma das figuras consideradas de maior relevância para o jornalismo esportivo da época, (assim como outros como o poeta paraense Antonio Tavernad), para muitos poderia vigorar como mais um letrado apaixonado pelo futebol, pois, era diretor da revista que circulava em grande quantidade em Belém, “*A Semana*”, no qual vários assuntos eram tratados, beleza feminina, modos de se trajar, inclusive e principalmente o futebol, que

---

<sup>98</sup> C.f. [www.astormentas.com/bigrafias/acesso](http://www.astormentas.com/bigrafias/acesso), 13/08/2007.

<sup>99</sup> C.f. Destaque para o festival do Clube do Remo. *página azulina*. Revista *A Semana*, 11/04/1932.

ganhava grandes espaços com a “Página Azulina”, explicitando e elogiando os grandes feitos remistas; e o caderno “Os Sports” que falava dos clubes suburbanos de maneira geral. Foi fundador da antiga A.C.E.P (Associação dos Cronistas Esportivos do Pará), no ano de 1925, juntamente com outros jornalistas. Além disso, foi o editor de esportes ou como era chamado na época, cronista esportivo do jornal “O Estado do Pará”, levou o seu filho, Edyr Proença, que também acompanhou a virada do futebol paraense da década de 1930 a 1940, a atuar no jornalismo, que era feito, segundo relatos da época, mais pelo gosto do trabalho do que pelo profissionalismo, quase todos os que trabalhavam no jornal tinham as suas ocupações definidas, faziam essa tarefa por pura vocação, o próprio Bruno de Meneses, grande poeta da época, participava ativamente das atividades jornalísticas, sendo que a participação política da Imprensa era constante, já que em 1924, muitos membros do jornal “O Estado do Pará” foram presos por conta da revolução que aspiravam fazer nesse contexto histórico.

Edgar Proença, chegou a ficar conhecido como o “príncipe dos cronistas”, pois exerceu várias funções, escrevia coluna social, era cronista esportivo, despachante da fábrica Palmeira e da Alfândega, e correspondente de rádio, de jornais, foi chamado de o “homem dos sete instrumentos”, desde pequeno gostava de trabalhar com as notícias, pois, possuía um pequeno jornal manuscrito, que circulava na vila que morava, a vila Amazônia, na verdade, era um único exemplar que circulava de casa em casa, chamado de “O Pau”. Na área radiofônica participou da transmissão inaugural da Radio Clube do Pará, em 22 de abril de 1928, juntamente com seus amigos Roberto Camelier e Eriberto Pio, fatores que vão impulsionar o futebol paraense, principalmente a partir da década de 1930.<sup>100</sup>

Esses sujeitos sociais, como Bruno de Meneses, Edgar Proença, estabeleceram uma revisão na Imprensa diária, pois, pensavam numa realidade paraense que se relacionasse através dos setores jornalísticos como porta-vozes da comunidade, fato que aliado as suas tradições modernistas explica a forma de trabalhar uma identidade brasileira com conotações bastante amazônicas, no caso, com ênfase a cultura local.

Seguindo o pensamento de exaltação da cultura regional que o poeta, escritor e cronista esportivo Antonio Tavernad se identifica com Clube do Remo, alguns anos depois de seu falecimento é publicado o hino do Clube, uma adaptação de uma marchinha de carnaval que celebrava os cadetes azulinos, que passa a exaltar as características dos atletas do seu time azulino, seu time de “coração”.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> C.f. Entrevista com Edir Proença, 20/05/1990. DA COSTA, Ferreira. op.cit.p. 319, 320, 321.

<sup>101</sup> C.f. Relato sobre a criação do Hino do Clube do Remo. DA COSTA, Ferreira.op.cit. p. 19.

Atletas azulinos somos nós,  
E cumprimos o nosso dever  
Se um dia quando unidos para luta  
O pavilhão sabemos defender  
Enquanto a azul bandeira tremuleja  
O vento a beija, como a sonhar  
Honrando essa bandeira que paneja  
Nós todos saberemos com amor lutar  
E nós atletas, temos vigor  
A nossa turma e toda de valor  
Nós todos no vigor da mocidade  
Vamos gozando essa quadra jovial  
E Nós azulinos da cidade  
Erguemos hinos ao nosso ideal  
Em cada um de nós mora a esperança  
Essa pujança, nosso ideal.  
E como somos o Clube do Remo  
Numa só voz diremos que não tem rival.”<sup>102</sup>

Antonio Tavernad foi autor de versos musicados por Waldemar Henrique que não mais se apagaram da lembrança dos paraenses e que externam a produção musical do Maestro, como “foi Boto Sinhá”, “Matinta Perera”, dentre outras. Tavernad foi por bastante tempo redator chefe da Revista *A Semana* local onde também trabalhavam outros intelectuais, como o próprio Bruno de Meneses. Sempre o que escrevia mandava aos jornais e revistas da época. Fato que explica de certa maneira o interesse da revista em criar uma página ligada ao clube remista. Apesar da morte precoce, podemos entender que no âmbito do processo de popularização do futebol Tavernad teve relevante participação, principalmente no que concerne a exaltação das características típicas da cultura paraense ajudando a forjar uma cultura de rivalidade clubística importante para o entendimento do significado do futebol para a cultura popular local.

---

<sup>102</sup> C.f.DA COSTA, Ferreira .op .cit.p. 205 - 206.



Fonte: DA COSTA, Ferreira A Enciclopédia do Futebol Paraense, Ed. Cabano, 2000, 1ª Edição, Belém – Pará, Pág. 205 e 206. Foto do Antonio Tavernad.

Assim, a ideologia da miscigenação, já nos anos de 1930, valorizou a fusão das raças e das culturas que deram origem ao povo brasileiro, isto é, através da chamada síntese racial e cultura local, chegou-se a definição de uma identidade nacional, ou de traços de personalidade que definiam o caráter nacional brasileiro, inclusive com destaque para atributos que foram reconhecidos na maneira e no estilo de jogar futebol do jogador brasileiro<sup>103</sup>. Fato relevante para entendermos como se forma o jogador na cidade de Belém, pois, existe similaridade em todo esse processo de popularização do futebol e profissionalização do jogador. No entanto, o cotidiano local estabelecia situações que eram próprias do contexto do local dos jogos, já que cada sujeito social percebeu a possibilidade de uma outra realidade, a dinâmica das partidas de futebol, estabelecendo criações culturais dos setores considerados populares ao lado de figuras como dirigentes, escritores e políticos.

A Semana Sportiva foi positivamente sensacional. O primeiro jogo da temporada pernambucana, a despeito do torrencial aguaceiro que alagou o ground.

O América F. Club, que ora nos visita, é innegavelmente um núcleo lúcido, de moços realmente valorosos, fortes, conhecedores do “Association”, que honram o nome legendário de mauricéa.

O prélio desta semana, bem diferente dos matches da temporada anterior, se assignalou pela correcção e lisura dos jogadores, que não excederam nas cargas, nos trancos e nas capoeiras de todo em todo condemnáveis e dispensáveis, quando os jogadores são de facto valorosos e destemidos.

Se bem que a chuva inundando totalmente o campo, não deixasse ver com mais precisão o jogo dos nossos visitantes, os players do América mostraram ser uns excellentes conhecedores do esporte bretão. Os pernambucanos são homens fortes, bonitos, desteros e garbosos.

A sua linha de backs é excellente, pode dizer mesmo que é a parte mais forte e segura do conjuncto. Os halves, ao centro dos quaes vemos o nosso antigo conhecido Bermudes ( que este ano-Deus seja louvado! – veiu menos reclamador!), é boa também, embora inferior aos backs.

<sup>103</sup> C.f. DE HOLANDA, Bernado Borges Buarque. op. cit. p. 38.

Se a defesa, que tem, ao que parece, mais vulnerável apenas o Keeper, que contudo defendeu regularmente, é de primeira ordem, o ataque não deslustra em nada. Enfim, o jogo que acabou pelo empate 1 x 1, foi emocionante, tendo o referee – apesar dos maldizentes contumazes e dos deslizes que cometeu, arbitrado razoavelmente bem. Aguardemos, agora as surpresas do próximo jogo, que será mais empolgante, mais animado, mais vivo e mais bonito, se a chuva o permitir. JOTA.<sup>104</sup>

Nesse sentido, a fonte nos possibilita perceber uma peculiaridade da cidade de Belém do Pará, durante as partidas de futebol que ocorriam pelos campeonatos oficiais e jogos populares nos subúrbios: a chuva, que modificava características das partidas de futebol na época, fato que poderia ser levado como positivo ou negativo, dependendo da análise do cronista, torcedor ou jogador. No caso os jogadores do América de Pernambuco sentiram as dificuldades de se jogar na chuva, fato que para muitos jogadores dos clubes paraenses significava uma característica importante das partidas no sentido do desconhecimento ou da falta de contato com as peculiaridades naturais da região.

Esta situação da chuva também foi destacada no ano de 1924, através de uma crônica da revista “A Semana”, por ocasião de um festival que estava programado na cidade, no entanto, foi adiado pelos diretores do time de futebol chamado Brasil, numa de suas reuniões, o que para o cronista foi primordial para manutenção do brilho da festa, já que a chuva caiu na cidade de forma a causar prejuízo no dia esportivo, justamente na data que o festival estava programado, porém, com o adiamento para o domingo posterior, teoricamente não haveria prejuízo para o festival, fato que ironicamente não foi constatado pelo cronista uma semana depois, já que no domingo, dia 26 de janeiro de 1924, data que realmente ocorreria o festival, desabou uma enorme chuva nas primeiras horas da tarde e se prolongou até o início da noite, prejudicando o brilho do festival dos “brasileiros”(nome dado aos sujeitos que organizaram o festival do time do Brasil), influenciando nas disputas dos times participantes, como Remo, Paysandú, União Esportiva, que fizeram seus jogos em campo encharcado e que na visão do cronista não possibilitou uma boa avaliação dos times e principalmente, dos seus jogadores.<sup>105</sup>

Dessa forma, para falamos de jogador de futebol é necessário compreender que o seu surgimento está ligado à prática de diversos esportes e peculiaridades da região paraense, inclusive os aquáticos, como as regatas que ocorriam na cidade, isto é, desde o

---

<sup>104</sup> C.f. Relato sobre a temporada de jogos que o América, time de Pernambuco veio fazer contra os clubes locais. *Revista A Semana*: 07/02/1920.

<sup>105</sup> C.f. “Sobre o festival do Brasil que ocorreu em baixo de chuva”. *Revista A Semana*: 19, 26/01/ 1924.



final do século XIX, com a organização dos primeiros campeonatos internacionais, os esportes de modo geral, têm constituído um meio de identificação nacional e de criação de uma comunidade artificial. Essa ascensão também deu margem ao surgimento de novas expressões de nacionalismo, combinadas à escolha ou invenção de modalidades tipicamente nacionais, como o futebol inglês e o basquete americano.<sup>106</sup>

Por isso, mais tarde a prática do “soccer” como é chamado pelos norte-americanos, vai se estabelecer com grande êxito nas camadas menos favorecidas da sociedade paraense, pois, através de simples disputas entre os clubes muitos jogadores vão se transformando em heróis para os que gostavam de observar os jogos que ocorriam nas praças e depois nos campos criados em Belém, como o Baenão e o da empresa Ferreira & Comadita, campo da Curuzú. Além disso, a fácil assimilação por parte da população ocorre justamente pela possibilidade do improvisado, sem materiais complicados que outros esportes possuíam e com a variação do número de jogadores, sendo jogado a ao ar livre e com qualquer tempo, usando bola de meia, borracha ou papel.<sup>107</sup>

Dentre os desportistas que se destacavam nas variadas modalidades esportivas podemos citar o atleta Rubilar, que atuava tanto na prática do futebol, como no remo. Foi um dos fundadores do Clube União Esportiva no ano de 1908, em seguida participou da reorganização em 1911 do Clube do Remo, sendo campeão das temporadas futebolísticas desde de 1913 até 1917 e campeão paraense náutico de 1909 até 1926, com tempo tornou-se sócio benemérito do Clube do Remo e da Federação Paraense de Desportos.<sup>108</sup>

“(…) 2 – Grupo do Remo e Guarani

Para o campo da Praça Floriano Peixoto, estava marcado para segunda-feira, 21 de abril, feriado nacional, em homenagem a Tiradentes, um jogo de futebol entre os times do GUARANI FUTEBOL CLUBE (desafiante) e do GRUPO DO REMO, que assim fazia a sua presença oficial. Este era o time do Remo: Bernadino,

Vanrelman e Eurico,

Dudu, C, Aimée e Mamede,

Galdino, Mário, Antonico, Dudu e Rubilar.

Assim formava o Guarani:

Aldo

Waldemir e Joaquim

Bento(Bruno de Meneses), americano e Pedro

---

<sup>106</sup> C.f HOBSBAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM e RANGER, T. (ORG) *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>107</sup> A autora destaca a análise de Eric Hobsbawm sobre a popularização do futebol que abre caminho com seus próprios méritos. C.f. ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Pereira, op.cit. p. 24.

<sup>108</sup> Relato sobre a vida de Rubilar. C.f. DA COSTA, Ferreira, op.cit. p. 205.



Fonte: DA COSTA, Ferreira, Leão azul centenário, Belém- Pará- Brasil, 2006. p. 11. Foto do atleta Rubilar.

Rubilar, era na verdade um “sportman” com participação tanto nos jogos de futebol como nas outras modalidades esportivas, isto é, o importante para os jogadores no início do século XX, era ter uma participação efetiva nos clubes como praticantes do amadorismo que lembrava a saúde do corpo e o discurso de civilização-modernidade que também passava pelas praticas esportivas como diferencial do homem moderno. Tanto que em alguns jogos o atleta chegou a arbitrar alguns jogos de futebol, inclusive do seu maior rival, um jogo entre Payandú e Nacional do Amazonas, campeão do Pará e Amazonas respectivamente, no qual o interessante foi que mesmo com a vitória dos bicolores por “4 tentos a 1”, a atenção maior foi dada à presença de famoso jogador para imprensa local, fato que evidencia, justamente, o que significava ser um jogador de futebol, isto é, o amadorismo dos jogadores, na verdade, estava representado pelas mais variadas funções que o atleta poderia ter, ou seja, um árbitro, capitão, dirigente e atleta do futebol.<sup>110</sup>

Fato percebido pela própria participação de Bruno de Meneses nos jogos de futebol na cidade Belém, evidenciando sua ligação com o time do Guarani, conforme o relato jornalístico, onde apesar de ser um dos simpatizantes do Clube do Remo, enfrentou algumas vezes o Clube que homenageava nas suas crônicas, principalmente as escritas na revista A Semana, no caderno chamado página azulina, demonstrando que no início do futebol o amadorismo significava que um jogador poderia participar de várias funções dentro do clube ou nos jogos que transcorriam na cidade.

---

<sup>109</sup> C.f. Jogador Rubilar no Remo e Bruno de Meneses no guarani. 21/04/1913.CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 54.

<sup>110</sup> C.f. CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 166.

Interessante que nesse contexto de práticas esportivas desses atletas, as peculiaridades da cidade belenense são destacadas, como o clima com chuva ou bastante calor, que para muitos cronistas caracterizava a partida com maior requinte de heroísmo por parte dos jogadores que defendiam as cores do seu clube local. No caso do jogo entre o América de Pernambuco e um clube local, no ano de 1920, a chuva não permitiu a apresentação de um bom futebol por parte do time visitante, segundo a análise de alguns cronistas, apesar de todos os elogios da Imprensa a forma de jogar do clube pernambucano, do aspecto físico dos seus atletas, que em seguida enfrentaria durante a sua passagem os clubes mais tradicionais da capital paraense, com ênfase por parte da crônica esportiva para a peculiaridade do clima da nossa capital, com possibilidades de triunfo dos jogadores regionais que estavam acostumados com a nossa já famosa chuva. Fator favorável para a construção do jogador de futebol, como herói local nas chamadas comunidades artificiais esportivas, destacadas por Hobsbawn, que influenciariam no cotidiano nos diversos setores sociais.

Nos anos de 1930, por ocasião de um Re x Pa houve uma descrição de chuva durante a partida, fato que criava um ambiente de maior destaque para os chamado clássico “rei da Amazônia”:

“( ... ) tudo agora orienta-se para o embate nervosamente esperado, mais uma vez para defrontar-se Remo e Paysandú. Dirigidos por Martiniano Cruz. O quadro do alvi-azul estava como fora anunciado. No azulino, Euclides substituirá Barradas e Orlando figurava no arco no lugar de Rildo.

O Paysandú entrega ao time azulino uma linda taça como recordação do seu festival.

Às 4:45, o Remo dá a saída, perdendo-a logo. Os dois time mostram uma actuação acanhada, com as linhas muito presas, de quem está experimentando valores. É nesse momento que uma chuva violenta desaba, mas esse aguaceiro não enibia os contendores. Os quadros exibem um jogo mais técnico. Jaime manda um chute de longe para Eldonor praticar a primeira defesa.

O vento sopra violento a favor do Remo. Apesar dessa vantagem o alvi-azul mostrando seu preparo, vai levando a bola para o campo adverso. Ataca mais, dando trabalho a defesa azulino.

Baptista sobressai-se na linha média, no ataque Evandro do Carmo é o homem mais ligeiro e perigoso.

O alvi-azul investe com mais insistência, todos estão em forma, mas, nesse momento, vae uma enfiada para Ruy, este passa para Euclides que Milton deixa só. O ponteiro azulino investe rápido, passa por Martinho, vae sozinho até o posto de Eudonor vazando-o. São 5 horas, o feito dos visitantes é recebido com longas aclamações.

O Paysandú entretanto, não esmorece. Desdobra-se em ataques. Seu time desenvolve-se uma performance notável. O Remo ainda ressentido do seu esforço contra a Tuna, não pode agüentar aquelle brechar continuo de avanços e cede terreno.

Ita e Heitor, este principalmente, distribuem bem. Gusmão recebe um passe e centra. Vádico emenda para o canto, mas Orlando pula e desvia a bola para escanteio. Erberto bate sem resultado. Os locaes continuam pressionando, apesar do brilhantismo com que age Baptista, não pode impedir que Ita entregue a bola, num

passa adeantado a Gusmão, este remata forte e Orlando vê-se obrigado a livrar pela base. Ita dá o tiro de canto, Gusmão emenda-o, mas, Evandro annulla o remate.

Vivi procura marcar sua ala, Heitor está porém em completa forma e Erberto apresenta-se como a muito não se exhibe. Aquele médio em desespero faz falta no extremo local. Sandoval chuta mas Evandro corta o passe.

O ataque do Paysandú está violento, há um passe para Heitor. Este finta Vivi e Evandro e corre para arrematar. Quando procura desferir o chute, Baptista atira-se aos seus pés impedindo o tiro, livra o ponto, mas bate-se e é retirado do campo. Entra Marajó pra o seu lugar.

Às 5:24, Sandoval estende um passe para a esquerda, Evandro corre para contel-o, Erberto trava o chute e arranca com a bola para a meta. E num forte chute rasteiro empata a partida.

O Remo procura reagir arrancando uma bola de Evandro do Carmo. Murtinho bate-se quase nada mais produzindo.

Marajó joga bem, passa para Ruy que avança e manda um lindo remate dando oportunidade a uma bella defesa de Eldonor.

Outro ataque do Remo, que investe pela direita, Araújo passa por Murtinho, mas nada consegue, pois, Milton, numa lida tirada arranca-lhe a pelota.

A partida está movimentadíssima. O Paysandú, porém, demonstra mais conjuncto, pois somente Vádico ainda se encontra fraco como centroavante, distribui bem, mas, pela sua lentidão, perde excelentes bolas que seus meias lhe entregam. São 5:28, termina o primeiro tempo.

Às 5:40 recomeça a peleja, Apprigio aparece no lugar de Murtinho e Capivarol substitue a Euclides. O Paysandú sae, mas o azulino corta a avançada. Há um ligeiro bate-bola no centro. E Ananias enfia para Ita, que a desvia para Gusmão. Este devolve-a ao seu meia e que centra, Erberto colloca-se e emenda o passe, um chute rasteiro fazendo o segundo ponto as 5:40.

Há ataques recíprocos. De longe ambos violentos, Eldonor segura um tiro de Evandro do Carmo e Orlando outro de Heitor.

O Paysandú ataca, mas a defesa visitante rechabia-o. Evandro do Carmo chuta de longe de surpresa, Eudonor defende para escanteio. Araújo bate-o, Milton cabecea a bola. Jaime faz o mesmo, mas põe para fora.

O alvi-azul ataca de novo e Erberto chuta na trave.

Capi e Evandro do Carmo fazem uma costura diabólica. Aquelle passa a Ruy, que vira e remata, para Eudonor defender.

Nova investida azulina, Ary enfia para Araújo que corre só para a meia. Eldonor atira-se aos seus pés e bola ressalta. O guardião local está cahido, machucado.

Ary, immediatamente remata, mas Pedro se collocara na meta e repelle o balão.

Há uma falta de Ananias, perto da linha de fundo, Araújo chuta Sandoval corta o passe e Pedro desafoga.

O Paysandú começa a atacar novamente, Ita centra e Erberto emenda e faz o mais lindo da tarde. Mas há um chute de longe de Ruy, que Eudonor defende, Heitor e Erberto atacam, este faz novo ponto, que o juiz annulla, por impedimento. Estas marcações provocam protestos. Achamos porém, que o juiz acertou.

São 6:08, há uma avançada de Jaime que passa a Evandro do Carmo. Milton corre em cima delle. O atacante azulino desvia para Araújo, que se encontra em franco e absoluto impedimento, junto da meta. O Juiz falha, e o extremo azulino empata a peleja.

O Paysandú reclama, mas o juiz, que lamentavelmente não viu a falta tão clara, mantém a sua decisão. O alvi-azul manda dar a sahida e termina o embate com a

contagem de 2x2. O Paysandú deveria vencer por 2x1, mesmo porque o seu time demonstrou mais forma.”<sup>111</sup>

Como em outros Re X Pa, as disputas são acirradas e a vontade de vencer também proporcionou um embate bastante equilibrado entre os dois grandes rivais do Pará, pois, um gol em impedimento permitiu, segundo o cronista, que o Clube do Remo saísse com empate que não foi merecido primeiro pela forma ilegítima do gol, segundo pela capacidade física demonstrada pelos jogadores do Paysandú durante os jogos, que buscaram o domínio do jogo o tempo todo e no minuto final foram presenteados com uma falha do juiz. Além de todos esses ingredientes que aumentavam o sabor dos jogos, ainda tinha a possibilidade de chuva, que foi descrita pelo cronista como parte integrante da própria disputa do clássico, onde a violência caracterizou a forma como ela “atuou” durante a partida, fato que não tirou à força dos jogadores que estavam atentos a partida, principalmente, que os jogadores como Vevé, Evandro Almeida pelo Remo e Heitor pelo Paysandú eram para o discurso da Imprensa na época, certeza de grandes embates nos jogos, principalmente, quando se tratava de Re x Pa.

Essa participação dos atletas se tornou tão importante nos campeonatos esportivos em Belém, que no ano de 1921, a imprensa esportiva destacou o falecimento de um jovem atleta do Clube do Remo chamado pelos esportistas de Periçá, que após fazer uma atividade física na baía do Guajará ficou preso no fundo do baía, sendo tirado ainda com vida, porém, não resistiu aos ferimentos. Seu nome era Carlos Ferreira Lopes, tinha 23 anos de idade e o acidente ocorreu durante a prova de mergulho promovida pela Federação Paraense de Desportos Náuticos.<sup>112</sup> Apesar do destaque para Periçá como atleta de mergulho, sendo tal fato provocador de seu falecimento na Baía do Guajará, o atleta também jogava water pólo e futebol pelo Clube do Remo, como podemos perceber nos noticiários a seguir:

“(…)5 – Water pólo – Remo e Recreativa  
domingo, 11 de março  
o clube do Remo, para seu segundo compromisso no campeonato de water pólo,  
escalou as seguintes equipes: primeiro time:

Bolonha  
Lobato e Redig  
Immendorff  
Macambira, Varrelman (cap.) e Barroso  
Segundo time:  
Bambu  
Leão e Capinussu  
Colares

---

<sup>111</sup> C.f. Confusão no Re x Pa. *Jornal A Folha do Norte*: 08/09/1933.

<sup>112</sup> C.f. DA COSTA, Ferreira, op.cit. p.14.

“(…) 31 – Organização dos Esportes Terrestres do Clube do Remo

A diretoria do Clube azulino convocou para segunda-feira, 22 de outubro, uma reunião dos seus membros a fim de tratar da completa organização dos esportes terrestres do Clube, especialmente da composição definitiva dos seus times de futebol na temporada de 1917. foi dada aos jogadores atribuição de escolher o capitão geral dos times, sendo então unânimemente indicado o Sr. Armindo Mota.

Pondo mãos a obra, desde logo o novo capitão organizou os seguintes times, de onde sairiam os jogadores que representariam o clube nos matchs oficiais:

Primeiro time:	Segundo time:
Francelizio	Joãozinho
Armindo (Cap. Geral)	Baleia
Lulu	Silvio
Formigão	Pinto
Bordalo	Carequinha
Carlito	Formiguinha
Ludgards	Dulcídio
Dudu Chermont	Bebê
Cicero	
Djalma	Periçá
Dudu	Bibi (...) <sup>114</sup>

Assim, Periçá era um dos atletas que para o discurso da Imprensa esportiva era considerado um “herói”, pois, tinha toda uma história de dedicação ao Clube do Remo que juntando com seu fim trágico provocou a criação de um de exemplo para os demais atletas que se destacavam nas modalidades esportivas, principalmente o futebol. No qual, sua participação começa em 1917, com sua inclusão no time do segundo quadro do Clube do Remo.

Ser capitão de uma equipe era importante, pois, evidenciava a liderança e o prestígio que alguns atletas tinham junto ao seu clube, no caso do senhor Armindo Mota, significava o poder de escolha de jogadores dos quadros de futebol do Clube do Remo e ser eleito pela diretoria do clube antes dos jogos para assumir essa função, dando toda uma conotação política ao cargo de capitão da equipe. A importância do capitão e a explicação do que é ser um capitão de uma equipe ganhava destaque nos noticiários esportivos dos anos de 1920.

Regras práticas do futebol – o dever do capitão, as eliminatórias da taça Lauro Muller, domingo ultimo

O capitão antes de terminar este rápido estudo de futebol, é creio necessário falar no homem que dirige a esquadra.

<sup>113</sup> C.f. Time de water pólo de Periçá. CRUZ, Ernesto, op.cit. p..107.

<sup>114</sup> C.f. Sobre a vida de Periçá. CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 122-123.

Há pessoas que por mais que façam, não chegam nunca a ser guia de homens. Excellentes na linha, sabem trabalhar mas não lhes é possível dirigir. Essas pessoas não poderão nunca ser capitães de esquadra.

Não quero dizer com isso que é preciso para ser um bom capitão, possuir energia, conhecimento profundo do que se quer fazer, influencia muito poderosa, enfim rapidez nas decisões, isso tudo seria muito útil e bom.

Para conduzir bem um jogo de qualidades um capitão deve ter absolutamente e são:

- 1- um bom conhecimento dos seus homens, isso sob o ponto de vista tanto moral como phisico.(...)
- 2- o capitão deve também se tal ou qual mudança na disposição de sua esquadra não seria susceptível de mudar com vantagem a physionomia do jogo.(...)
- 3- em time isto é absolutamente necessário, o Capitão deve dar o exemplo fazendo um bom jogo, por que pode se dizer que o capitão faz o jogo da esquadra e se seus homens o vêem trabalhando mal, nada impede de fazer outro tanto, e até exageradamente.<sup>115</sup>



Pericá / - 1914/1915

Fonte: DA COSTA, Ferreira, Leão azul centenário, Belém- Pará- Brasil, 2006. Pericá atleta do Clube do Remo. p. 14.

Importante perceber na transcrição da fonte, que muitos jogadores tinham atribuições importantes dentro da equipe, como a função de Capitão do time, fazendo com que um determinado jogador fosse o organizador dos quadros que o clube tinha na prática futebolística, no caso da citação sobre Pericá, participando do 2º quadro do Clube do Remo, temos como capitão da equipe principal e quem definia o 1º e 2º quadro, o senhor Armindo Mota, que era considerado o Capitão geral, já que o 2º quadro do time azulino possuía um outro Capitão, escolhido pelo jogador Armindo, mostrando que as suas atribuições eram importantes devido fazerem parte de todo um discurso na época de liderança perante os outros jogadores, entretanto, não devemos deixar de notar que provavelmente, esse prestígio do Capitão da equipe definia atribuições relacionadas ao período inicial do futebol que priorizava lideranças próximas as diretorias dos clubes, onde somente mais tarde apareceria jogadores de origem popular para assumir os cargos não deixando de ter conotação política do período do governo de Getulio Vargas.

---

<sup>115</sup> C.f.Nota sobre a função dos jogadores. *Revista A Semana*: 01/04/1921.

No período Vargas, alguns jogadores eram “pescados”, isto é, o jogador era visado e levado para jogar num Clube, ou seja esta definição do jogador com função de capitão fazia parte do aparecimento do jogador que com o passar dos anos deixa de ser “sportman” e passa a ter essa conotação popular, sendo inserido nos clubes de Belém que disputavam campeonato, como acontecia com União Esportiva, onde segundo discurso se não houvesse jogadores “Visados” a velha guarda atuaria nos jogos.<sup>116</sup>

Outro atleta que ganhou destaque na Imprensa paraense foi o Suiço, jogador que participou de várias competições esportivas pelo Paysandú, principalmente nos festivais futebolísticos do início do século XX:

Fecho brilhante da temporada de 1914 – Clube do Remo Versus Paissandú, domingo, 31 de janeiro de 1915.

O Paissandú realizou a sua festa esportiva no domingo, 31 de janeiro de 1915, enfrentando mais uma vez o Clube do Remo, Campeão paraense do ano anterior os dois times foram deste modo escalados:

Clube do Remo :

Mota,  
lulu e Armindo,  
Carlito, macedo(cap.) e King  
Ludgards, Infante, Antonico, Burns e Rubilar

Paissandu:

João,  
Silvio e lady  
Gilly, Baima e Palha,  
Guimarães, Abel, Genaro, Suíço(cap.) e Arthur.

Três elementos do Remo não puderam jogar, e foram eles: Corinto, Lulu e Macedo, que embora presentes achavam-se adoentados. Findou o encontro com a vitória do Paissandu pelo escore de 2 x 0, ambos os tentos de Abel.<sup>117</sup>

O noticiário esportivo destaca bem a participação de Suíço como Capitão do time do Paysandú logo no início do Clássico de maior prestígio da região norte. Essa participação significava o seguimento das regras com relação a liderança da equipe, onde esses jogadores buscavam demonstrar os ares da modernidade, os chamados “sportmens”.

---

<sup>116</sup> C.f. Pescador de jogadores. *Jornal O Estado do Pará*: 27/05/1938.

<sup>117</sup> C.f. Relato jornalístico sobre um jogo entre Remo e Paissandú, no qual ocorre a participação dos jogadores Rubilar e Suíço. CRUZ, Ernesto. Op.cit. p. 7.





Fonte: DA COSTA, Ferreira, Papão, 90 anos de paixão e glórias. Belém-Pará- Brasil, 2004. p. 193. O jogador Suíço, craque do Paysandú, no início do século XX.

Antonio Manoel de Barros Filho, foi considerado como um dos melhores jogadores do futebol paraense da sua época. Nasceu no dia 13 de fevereiro de 1899 e faleceu no dia 01 de julho de 1922, devido uma infecção estomacal. Para o futebol paraense, Suíço representou um atleta da elite paraense que viajou para Suíça para estudar na Europa, voltando de lá com costumes que eram próprios do momento histórico, isto é, hábitos europeus que eram vistos no Brasil como padrões culturais ligados à civilização e modernidade. Dessa forma, assim, que chegou em Belém, o atleta buscou mostrar suas habilidades futebolísticas, chamando a atenção da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) sendo então convocado para a seleção da época. Sua trajetória no Paysandú Sport Clube teve início no ano de 1915, com o aval do Desportista Hugo Leão, transformando-o em verdadeira celebridade na cidade, o que para muitos cronistas era fato suficiente para ser considerado o craque do time alvi-azul.

Nos primeiros anos da década de 1910, alguns dos jogadores citados, participaram dos primeiros jogos entre Remo e Paysandú, proporcionando um aumento da rivalidade entre os Clubes que buscavam superar um ao outro mesmo em plena década de 1910. Fato que levou no dia 25 de fevereiro de 1915, o Jornal “O Estado do Pará” colocar em sua edição de quinta-feira, a publicação de ofícios assinados pelo 1º secretário do Clube do Remo, Elzeman Magalhães, no qual, o mesmo não aceita a não participação do Paysandú nos jogos que seria

em benefício da cruz vermelha Belga, além de alegar as condições absurdas estabelecidas pelo clube Paysandú, fazendo com que as relações que eram amigáveis se tornem de inimizade entre os dois rivais.<sup>118</sup>

Portanto, as rivalidades clubísticas que se iniciam nos primeiros anos do século XX, começam a ganhar amplitude com o decorrer dos anos em torno dos seus atletas, como aconteceu com o jogador de futebol Suíço, que ficou considerado na história do esporte no Pará como um dos maiores craques do amadorismo ligado ao Sportmens.<sup>119</sup>

Outro jogador que ganhava destaque era Hugo Leão, que foi fundador nos anos de 1914 do Paysandú Clube, atual “papão da curuzú” de Belém do Pará, entretanto, a sua participação nos jogos mostrava peculiaridades do amadorismo elitista que eram inerentes ao dia-a-dia esportivo na cidade, como o sujeito ser um jogador de futebol, dirigente e juiz de partida, como atesta a fonte a seguir:

(...) as glórias da tarde em ambas as equipes, 1ª e 2ª, couberam ao Clube do Remo, que venceu facilmente o adversário por 5 x 0 e 6 x 0 respectivamente. No primeiro encontro (2º time) dirigiu a contenda o Sr. Hugo Leão, e o jogo final teve como arbitro Gama Malcher.(...)<sup>120</sup>

(...) mas o Remo, mais organizado, conseguiu vazar por duas vezes o gol defendido pó Joãozinho. No período final, cada clube faz um tento, terminado a partida com o resultado de 3 x 1, a favor do Remo. Os tentos do grupo azulino forma marcados por Antonico, e o do Paysandú por Hugo Leão.(...)<sup>121</sup>



Fonte: [www.nacaobicolor.com.br](http://www.nacaobicolor.com.br), acesso: 14/08/2007. Hugo Leão, quando disputava os jogos de futebol.

<sup>118</sup> C.f. Relato sobre uma rivalidade entre Remo e Paysandú, criada pela não aceitação do time alvi-azul em participar de um festival em benefício da cruz vermelha belga. CRUZ, Ernesto. Op.cit. p. 72.

<sup>119</sup> C.f.DA COSTA, Ferreira. Op.cit. p. 193.

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> C.f. Hugo leão como Juiz de futebol. CRUZ, Ernesto, p. 69.

Segundo LOPES, o futebol no seu início reproduzia no campo a seleção social que reunia as famílias ricas no Rio de Janeiro e São Paulo, assim como em outros locais do país, como no caso de Belém do Pará. Quando relacionamos a análise do Autor com os spormens citados no texto, visualizamos justamente o objetivo do futebol na sociedade brasileira, no nosso caso a paraense, isto é, os clubes de futebol também eram locais urbanos de sociabilidade onde ocorriam atividades físicas e esportivas diversas ou de assistência a elas, nos quais as famílias elitizadas participavam ativamente, se reunindo nos dias das disputas esportivas ou nos salões e saraus espalhados pela cidade. Daí a importância dos jogadores aparecerem nas notícias esportivas que estampavam os periódicos diários. Já que para o autor era relevante para jogadores como Mimi Sodré, Suíço, Hugo Leão, dentre outros aparecerem frequentemente nos bailes organizados pelos Clubes que disputavam partidas de futebol ou praticavam outros esportes como remo, water pólo, por exemplo, pois, ser um esportista na época representava um modo de vida elitizado, onde ocorriam encontros de vários estudantes universitários de medicina, direito ou de Academias Militares, reuniões que representavam maior contato com as aristocracias locais dominantes ou com as novas elites urbanas escolarizadas.

### **2.3 - JOGADOR DE FUTEBOL: SPORTMAN OU PELADEIRO?**

Os jogadores de futebol no início do século XX, na sua maioria pertenciam às camadas sociais abastadas, havendo alguns que eram estrangeiros, que buscavam mostrar como o “esporte bretão” era pertencente ao modelo de vida civilizado, no qual, somente os europeus poderiam “educar” os povos considerados ultrapassados, logicamente a partir de uma visão eurocêntrica da cultura local. Por isso, devido aos avanços tecnológicos e a expansão do capital simbólico que provocavam mudanças nas cidades brasileiras, era normal que sujeitos sociais das camadas elitistas locais praticassem ou buscassem praticar algum tipo de esporte, já que havia bastante contato com cidadãos ingleses e franceses que trabalhavam nas companhias urbanas, residiam na cidade ou estavam a negócios na região.

A organização do campeonato oficial do Pará no ano de 1913 foi feita baseada nos padrões da Liga Inglesa de futebol, com a obediência as regras estabelecidas pelos britânicos. Esse evento possibilitou a participação de sujeitos sociais como Dionísio Bentes, Intendente de Belém, Enéas Martins, governador do Estado, José da Gama Malcher, que era bastante renomado na política paraense, além de empresários locais que eram dirigentes dos clubes,

trabalhavam na Liga e ainda jogavam futebol, como o Sr. T.H. White que convidou os políticos locais para a implementação do campeonato de 1913.<sup>122</sup>

A importância dessa reunião que colocou lado a lado sujeitos pertencentes, na sua maioria aos setores mais abastados da sociedade belenense, estava na demonstração do significado de ser um jogador de futebol participante ativo dos melhores círculos sociais da cidade. Essa análise nos proporcionará entender a situação do jogador amador das camadas sociais subalternas, que existia e começava a “jogar bola” pelos clubes belenenses, apesar das campanhas de alguns intelectuais contra a participação desses sujeitos nos campos de futebol ligados a elite local.

Quem era o jogador amador considerado “não sportman” ? era justamente o jogador pobre que imitava as bolas de couro importadas através das bolas de meia, a falta de chuteiras, pelos pés descalços, os campos gramados e demarcados pelos terrenos baldios, as traves, pelas balizas improvisadas.<sup>123</sup> Logicamente que esse praticante amador do futebol aprendia a gostar do esporte através dos jogos que ocorreram nos primeiros anos do século XX, no caso de Belém do Pará, durante as espiadas nas partidas disputadas nos largos de S. Brás, na praça Floriano Peixoto, na praça Batista Campos e depois passa ser colocado no atual estádio da Curuzú, na época de propriedade da Empresa Ferreira & Comadita. Eram nesses locais que as crianças e jovens das camadas populares tinham oportunidade de ver os jogos de futebol disputados pelos grandes times da elite, nos bairros que eram freqüentados por essa elite, pois, geralmente trabalhavam como “apanhadores de bola” sendo freqüentadores assíduos das gerais, que eram locais considerados de segunda classe, onde se assistia os jogos de pé, próximo ao chão, com preços que eram baratos nos estádios recém inaugurados. Sujeitos que serviam, em momentos decisivos dos campeonatos, como torcida para as grandes equipes. Proporcionando como resultado imediato do contato entre os clubes elitizados e as camadas populares o surgimento de clubes populares que disputavam os primeiros campeonatos suburbanos.

No dia 15 de agosto de 1917, foi inaugurado o campo do Clube do Remo, no qual alguns jornais da cidade destacaram a participação de vários sujeitos das camadas elitistas, homens e mulheres que participaram ativamente da implementação do estádio “Baenão”, e no decorrer da construção do estádio com capacidade para 2500 pessoas foram delimitados os

---

<sup>122</sup> C.f. CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 55

<sup>123</sup> C.f. LOPES, José Sergio Leite. op.cit.p. 121-163.

locais que cada indivíduo deveria ocupar no decorrer das partidas disputadas no local, essas áreas de segunda classe significavam o espaço que os populares deveriam ocupar e os de primeira classe onde se estabeleciam os círculos elitistas da sociedade.<sup>124</sup>

A construção e delimitação de áreas populares nos estádios de futebol que estavam sendo criados na cidade, demonstravam as tendências dos jogos de futebol em 1917, pois, a capacidade a crescente popularização pautada em discursos nacionalistas provocou um maior contato do esporte bretão com os setores menos abastados da sociedade, possibilitando uma mudança de hábito dos setores abastados, a partir de um contato maior com as camadas populares durante as partidas de futebol, ou seja, o número de pessoas que acompanhavam os jogos começava a aumentar, sendo necessário a criação de locais maiores para as disputas consideradas “amistosas” ou oficiais. Contudo, a divisão social estava clara na criação de setores populares no estádio Baenão, delimitando os espaços das camadas populares, fazendo com que houvesse uma demonstração de poder por parte da elite local, lembrando que as cadeiras nos campos de futebol na atualidade podem ter sua origem nessa divisão que foram promovidas pelos praticantes do “bola-pé” na virada dos anos de 1910, onde a cidade ainda vivia sob as riquezas da borracha e seus modismos que buscavam diferenciar as elites dos grupos sem poder econômico e social.



DA COSTA, Ferreira, “A Enciclopédia do Futebol Paraense”, Ed. Cabano, 1º Edição, Belém – Pará, 2000.  
Estádio do Clube do Remo, 1917.

Nesse contexto o jogador suburbano, mestiço e pobre começa a ter uma maior participação nos Clubes locais, times como a Tuna Luso, O Paysandú Clube e o próprio Clube do Remo, começavam nos primórdios do futebol local a utilizar, como forma de ganhar

<sup>124</sup> C.f. CRUZ, Ernesto. op.cit. p. 117.

alguns jogos, jogadores oriundos dos setores populares, principalmente nos times que não eram considerados de primeira linha. Em meados da década de 1910 os jogos que começaram ocorrer nos campos da Ferreira & Comadita, a partir de junho de 1914 e depois a inauguração do campo do Baenão, de propriedade do Clube do Remo no ano de 1917, possibilitaram uma amplitude das partidas futebolísticas entre os melhores clubes da região, inclusive em disputas nos festivais contra Clubes considerados suburbanos.

A inauguração do estádio do Clube do Remo no ano de 1917, proporcionou uma maior sistematização das partidas que eram, na virada do século XIX para XX, disputadas nas praças públicas, agora as multidões aumentavam com a proximidade dos anos de 1920, as torcidas começavam a se ampliar, tanto que segundo a crônica esportiva da época, no jogo do dia 14 de outubro de 1917 havia uma verdadeira multidão para adentrar ao estádio do Clube azulino, aplaudindo e vibrando pelos jogadores preferidos, que ao final teve como vencedor o Clube do Remo como vencedor do clássico, já bastante exaltado pela sociedade entre Remo e Paysandú, a dupla RE x PA,<sup>125</sup> que começava a forjar o caráter simbólico das duas equipes para identidade do povo belenense e por que não dizer paraense, pois, muitos clubes da capital participavam de festivais que ocorriam no interior do estado.

#### O Clube do Remo em Abaeté

A delegação dos remistas que foi a Abaeté pelo vapor “Antonina” saiu de Belém à meia-noite de do dia 14 de novembro, chegando na manhã seguinte ao seu destino. Ali foram disputadas diversas provas esportivas entre Remo e Associação Abaeteense.

No encontro de vólibol os azulinos venceram os leais adversários por 25 x 5 e 21 x 8. O Remo vence a prova de velocidade e lançamento de disco e peso: a Associação Abaeteense sai vitoriosa na corrida de resistência.

Na partida de futebol, a equipe dos azulinos derrota a local por 6 x 0.

A delegação remista retornou a Belém na manhã de 17.<sup>126</sup>

Nessa época que o jogador Evandro Almeida começa a ser um dos destaques nos anos de 1920 do time do Clube do Remo, participando ativamente do selecionado paraense do campeonato brasileiro de seleções, inclusive mais a frente se tornando dirigente do Clube.<sup>127</sup> Evandro Almeida representa nessa época o jogador que se tornaria ídolo da torcida e representante de uma nova fase no futebol paraense, no caso a transição da football para o futebol, principalmente com a participação de jogadores do universo popular em detrimento

---

<sup>125</sup> C.f. CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 122.

<sup>126</sup> Idem. p. 181.

<sup>127</sup> C.f. DA COSTA, Ferreira. Op.cit. p. 207-208.

dos filhos da elite paraense. Durante os início dos anos de 1920 para os de 1930, muitos times de futebol ligados as mais diversas entidades surgem e com eles vários jogadores começam a figurar no campeonato paraense e nos festivais dos grandes Clubes e suburbanos. Nesse sentido, o ídolo remista passa a se tornar uma referencia para o time durante as partidas ganhando o status de Capitão, significando que era uma liderança perante os companheiros de equipe, que no início era escolhido por uma votação entre os jogadores e dirigentes do Clube geralmente era o sujeito que estava muito bem relacionado com os dirigentes da agremiação esportiva.

Abaixo, a foto do atleta Evandro Almeida, um dos primeiros ídolos da torcida remista e do futebol do Pará. Seu estilo de jogo e a forma como atuava representando o Clube do Remo, deixou suas marcas na história do clube. Sua atitude representava parte do discurso da época que via os clubes como verdadeiras “nações”, onde os valores de heroísmo eram exaltados, sendo um dos fatores para o aumento da maior rivalidade do Pará em termos de futebol, que é o clássico Remo e Paysandú, a dupla Re x Pa.

Imagem de Evandro Almeida, ídolo azulino que participou do time no início dos anos de 1920, mais tarde se tornando dirigente da Agremiação esportiva .



Fonte: DA COSTA, Ferreira, Leão azul centenário, Belém- Pará- Brasil, 2006.p. 28.

“Cartaz do dia

O grande Evandro

Apagou-se, ontem, em pleno sol do meio-dia, a chama da vida de Evandro Almeida. Quando cheguei ao jornal e ouvi de Milton Andrade a notícia, lá fora ia uma tarde gloriosa de verão. Uma tarde como tantas que, num tempo já ficando distante, o morto que rido esplendia nos gramados da terra, sua bravura gloriosa dos atletas mais brilhantes que aqui possuímos.



E me puz a lembrar o zagueiro impávido que ele foi, correndo no campo, a sua vitoriosa mocidade, soberbo nas cabeçadas, com que tanto sabia rechaçar o adversário mais audaz.

Havia nele, na sua bravura, algo de sublime, porque não era apenas heroísmo, mas dedicação também.

Saltando no gramado no rebote para investidas contrárias, era como se ele fosse coração, mais coração do que tudo, apenas coração, mesmo, transfigurava-se por isso mesmo, nos menores lances, o mais insignificante dos seus gestos ganhava tonalidades olímpicas.

Uma tarde, a meio da peleja travada, contra o mais aguerrido e tradicional dos adversários, a bola mandada de longe, mais em rumo certo, ganhava o caminho das redes, no exacto instante em que Evandro chegava para impedir-lhe a trajetória. O tiro, porém, fôra dos mais traiçoeiros, de tal forma traiçoeiro que ninguém podia detê-lo sem prejuízo de um choque de imprevisíveis conseqüências com as próprias barras do goal.

Evandro sentiu isso mesmo, de pronto. Mas, todo ele coração acima de tudo, amando enfebrecidamente o seu clube do Remo, não hesitou um segundo no lance. E, um salto espetacular, caminhou para o rechaço. Caminhou para a bola sabendo que o preço da glória de impedir-lhe o trânsito para as redes era seu próprio sacrifício. O balão foi detido na marcha ameaçadora, efetivamente, mas ele, o zagueiro glorioso e impávido, ficou estendido na grama, a fronte sangrando, saindo dali no rumo do hospital, onde somente a noite, horas avançadas da noite, acordou para alegria do triunfo que aureolava a sua bandeira, nessa tarde.

Está morto o grande Evandro: o Evandro Almeida, general de tantas gloriosas batalhas, figura legendada de herói, na história dos dias mais belos do Clube do Remo!

As figuras como elle difficilmente se repetem. Por que Evandro era bravura e coração, heroísmo e dignidade.”<sup>128</sup>

A forma como Evandro Almeida jogava pelo time representava uma liderança que nos anos de 1920, 1930 e 1940 atraia muitos torcedores, pois, significava muitas vezes um “heroísmo” que foi criado pela própria imprensa e os torcedores, atravessando os anos, no qual o jogador disputava os jogos pela seleção paraense e o time do Remo, atingindo o imaginário das pessoas que não o conheceram, mas que ouviam os mais antigos contarem sobre a habilidade do jogador que hoje empresta seu nome ao estádio Baenão de propriedade do Clube do Remo.

A partir do início da década de 1920, com a recém inauguração do estádio do Clube do Remo, temos um aumento significativo dos jogos de futebol em Belém do Pará, principalmente pelo índice de popularização que os clubes suburbanos e a dupla Re X Pa, começaram a obter. A própria imprensa modificou a sua linguagem buscando enfatizar mais termos em dialetos populares deixando de lado a escrita mais rebuscada, na verdade a cidade crescia e com isso outros setores da população criavam os seus próprios significados para os

---

<sup>128</sup> C.f. O Grande Evandro Almeida. *Jornal A província do Pará*: 22/05/1964.



jogos de futebol nos finais de semana na cidade, provocando uma ampliação do número de atletas que praticavam o futebol, com isso jogadores como Evandro Almeida, continuavam a ganhar destaque, pois, ainda lembravam um período chamado de fase dos sportmens, no entanto, nos anos de 1920, a peculiaridade principal com relação ao futebol é o aumento do número de jogadores oriundos dos setores populares, que inclusive conseguiram participar ativamente dos clubes considerados mais importantes da cidade, como Remo, Paysandú e a Tuna.

Nesse contexto do aumento do número de jogadores e maior participação popular durante os jogos, houve possibilidades alguns clubes como o Remo a desenvolverem seus próprios estádios, fato que não significava que todos os clubes conseguiriam fazer seu campo como foi construído o Baenão. Assim, no final dos anos de 1930, o Clube do Remo inaugurou os seus refletores criando a possibilidade dos seus jogos serem feitos a noite, modificando toda uma situação que foi estabelecida ao longo dos anos em torno do futebol, que eram os jogos durante o dia pelos campeonatos ou pelos festivais. Dessa maneira a inauguração dos refletores do estádio do Remo, possibilitou o aumento da rivalidade com o Paysandú devido à utilização de tecnologia e uma nova forma de atuar nos gramados paraenses, já que os jogos poderiam ser disputados a noite.<sup>129</sup>

Os grandes festivais esportivos tinham como atrações principais os jogos de times de futebol, nesse contexto o atleta completo (nadador, jogador de futebol, pólo aquático, remador) começa a desaparecer para aumentar os especialistas em jogo de futebol, não que os atletas de outros esportes não existissem, porém, com o aumento dos festivais futebolísticos, o atleta de futebol se especializa e passa a ter maior destaque. Apesar do próprio Evandro Almeida ter disputado outras modalidades esportivas, como quando participou da festa esportiva do Clube do Remo, na modalidade de salto com vara, se sagrando campeão,<sup>130</sup> inclusive, demonstrando que em todo esse processo de popularização e de profissionalização do futebol, ainda existiam características amadoras do início do futebol no Pará, onde o jogador de futebol era atleta de outras modalidades esportivas.

No entanto, essa especialização do atleta vai coincidir com aumento do número de festivais esportivos no qual o futebol era o destaque, facilitando para o atleta jogar apenas futebol como no jogo que ocorreu no dia 31 de julho de 1921, onde o time do Paysandú levanta uma taça de campeão do festival futebolístico promovido pelas senhoras da capela de

---

<sup>129</sup> C.f. Inauguração dos refletores no campo do Remo. DA COSTA, Ferreira. op.cit. p. 204. 15/08/1940.

<sup>130</sup> C.f. festa esportiva do Clube do Remo. CRUZ, Ernesto. op.cit. p. 168.

S. Francisco de Assis, com intenção de levantar fundos para igreja local. Durante os jogos vários times participaram, dentre eles, Remo, Tuna, Recreativa, Brasil, Nacional.<sup>131</sup> Mobilizando um grande número de torcedores, jogadores, sujeitos dos mais variados setores sociais, pois, era bastante comum a participação de muitas pessoas durante os jogos de futebol na cidade. Inclusive era comum nos campeonatos ou nos festivais os jogos de times de segundo quadro, que na verdade eram compostos por reservas ou atletas que começavam a despontar para o seu lado futebolístico, como atesta a um jornal da época:

Arbitrado conscienciosamente pelo senhor Clodoaldo Oliveira, teve lugar o jogo dos segundos quadros que terminou favoravelmente ao Remo pela elevada soma de 7 a 1 pontos(...)<sup>132</sup>

É importante entendermos essa situação da formação do jogador de futebol no Brasil, pois, temos exemplo de grandes craques do futebol brasileiro que surgiram no final dos anos de 1940, que possuíam uma estrutura semelhante aos jogadores que participavam dos festivais futebolísticos em Belém. No caso, podemos citar o jogador Garrincha, natural da cidade de Pau Grande, no Rio de Janeiro, nasceu em 1933, no período em que o futebol começava a era do profissionalismo, entretanto, a vida desse craque do futebol nos mostra que as mudanças no sentido da profissionalização seguiram um processo longo e que inclusive muitos clubes não conseguiram alcançar ou ainda estão buscando. Principalmente em locais que não eram considerados grandes centros da bola, ou seja, mesmo com todo o discurso e legitimação do profissionalismo, muitos jogadores por todo país ainda tinham ligações muito próximas com um amadorismo que prejudicava ou demonstrava a realidade do atleta perante muitos clubes.

Garrincha, jogava no time de uma fábrica em Pau Grande, no qual também era funcionário, ocorre que a grande peculiaridade do trabalho do garoto na época, estava no fato do chefe da fábrica fazer vista grossa, para os deslizes cometidos pelo craque. Apesar da atitude do chefe e dos atrasos e faltas de garrincha, teve um momento que o chefe da fábrica precisou exercer sua autoridade, chegando a demiti-lo, porém, devido aos jogos que o time da fábrica ganhava quando o jovem Garrincha estava em campo, o seu chefe foi obrigado a readmiti-lo.<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> C.f. festival do São Francisco. *Revista A Semana*, 31/07/1920.

<sup>132</sup> C.f. Sobre um jogo de 2º quadros entre o Remo e Recreativa. *Revista A semana*: 07/08/1920.

<sup>133</sup> C.f. CASTRO, Ruy, *Estrela solitária um brasileiro chamado garrincha*”, São Paulo: Companhia das letras, 1995, p. 30.

Esse fato que aconteceu com Garrincha, na verdade exemplifica como alguns jogadores de futebol obtinham ascensão social ou apenas sobreviviam na sociedade, nos mostrando como os sujeitos sociais participavam dos times de futebol. Logicamente que muitos vinham de camadas sociais mais abastadas, fato que foi mudando em Belém do Pará nos anos de 1920 em diante, quando o processo de popularização avança aliado ao processo de profissionalização.

Segundo Aquino, a crescente popularização do futebol foi diminuindo paulatinamente com a prática dos Clubes serem integrados por jovens das famílias mais abastadas. Na verdade, o autor destaca que os anos de 1920 foram considerados a década do “amadorismo marrom”, significando que muitos jogadores recebiam o famoso “bicho”, uma quantia em dinheiro que servia de motivação para que esses jogadores pudessem enfrentar os grandes jogos, demonstrando que apesar do discurso de amor a camisa, boa parte dos atletas de futebol já sobreviviam “as custas” das partidas, recebendo dinheiro pelas vitórias e conquistas de campeonatos. O autor destaca muitos casos de jogadores que no Rio de Janeiro, sobreviviam de salários nos seus empregos, mas que era apenas uma forma de demonstrar que trabalhavam e eram amadores, pois, era uma exigência da legislação que regulava os jogos de futebol no Rio de Janeiro.

Dessa forma, a origem do jogador de futebol na cidade de Belém do Pará estava inicialmente ligada à estrutura da modernidade e do progresso, onde o esporte fazia parte do processo de aceitação do discurso do padrão de civilização europeu. Com o passar dos anos o futebol passa a ter uma identidade não somente com as elites locais, mas com grupos populares, favorecendo a entrada dos jogadores de origem humilde nos clubes de maior porte, já que apesar de não disputarem os jogos nos torneios oficiais, os sujeitos pertencentes a estes setores praticavam o futebol de forma improvisada, fato que se amplia com o decorrer do tempo, fazendo com que dirigentes de clubes da cidade começassem a trazer jogadores para disputarem os torneios e festivais oficialmente. Com isso, muitos jogadores de futebol passam a ver no esporte a possibilidade de ganharem seu sustento, fugindo assim do discurso do amadorismo pregado pelos sportmens, obrigando alguns dirigentes interessados em ganhar os campeonatos e os festivais a contratar jogadores oriundos dos setores menos abastados, provocando um embate entre o discurso de amor a camisa dos sportmens e os que achavam importante que se implantassem o profissionalismo.

A fonte a seguir nos mostra como muitos jogadores eram vistos pela imprensa, fator que fazia crescer o debate em torno do futebol em Belém, principalmente com relação ao profissionalismo, já que muitos jogadores que participavam das partidas tinham uma origem

bastante pobre, eram fruto do processo de popularização que aumentava as rivalidades clubísticas.

(...) portanto, destacamos no registro. Mesmo há interessados no assunto e são os que devem dizer algo de nuevo: os jogadores de futebol, que não sabem o que é férias futebolística, vivendo estropiados, exausto dum bate-bola incessante. Estes que se cocem...<sup>134</sup>

Por isso os anos de 1920 e 1930 são importantes para entendermos sobre a formação do jogador de futebol e sua entrada no chamado momento do profissionalismo, já que, mesmo durante os jogos oficiais ou pertencentes a algum festival esportivo, fatos próprios do amadorismo do início do século XX ainda aconteciam, como pescaria de juiz, jogador de outro clube sendo juiz, jogador dirigente, pancadaria e invasão de campo pela torcida que com o decorrer dos anos começa a se ampliar, sendo uma forma de visualizarmos o processo de popularização e profissionalização do futebol na cidade.



(...) Chega o momento para ter início a peleja, mas há, preliminarmente, como é de praxe, longa espera, porque ainda se iniciava a pescaria a um juiz.

Appareceu, após cabulosas dermachês o jogador tunante Lulico e deram-lhe o apito...<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> C.f. Reportagem sobre a temporada de 1921 e a descrição da situação de determinados jogadores. *Revista A Semana*: 18/02/1922.

<sup>135</sup> C.f. Briga durante um RexPa. *Jornal O Estado do Pará*: 03/10/1938.

A análise desses fatos no cenário futebolístico belenense possibilita a compreensão da profissionalização em Belém do Pará, onde muitos jogadores admitiam “o discurso de amor à camisa” como forma de contestação de jogar por dinheiro é como se os clubes fossem pátrias a serem defendidas. No entanto, a defesa implícita nos discursos de jogadores contra o profissionalismo podia está escondendo um discurso político da época, já que o futebol possibilita analogias com as relações sociais, inclusive possibilidades de inversões dos papéis durante os jogos (na dinâmica do jogo), pois, muitas vezes o garoto pobre tinha mais habilidade que muitos jogadores que participavam diariamente dos clubes, com a diferença que o pobre sobreviveria dos seus dotes futebolísticos.

“O grande Marituba fez annos hoje

A grande figura singular do esporte paraense, que é Euclides Nascimento, o Marituba, faz annos hoje.

Padrão de uma hosnetidade nem de leve nunca suspeitada, Marituba foi sempre o batalhador destacado do União Esportiva, impulsionando-lhe com jogadas maravilhosas, ou trabalhando na direção dos quadros admiráveis que o alvi-negro apresenta.

Technico dos mais completos, arbitro dos mais seguros e acatados, futebolista de fôlego e de recursos, sagrado campeão do norte, várias vezes, e figura obrigatória dos seleccionados paraenses, Marituba foi um jogador interestadual de renome e de prestígio nas canchas.

União Esportiva, que tem o justificado orgulho de possuil-o em seu quadro e nunca ter visto Marituba vestir outra camisa que não a alvi-negra, está de festa hoje, postando as suas maiores homenagens ao seu leal e dedicado defensor”<sup>136</sup>

O jogador Marituba para a crônica esportiva é um exemplo do discurso implícito do não profissionalismo dos jogadores, era como se fosse um atentado ao verdadeiro esporte, que na escrita do cronista estava interligado aos valores como honestidade, dedicação, batalha dentro de campo, habilidade, prestígio e amor às cores do time defendido, porém, não significava que todo jogador que disputava as partidas de futebol fosse a favor dos valores morais argumentados pelo cronista esportivo. Este jogador considerado por membros da imprensa como grande craque da época, se destacava como exemplo da discussão de vários setores da sociedade, como jornalistas e muitos outros, inclusive os torcedores, sobre a profissionalização dos atletas de futebol.

O Marituba, de acordo com alguns relatos oficiais, pensava jogar no seu clube sempre, nunca chegou a conhecer outra camisa durante toda a sua vida de atleta, a não ser quando defendia as cores do Pará no campeonato brasileiro de seleções organizado pela CBD.

---

<sup>136</sup> C.f. Aniversário do Marituba. *Jornal O Estado do Pará*: 01/02/1939.

O seu gosto por jogar no União Esportiva, nos evidencia o pensamento que ele tinha sobre o profissionalismo, ou pelo menos o seu discurso, demonstrado claramente numa de suas entrevistas a imprensa esportiva, no qual ele sabia que era cobiçado por outras agremiações futebolísticas, que sempre lembrava das cores alvi-negras do clube que defendia. Entretanto, não devemos deixar de enfatizar que todo este discurso de amor a camisa lhe proporcionava determinado prestígio junto aos jogadores, diretores de clubes, torcedores de futebol na época ocasionando em mais entrevistas para imprensa radiofônica e a escrita, fato que de certa forma lhe rendia bastante fama no mundo do futebol paraense.

Nesse discurso a favor do amadorismo feito pelo jogador Marituba em pleno ano de 1939, também era comum as críticas não somente a forma como o futebol estava sendo tratado, anos antes do aniversário do jogador pertencente ao União Esportiva, mais precisamente no ano de 1921, o cronista esportivo já chamava a atenção para a escolha dos árbitros que deveriam apitar os jogos da Liga Paraense de Sports Terrestres, já que era comum a entrada de pessoas que não demonstravam compromisso com as partidas que apitavam, isto é, escolhiam sujeitos que não tinham preparo e nem moral para apitar com dignidade os jogos, pois, muitas vezes eles primavam pela parcialidade, até como forma de vingança mesquinhas. Por essas e outras que o cronista defendia a criação de uma escola de árbitros que poderiam melhorar o nível técnico dos jogos e possivelmente levar a profissionalização dos praticantes do futebol.<sup>137</sup>



Fonte: DA COSTA, Ferreira. Papão, o rei do norte, Ed. Cabano, 1º Edição, Belém – Pará, 2002. p. 33. Jogador Quarenta.

---

<sup>137</sup> C.f. Defesa pelo cronista da criação da escola de árbitros. *Revista A Semana*:12/02/1921.

Na verdade, o discurso de falta de preparo moral, dignidade de alguns árbitros que eram escolhidos de maneira muitas vezes aleatória significava que a busca pelo profissionalismo poderia acontecer e fazer com que árbitros mal intencionados não comandassem os jogos devido o preparo técnico adequado que os mesmos teriam numa formação mais específica, estabilizando uma arbitragem não mais “pescada”, mas, profissional, isto é, cumprindo os seus deveres para com as partidas da época, todavia essa forma de “pescar” árbitros perdurou por bastante tempo nas disputas oficiais de futebol no Pará.

Luis Gonzaga Lebrege, o famoso Quarenta, foi um desses jogadores que teve uma história de vida mudada pelo contato com a prática futebolística, pois, foi um sujeito que possuiu grande destaque no futebol paraense, sendo considerado craque e ganhando o apelido de “el tigre”. Jogou com jogadores que no período eram verdadeiras celebridades da época, como Leônidas da Silva, Fausto e Domingos da Guia. No Paysandú foi considerado o 3º maior artilheiro da história do Clube alvi-celeste. Quarenta não era brasileiro, possuía esse apelido devido o período que esteve morando no Instituto Lauro Sodré, onde foi deixado no Brasil como órfão de pai e mãe, ficando no asilo Dom Macedo Costa, sob a responsabilidade da irmã Celeste, de onde mais tarde foi estudar como interno no instituto Lauro Sodré, sendo descoberto pelo dirigente bicolor Dr. Ofir Loyola, que levou Quarenta, Setenta e Sete e Quarenta e Quatro, todos apelidos dados na época que os respectivos jogadores estudavam no internato e recebiam seus números, porém, no ambiente do jogo de bola os apelidos valiam como identificação dos jogadores.

Nos juvenis do Paysandú desde de 1927, Quarenta teve sua grande chance quando atacante Gengibre não pode jogar pelo time alvi-celeste e o treinador o lançou como titular do ataque com apenas 17 anos, fazendo com que os sócios do clube e os torcedores aprovassem o jogador que mais tarde foi vestir a camisa de clubes do centro-sul do país, principalmente nos anos de 1930. Por fim, foi assediado pela Tuna Luso Brasileira para jogar no seu time de futebol, fato que não ocorreu, pois, segundo a imprensa da época, o mesmo buscava jogar pelo Paysandú, o clube que o projetou, possibilitando assim, o surgimento e a sua participação do “esquadrão de aço” apelido que a imprensa deu ao time do Paysandú do final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940.<sup>138</sup>

Na verdade, esse jogador servia de discurso para não profissionalização do futebol no sentido de se perder o caráter de ligação com o esporte e o clube de origem, demonstrando

---

<sup>138</sup> C.f. DA COSTA, Ferreira. op. cit. p. 184 -186.

que não foi somente o jogador Marituba que fazia o discurso de “amor a camisa”, a volta do Quarenta ao Paysandú, também exemplifica esse fato em pleno momento de debate sobre o futebol profissional no Pará.

Nesse processo de mudança do “football para o futebol” muitos dirigentes buscavam trabalhar de forma mais racional com relação aos seus atletas. Esse foi o caso de um dos sócios do Brasil Sport Club, time que enfrentaria o Paysandú por um festival, no dia 06 de março de 1921, no qual o mesmo adquiriu as regras práticas sobre o futebol traduzido do francês, e o cronista esportivo resolveu destacar pontos relevantes para o que ele chamava de melhoria do futebol paraense. Por isso era importante que os técnicos e jogadores tivessem cuidado com os treinos, pois, do ponto de vista do que o cronista chamava de higiene, implicaria em possíveis acidentes que poderiam prejudicar os atletas e as suas respectivas equipes.

A maior parte dos acidentes que aconteciam nos jogos de futebol não eram explicados somente pelo corpo- a -corpo que era comum no esporte, mas também pela insuficiência de treinos e falta de conhecimento técnico sobre o esporte que praticavam, Já que, mal treinado e mal instruído o jogador se lançava nos jogos de maneira imprudente provocando muitos incidentes, comprometendo os resultados da partida.

A maneira de fortalecer os jogadores prevenindo-os contra os acidentes nos jogos de futebol estava relacionada à prática de educação de física, pois, somente com o pleno desenvolvimento corporal e alimentação adequada é que poderia se falar em treino de futebol propriamente dito, isto é, os atletas deveriam ter uma continuidade de preparação para as disputas dos jogos, no qual cada posição teria um trabalho apropriado, prevalecendo um trabalho corporal conjunto para superar as situações de contusões provocadas por falta de treinamentos adequados.<sup>139</sup>

É fato que o aumento do número de clubes de futebol disputando torneios, festivais futebolísticos e jogos oficiais do campeonato paraense provocaram uma ampliação no número de torcedores e também na forma que o jogador se preparava para as partidas, pois, anteriormente cada sportman buscava o seu próprio preparo físico, de maneira individualizada, enquanto a preparação para um trabalho em conjunto não ocorria de forma a justificar a permanência do jogador treinando continuamente para algum clube, a não ser que houvesse um tempo completo para os treinos, o que automaticamente provocaria um vínculo de trabalho que era bastante contestado pelos atletas que apoiavam o amadorismo. Portanto,

---

<sup>139</sup> C.f. Regras práticas de futebol, treinos e acidentes preparação e higiene do jogador. *Revista A Semana*: 05/03/1921.



com o passar do tempo, juntamente com o processo de profissionalização começou a aumentar as discussões em torno de tempo para os jogadores treinarem, aperfeiçoando a parte técnica das equipes, mas estabelecendo a sensação de que os atletas poderiam trabalhar diretamente para os clubes, transformando-os em atletas profissionais.

Essa chamada normatização de treinos e características que cada jogador deveria ter é relatada por Luis Henrique de Toledo, no sentido da necessidade que muitos jogadores tinham de profissionalizar-se, já que muitos atletas não possuíam condições mínimas de sobrevivência, tendo suas carreiras prejudicadas, inclusive por dirigentes inescrupulosos, que se aproveitavam da origem popular dos seus atletas. Por isso, que esses manuais que não demonstravam somente as formas que os atletas deveriam jogar, os esquemas táticos, serviam para normatizar as regras dentro de campo e fora dele, no sentido da própria sobrevivência do atleta, que como Quarenta, possuíam uma origem humilde e geralmente, não tinha condições de buscar uma melhoria social por outra situação, que não fosse a prática do futebol.

Para muitos especialistas sobre o assunto, 1933 é o ano chave desse movimento rumo ao profissionalismo, apesar de que no Pará, o primeiro jogador profissional de futebol só existiu a partir da década de 1940, mas precisamente no de 1945, com o registro de atleta de futebol profissional da CBD, de número 14693, Augusto Barreto, apelidado de jambo, que tinha vindo da Bahia para jogar pelo Clube do Remo, onde ficou definido o tempo de contrato e os direitos que o jogador tinha junto ao clube. Mas esse processo de profissionalização de jogadores vinha sendo debatido bem antes da década de 1940, primeiramente, por que no início da década de 1930, a crítica especializada em esportes, começa a se fortalecer através de jornais escritos e pela divulgação de manuais futebolísticas que mostram algumas peculiaridades do “esporte bretão”, inclusive as suas regras básicas, o objetivo era internalizar na sociedade os fundamentos do jogo, para defender o profissionalismo como forma de melhorar as condições precárias que inúmeros jogadores passavam depois dos momentos de fama, pois, o dinheiro que era arrecadado com os jogos, ia para as mãos dos dirigentes esportivos que tratavam com descaso as condições do ex-jogador, por isso foi importante que a imprensa esportiva tenha dado grande ênfase a um processo de normatização do futebol nas suas várias dimensões, dentro e fora do campo.<sup>140</sup>

Também é possível que essa normatização do jogador do futebol no sentido da profissionalização, estivesse relacionado à forma como o Estado Novo através do seu discurso homogeneizador demonstrar que o jogador tinha adquirido direitos e logicamente poder

---

<sup>140</sup> C.f. Jambo, Primeiro jogador profissional de futebol no Pará, DA COSTA, Ferreira op. cit. p. 363.

contar com seu apoio político, servindo até de propaganda para o governo da época, pois, o controle dos setores de esporte e lazer estava nas mãos do Estado, sendo interessante passar uma imagem de profissionalismo, garantia dos direitos ao trabalhador, mesmo que fosse um jogador de futebol.

Como se improvisa um astro de futebol

O público que frequenta os nossos campos de esporte deve se lembrar, ainda, de um futebolista que por aqui andou, soldado do exercito de nome Alberto Santos, apelido Gaúcho, jogando de goal-keeper pelas turmas inferiores do Paysandú e umas duas ou três vezes pelo onze principal, tampando buraco na ausência de Castilho, pois, esse moço – pasmem os leitores – foi se embora para o Rio e, chegando lá, deu uma entrevista ao Diário da Noite, apresentando-se como um dos cracks do nosso futebol, arqueiro do scratch paraense, vice-campeão da cidade e muitas cosas a mais... mas que grande mentiroso! É a exclamação que nos vem aos lábios, após a leitura dessa entrevista. Que descaramento, não se lembrou por ventura, o Gaúcho de que os jornais do Rio vem para Belém, Orlando foi o arqueiro vencedor dos amazonenses por 6x2 e dos maranhenses por 12x2, sendo assim o campeão da zona norte. Gaúcho, nunca foi vice-campeão do Pará, nunca formou o scratch paraense, e quem foi que disse que elle iria ao Rio se nossos embaixadores fossem até lá? Que esperança!

Bicho bom para mentir!<sup>141</sup>

A formação e o surgimento do jogador de futebol paraense a partir de meados dos anos de 1920 passavam por um imaginário diferente da “Belle époque do futebol”, pois, nesse momento histórico, a popularização e a profissionalização do futebol estavam em debate, onde destacavam também o trabalho, a fama e o status de ter jogado por algum clube futebolístico local, isto é, representava a possibilidade de ascensão social ou participação nos meios da imprensa esportiva, fato que tornava o jogador bastante conhecido, porém, muitos sujeitos sociais tentavam participar e não conseguiam ter habilidade proporcional a sua vontade de jogar. Situação evidenciada no discurso do jogador gaúcho, que quando foi ao Rio de Janeiro, no ano de 1932, fantasiou a sua participação na seleção paraense de futebol, que disputava o campeonato brasileiro de seleções na época, além de ter enfatizado a sua participação em conquistas por clubes locais, que na verdade não ocorreram. Dessa maneira, a sua “mentira” representava uma possibilidade de mudança no imaginário dos sujeitos com relação à prática do “soccer”, pois, nesse processo de aumento do número de clubes, jogadores, numa busca por formação da arbitragem, de treinamento de acordo com as suas posições nas partidas, sendo uma exigência a participação dos atletas em treinamentos que deveriam ser diários,

---

<sup>141</sup> C.f. A mentira de Gaúcho. *Jornal O Estado do Pará*: 09/01/1932.

provocou a defesa de uma profissionalização até mesmo com relação ao aspecto físico do atleta, no qual muitos oriundos das camadas subalternas, não tinham um tratamento idêntico a um atleta oriundo das camadas mais abastadas da sociedade prejudicando o seu clube nos jogos ou mesmo por terem a possibilidade ganhar seu sustento melhorando o desempenho dos times de futebol, destacando a participação política de determinados dirigentes de clubes.

O aumento da participação de jogadores nos clubes de futebol provocou em contrapartida uma popularização do clássico Remo e Paysandú, onde muitos jogadores sonhavam em jogar. Dessa forma, o processo de popularização do futebol se intensificou juntamente com a profissionalização do jogador de futebol, que em contrapartida buscava disputar o clássico, fato que aumentava sua fama perante os torcedores que começavam a aumentar e perante a própria imprensa esportiva que passa a ter no final dos de 1920 uma programação que destacava as transmissões esportivas que se acirraram na década de 1930. Sobre a utilização do rádio como veículo de comunicação o historiador inglês Eric Hobsbawn enfatiza:

“(...) ao contrario do cinema, ou mesmo da nova imprensa de massa o rádio não transformou de nenhum modo profundo a maneira humana de perceber a realidade. Não criou novos meios de ver e estabelecer relações entre as impressões dos sentidos e das idéias ( ver a era dos impérios). Era simplesmente um veiculo, não uma mensagem . mas a sua capacidade de falar simultaneamente a incontáveis milhões, cada um deles sentido-se abordado como individuo, transformando-o numa ferramenta inconcebilmente poderosa de informação de massa, como governantes e vendedores logo perceberam, para propaganda política e publicidade(...) é difícil reconhecer as inovações da cultura do rádio, pois, muito daquilo que ele iniciou tornou-se parte da vida diária – o comentário esportivo, o noticiário, o programa de entrevistas com celebridades, a novela, e também todos os tipos de seriados. A mais profunda mudança que ele trouxe simultaneamente privatizar e estruturar a vida de acordo com um horário rigoroso, que daí em diante governou não apenas a esfera do trabalho mas a do a do lazer.<sup>142</sup>

A utilização do rádio nos anos de 1930, principalmente, contribuiu na divulgação e ampliação sobre a fama do clássico Remo e Paysandú, já que a rivalidade existiu desde momento que os dois clubes passaram a se confrontar. Dessa maneira os jogos entre as duas equipes sempre tiveram destaque por parte da imprensa esportiva e seus cronistas, inclusive com palpites sobre a disputa. Nesse sentido, uma noticia de jornal da época nos retrata um pouco do clima do Re x Pa no processo de popularização:

---

<sup>142</sup> C.f. HOBBSAWM, E. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991), São Paulo: companhia das letras, 1995. p.194- 195.

Amanha Remo e Paysandú no mais emocionante embate do retorno  
A população paraense vê ter na tarde de amanhã as grandes emoções que um encontro Remo x Paysandú provoca em todos que a dita de assistil-o.  
O fracasso da phalange azulina a 7 do corrente não intimidou os preliadores do clube de João Baltazar para a lucta homérica de amanhã: pelo contrario encentivou-os a mostrar que de facto, a gente do Clube do Remo tem em mente o amor as suas côres que sempre e sempre quer levantar mais alto para a gloria do esporte nortista (...) e assim, numa ansiedade dominadora vão passar as horas que nos separam do grande momento.  
(...) Rbieiro pontes, Remo 4 x 1; Antonio Alves, Remo 2 x 0; Benjamim Sabat, Remo 5 x 3, Alcebíades Nobre, Paysandú 4 x 2, Fernando Santos, Remo 4 x 1, Satyro Gomes, Paysandú 3 x 1; Benedicto Santos, Pysandú 3 x 2;

DICK.<sup>143</sup>

A preocupação era tão grande nos dias de jogos que quando os dois maiores rivais da capital se encontravam havia um maior destaque por parte da imprensa sobre os árbitros que apitariam as partidas, como aconteceu no ano de 1938, onde o Jornal “O Estado do Pará” dedicava uma análise sobre o fato da escolha do juiz do jogos para o próximo Re x Pa, a intenção era convidar o mesmo militar que apitou os último jogo. Para o cronista Edgar Proença (Macdonne), a escolha de um juiz para apitar as partidas de futebol era um dos casos mais sérios do nosso futebol, pois, o árbitro deveria ter características que evitassem a confusão, a intriga, sendo enérgico, isento de paixões, o que na época da forma como escolhiam os juizes se tornava um pouco difícil encontrar um com todas estas características, fazendo com que houvesse uma defesa até da profissionalização da arbitragem.<sup>144</sup>

As mudanças no futebol advindas do processo de popularização e profissionalização não atingiram somente os jogadores, mais também os árbitros, nos anos de 1930, era muito interessante destacar e ampliar o aumento do número de torcedores e amantes do futebol, por isso, dinâmica do jogo deveria ser alterada no sentido de diminuir uma possível fraude ou pelos próprios jogadores através do anti-jogo, recuo de bolas para o goleiro ou pela própria arbitragem, que poderia este beneficiando uma determinada agremiação, pois, a forma como eram escolhidos os sujeitos que apitavam os jogos estava baseada numa falta de planejamento no qual, qualquer torcedor, dirigente, militar, poderia ser declarado árbitro e apitar as partidas, cometendo equívocos, que poderiam está relacionados à falta de conhecimento das regras e sua ligação com determinadas equipes.

Nas crônicas esportivas havia bastante destaque para estas questões das mudanças de regras ou melhoria do trabalho e conhecimento técnico dos árbitros, durante os jogos de

---

<sup>143</sup> C.f. *Revista A Semana*: 14/09/1929.

<sup>144</sup> C.f. *Jornal O Estado do Pará*: 21/03/1938.

festivais esportivos ou pelo campeonato paraense, já que no ano de 1938, os cronistas enfatizavam que já tinha um bom tempo que as regras do futebol tinham sofrido alterações, buscando a melhoria da dinâmica de jogo, entretanto no Pará, não tinha ocorrido nenhuma adaptação, como nos casos dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde a regra já vigorava. No jogo que tinha ocorrido, domingo último, os zagueiros chutavam as bolas durante o tiro de meta, mas, levantavam a bola para os arqueiros (goleiros), onde estes seguravam a bola dentro da sua área, chamada de área penal na época, e depois chutavam para frente. Atitude que valorizava o anti-jogo, e que não estava mais em uso segundo o cronista. A regra nova manda que o tiro de meta seja dado por qualquer jogador da defesa chutando a bola sem que ela toque em qualquer jogador adversário ou do seu time antes que saia da área penal, o que é conhecido como grande área, fato que não está acontecendo no jogos por aqui. Apesar da distribuição do exemplar nacional das regras de futebol ter sido distribuída para antiga Liga Atlético Paraense, depois para Liga Paraense de Football, como agora para Associação Paraense de Football através da Federação Brasileira de Football, por aqui, muitas vezes não se praticava o que estava escrito, principalmente quando se escolhia árbitros que não sabiam das novas regras.<sup>145</sup>

Assim, os anos de 1930 a 1950 são marcados pela estabilização do futebol a partir de um discurso de identidade nacional, no qual prevalecia a homogeneidade em detrimento a realidade marcada pela desigualdade, que muitas vezes era invertida quando as camadas populares apareciam com destaque nos jogos da periferia ou mesmo quando seus representantes mestiços disputavam os jogos pelos grandes rivais de Belém: Remo e Paysandú. Fato que possibilitou a construção do Re x Pa no que é hoje, uma identidade regional, que influencia até nas disputas políticas.

A capacidade de expansão do Re x Pa na década de 1930 estava relacionada à própria expansão do futebol em escala mundial a partir da importância das transmissões radiofônicas e sua representatividade de caráter nacional, no entanto, no caso dos times do Pará com características regionais.

Portanto, a formação do jogador de futebol em Belém do Pará sofreu modificações no decorrer da primeira metade do século XX, pois, inicialmente muitos jogadores pertenciam aos setores sociais mais abastados, com uma prática ligada as concepções de modernidade, depois com o processo de popularização as camadas populares começam a participar dos jogos e a revelar o jogador de periferia, símbolo da ginga do futebol brasileiro, e que vai fazer

---

<sup>145</sup> C.f. E as novas regras?. *Jornal O Estado do Pará*: 03/04/1938.

parte tanto dos jogos de periferia, como se transforma em símbolo da própria rivalidade dos jogos entre Remo e Paysandú, revelando assim, características de paixão clubísticas próprias do futebol de Belém do Pará, onde as questões políticas estavam aliadas a própria dinâmica do bola-pé disputados nos estádios e nos campos de várzea, caracterizando o RE x PA como identidade cultural dos diversos setores sociais da cidade.

## **CAPITULO 3**

### **Re x Pa: futebol e política em Belém do Pará**

#### **3.1 - FUTEBOL E POLÍTICA**

Festas pelas vitimas do caju – disputa da taça “Arthur Bernades”  
Patrocinada pelo Governador do Estado Dr. Dionísio Bentes, foram organizadas pela Liga Paraense de Esportes Terrestres, no campo do Clube do Remo, provas esportivas em prol das vitimas do caju. Assistência numerosa.  
Abriu o programma o jogo entre os clubes Paissandu e União Esportiva; venceu o primeiro por 1 x 0.  
2º jogo: Remo e Guarani; ganharam os remistas pelo score de 3 x 0.  
Partida final: Remo e Paissandu – vitória do Clube do Remo, na prorrogação por 1 x 0.  
Assim ganha a taça “Arthur Bernades”, justo prêmio à sua soberba apresentação.  
ti me do vencedor da partida:

Pinto  
Abreu e Evandro  
Brito, Vivi e Formigão.  
Formiga, Secundino, Lindolfo, Marinheiro e Rato.<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> Sobre o festival organizado pelo governador do estado na época.C.f. CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 183.

O futebol paraense desde seu surgimento esteve relacionado com os discursos políticos de cada momento histórico, pois, no seu início, os sujeitos sociais da época da “Belle Epoque do futebol” participavam ativamente dos festivais esportivos que ocorriam na cidade, como foi enfatizado no primeiro capítulo. Logicamente que a princípio não se pensava numa participação dos senhores elitistas somente como “caçadores de voto” dos sujeitos mais humildes, mas como partícipes do processo de demonstração de poder ao discurso de progresso e modernidade do final do século XIX e início do século XX.

Nesse sentido, a prática esportiva em Belém do Pará se relacionava com os momentos de encontros e desencontros entre os membros dos setores mais abastados da sociedade belenense da época, onde as senhoras que acompanhavam seus esposos poderiam mostrar mesmo com a chuva que ocorria durante as disputas de remo, water pólo, football, tênis, dentre outros esportes, as novidades vindas da Europa, assim como os senhores podiam demonstrar seu status social. Era o modelo de civilização europeia sendo estabelecido e entrando em conflito com as peculiaridades locais. Mais tarde, o esporte bretão serviu de palco para os discursos de união nacional procurando enfatizar a nação em detrimento ao conflito de classes sociais que continuava a existir, porém, de uma forma menos aberta.

O objetivo do capítulo é demonstrar que atrás do ambiente dos jogos de futebol havia todo um discurso político que se destacou em determinado momento da história, e que mostrava como a sociedade paraense se organizava, nas participações dos sujeitos políticos e na entrada das camadas populares durante os jogos de futebol nos grandes clubes da cidade, onde as construções dos estádios significavam um aumento do número de torcedores e por conseqüência uma mudança no discurso político que vai perceber no futebol um esporte propagador de ideologias que eram reelaboradas pelos setores populares. Portanto, o capítulo enfatizará as peculiaridades do jogo na cidade, a ansiedade que contagiava o público, os efeitos que causava na torcida, a diferenciação do Clássico Re X Pa para os outros jogos, inclusive os efeitos de algumas vitórias que vão aumentar a rivalidade entre esses dois times no decorrer dos anos, a participação feminina nos jogos, a visão política sobre o assunto. Além de aspectos políticos da cidade de Belém nesses anos de implantação e popularização do futebol. Quais as políticas governamentais sobre os esportes, no caso específico do futebol como ele foi visto pelos dirigentes políticos na primeira metade do século XX.

### **3.2 - POLÍTICA, FUTEBOL E MULHERES.**

A Crônica esportiva destaca no início do capítulo a participação do governador do Estado do Pará no ano de 1925 nos jogos de futebol que estavam ocorrendo, durante o festival pelas vítimas do caju, demonstrando que o futebol na década de 1920 não era apenas mais um passa-tempo das elites e seu discurso de modernidade, mas um início de uma “parceria” que muitos políticos utilizavam para se aproximar dos setores populares como forma de legitimação das ações estatais junto à sociedade. Dessa maneira, as participações iniciais de políticos na fundação de clubes ou durante os festivais esportivos tinha um significado diferente do que começava a apontar os anos de 1930. Por isso, essa aparição de Dionísio Bentes nesse festival ao lado de clubes tradicionais, se tornaria mais à frente como prática comum de políticos que percebiam os jogos de futebol como um evento de encontros de diversos setores sociais, com possibilidades de aumento do status social, como no caso da divulgação da imagem do governador em eventos de caridade relacionados à prática esportiva.

Assim, alguns políticos colocavam seus nomes em taças que eram disputadas por vários clubes da cidade e que ganhavam destaque na Imprensa esportiva, principalmente quando ocorria a participação dos clubes tradicionais como Remo, Paysandú, Tuna e União Esportiva.

#### Eliminatória pela taça “Cipriano Santos”<sup>147</sup>

Quanto a essa participação política dos membros das elites locais nos jogos de futebol, Aquino destaca a influência da cultura britânica sobre os países da América do Sul, principalmente, devido a sua política imperialista. No caso do Brasil, não deixou de ser diferente, pois, os filhos dos setores mais abastados que estudavam na Europa vinham com os “modismos” característicos da modernidade, que em linhas gerais representavam o discurso de superioridade européia. No caso paraense, a fundação do Clube do Remo em 1905, é um exemplo, da participação de sujeitos sociais com grande poder aquisitivo e influência típicas da modernidade amazônica, onde os jogos se transformavam em locais fechados para as diversões das elites. Fator que impulsionava a criação de entidades controladas pelos grupos mais abastados, como forma de concretizar o discurso político da modernidade nas práticas esportivas que ocorriam durante os festivais na cidade.<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> C.f. Eliminatórias para taça Cipriano Santos .CRUZ, Ernesto, op. cit. p. 183.

<sup>148</sup> C.f. AQUINO, Rubim Santos Leão. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p. 28-29.



Esse discurso de modernidade dos sujeitos sociais mais abastados estava relacionado às teorias científicas europeias que defendiam a tese da superioridade racial, no qual, os exercícios físicos eram fundamentais para desenvolver a etnia branca, fator fundamental para afastar as características de mestiçagens que faziam o Brasil não ser desenvolvido e segundo seus teóricos fortalecer a dita “superioridade europeia”.<sup>149</sup>

Esse pensamento vai ser o norteador dos políticos que participavam e incentivavam as práticas esportivas, em Belém do Pará, pois, falar de política e futebol é compreender sua aproximação desde a chegada do esporte bretão no país e perceber que inicialmente o “bola-pé” não enfatizava o discurso de união nacional ou mesmo de orgulho da miscigenação, mas pelo contrário, já que no Brasil os discursos das elites mostravam que seu atraso tinha origem na sua mestiçagem, justificando a sua inferioridade perante os países europeus, no qual o futebol poderia ser um dos elementos da cultura europeia que possibilitaria através da sua prática na melhoria dos padrões culturais mestiços.

As políticas urbanas de saneamento desenvolvidas por Antonio Lemos como prefeito de Belém, e Lauro Sodré, como Governador do Estado do Pará por duas vezes, estavam pautadas nos discursos de progresso europeu, pois, ambos poderiam discordar nas suas concepções políticas, porém, de maneira geral trabalhavam com a noção de progresso europeu.

No caso de Antonio Lemos e a sua política de urbanização, ocorreu todo um desenvolvimento urbano baseado nos padrões arquitetônicos desenvolvidos em Paris pelo prefeito Haussman, durante a modernidade, tendo como discurso a exaltação aos valores da guerra do Paraguai, onde os nomes das batalhas deram nomes as recentes ruas criadas por Lemos na época.

A fundação do Paysandú Club, em 1914, período que Lemos não estava mais no poder, teve todo um discurso de modernidade e exaltação da República quando fazia referência aos feitos considerados heróicos durante a Guerra do Paraguai, que teve participação efetiva do Exército e da Marinha nas batalhas, forças que no decorrer da implantação da República no Brasil foram consideradas importantes para o desenvolvimento do discurso republicano. Nesse sentido, os nomes dados às ruas do Bairro do Marco da Léguas enfatizavam e exaltavam a guerra do Paraguai e ao próprio Lemos como grande “arquiteto” da cidade de Belém moderna, mesmo na sua saída do poder. A fundação do Paysandú, exaltava o discurso de modernidade usado por Lemos no sentido de que o nome do Clube

---

<sup>149</sup> idem p. 31

alvi-celeste representava uma das vitórias das forças armadas brasileiras na Guerra do Paraguai, o que de fato também lembrava o “velho intendente” assim como muitas ruas do bairro do Marco.

“ (...) com a proclamação da República, várias ruas perderam, nos primeiros dias do novo Regime, os nomes primitivos. As ruas da Imperatriz e do Imperador passaram a ser Quinze de Novembro e da República. Proposta do Conselheiro Municipal Dr. Gentil Bitenncourt. O Dr. Manoel Barata, insigne Historiador paraense, na época presidente do Conselho Municipal de Belém, propôs, em sessão de 26 de dezembro de 1889, a substituição do nome da estrada do S. José, para Dezesesseis de Novembro, e a denominação de Bulevar da República ao trecho compreendido entre a Doca do Ver-o-Pêso e a Rampa da Sacramento, precisamente na área da antiga rua Nova do Imperador. No tempo do intendente Municipal Antonio José de Lemos, o velho Lemos, como era vulgarmente conhecido aquele prestigioso político, a cidade teve grande desenvolvimento. Novas ruas, travessas, praças, e avenidas foram rasgadas.(...) No Marco da Légua, estão registrados, nas esquinas de cada artéria, os nomes das principais batalhas e dos heróis da Guerra do Paraguai: Itororó, Lomas Valentinas, Angustura, Mercedes, Curuzú, Humaitá, Vileta, Curupaiti, Chaco, Visconde de Inhaúma, Marquês do Herval, Duque de Caxias(...).<sup>150</sup>

Dessa forma temos a possibilidade de entender que a fundação do Paysandú Sport Club atende a um processo de aceitação da civilização européia que data do final do século XIX, a chamada modernidade, no qual política, memória e cultura estão bastante envolvidas, como percebemos nos nomes das próprias ruas de Belém que exaltam as figuras dos heróis regionais, no caso mais específico do Bairro do Marco da Légua, onde temos uma grande ênfase aos fatos “heróicos dos militares brasileiros” na bacia Platina, inclusive fato que fica evidenciado na fundação do Paysandú, que possui duas explicações para o seu nome, a mais conhecida sobre a vitória no Paraguai e a outra sobre a intervenção brasileira nas disputas políticas e militares internas na Região do Uruguai no ano de 1865. Portanto, a fundação do Paysandú é um exemplo de como os discursos políticos passavam dentro dos gramados paraenses e influenciando no cotidiano da cidade.

A influência política nos campos de futebol paraense e suas disputas partidárias podiam ser pensadas quando os políticos apareciam nos jogos ou promoviam festivais como podemos perceber nos jornais sobre a participação de Lauro Sodré durante um festival esportivo.

A loja maçônica Firmeza e Humanidade com o concurso de todos os Club da liga, realiza amanhã, no vasto campo do Clube do Remo, imponente festival. O fim a que se destina é dos mais elevados, pois, trata-se de um benefício em prol das escolas mantidas por essa loja, onde mais de duzentas crianças a luz das instruções.

---

<sup>150</sup> C.f. CRUZ, Ernesto.op. cit., p. 22-24.

Não pode, pois, haver motivo mais justo e humanitário, sendo de prever, atendendo a esse objetivo e ao prestigioso patrocínio da grande Instituição filantrópica, uma verdadeira enchente.

O programma organizado compõe-se de dois jogos de foot – ball entre Remo e Brasil e entre o Paysandú e uma scratch formada de elementos do União Nacional, Luso e Recreativa, estando reservados para vencedores e vencidos riquíssimos mimos.

As crianças que se educam na escola Firmeza e Humanidade entarao num dos intervalos as hynnos nacional e maçônico.

O Exmº Sr. Dr.Lauro Sodré, Grão – Mestre honorário da maçonaria brasileira, honrará com sua presença a promissora festa.<sup>151</sup>

O governador Lauro Sodré acompanhava as práticas esportivas, inclusive o futebol, nos anos de 1910 e 1920, tanto que o seu filho Benjamim Sodré também se destacava por suas participações nas várias modalidades esportivas, no qual obtinha maior destaque no futebol.

Lauro Sodré participava dos jogos demonstrando sua “preocupação” com relação às crianças e sua educação, sendo que a sua imagem também estava ligada à prática de futebol, mostrando que a partir dos jogos que ocorreram entre Remo e Paysandú, além de outras agremiações esportivas, ele poderia explicitar todo o discurso de melhoria do país e de filantropia. Logicamente que se tratava de um discurso político toda essa preocupação com as camadas menos favorecidas da sociedade, já que a intenção provavelmente era quebrar determinadas situações que na sua concepção de República não estavam dentro do projeto de evolução política do país.

Os jogos de futebol se tornavam além de diversão para os mais variados grupos sociais, também palco para os discursos políticos que na época estavam contrários a toda uma política de embates entre as oligarquias que dominavam o poder político até 1930. Entrando em confronto mais tarde com os discursos nacionalistas dos grupos médios urbanos que no decorrer dos anos de 1920 se fortaleciam através da busca de uma identidade nacional, no qual, a prática de “soccer” possibilitava um certo aglutinamento das pessoas em torno das “nações imaginadas” que eram os clubes de futebol, onde muitas vezes era o jogador de origem popular que possuía uma forte liderança devido as suas características de jogar que exaltavam a ginga ou garra durante os jogos, prevalecendo geralmente sobre a situação desse jogador na “sociedade real”, isto é, ele ganhava fama, prestígio através da prática esportiva na sua comunidade seguindo muitas vezes até aos clubes com melhor poder aquisitivo, principalmente a partir dos anos de 1930 e 1940, sendo fator importante para o aumento do número de equipes de futebol em toda cidade. Como o caso do jogador Quarenta, juntamente

---

<sup>151</sup> C.f. “Festival da loja maçônica”. *Revista A Semana*: 11/09/1920.

com outros dois internos, os jogadores setenta e sete e quarenta e quatro, que tiveram uma infância pobre no orfanato e desenvolveram um grande trabalho pelo Paysandú.<sup>152</sup>

Nesse contexto, as oligarquias buscavam utilizar o futebol como instrumento de manipulação dos sujeitos sociais, porém o fato novo estava na situação dos setores populares nos anos de 1920 começarem a intensificar sua participação em eventos futebolísticos através de jogadores que “preliavam” nos grandes clubes de Belém ou através dos festivais esportivos que muitas vezes ocorriam na periferia de uma forma diferenciada dos jogos que os “sportmens” praticavam. Na verdade tanto como jogador do clube ou como praticante nos bairros suburbanos, houve uma reelaboração por parte dos setores populares com relação ao significado do “bola-pé”, já que não representava somente um padrão de vida europeu, o paraense deu um significado próprio que explicava ou demonstrava o cotidiano das pessoas que se envolviam com o futebol, isto, é criavam o seu próprio simbolismo sobre o jogo.

Para Celso Castro, o período dos anos de 1920 e 1930 no Brasil é caracterizado pelo surgimento de idéias autoritárias, dentro de um regime dominado pelas oligarquias e seu liberalismo, principalmente devido a fatores como fraude eleitoral, escassa participação política da população e controle do país pelos estados, enfraquecendo o poder da União. Fazendo surgir correntes críticas, com conteúdos e objetivos diversos que se opunham ao sistema que predominava no país nos primeiros anos do século XX. Para o autor de maneira geral podemos identificar as correntes de esquerda, ligada às concepções da antiga União Soviética, a liberal-democrática, que estava baseada nas instituições representativas do Brasil, através do voto secreto, da justiça eleitoral e educação do povo, e a corrente de direita, com suas características ligadas a um autoritarismo.

Nesse sentido, os primeiros anos da política brasileira no século XX são marcados pelo surgimento de um pensamento de direita com preceitos ligados a defesa de uma ordem autoritária, que buscava a repulsa ao individualismo em todos os campos da vida social e política e o apego às tradições, onde o Estado tem um papel relevante na organização da sociedade.

Quanto ao pensamento nacionalista nos primeiros anos do século XX, existiam diferenças com relação ao que se passava na Europa e o que ocorria no Brasil, pois, os ideais nacionais se associavam aos novos princípios de liberdade e igualdade que definiam as

---

<sup>152</sup> C.f. DA COSTA, Ferreira, op.cit. p. 184 e 185.

relações entre os indivíduos e entre os povos nos países europeus, tomando outros rumos através de nações como a Itália e a Alemanha.

No Brasil, a questão nacional era enfatizada tanto pela esquerda, como pela direita, o que logicamente partia de diversas matizes, como o tradicionalismo ufanista e a luta de libertação nacional contra o imperialismo. Possibilitando afirmar que ele não era um elemento típico da direita, pois, também transitava no universo político de esquerda.<sup>153</sup>

Dessa maneira a relação do futebol com a política é muito estreita, pois, no caso paraense, é notória a participação de políticos que assistiam e torciam durante as partidas entre os clubes da cidade, como Remo e Paysandú.

Essa aproximação das camadas populares durante os jogos de futebol como enfatizamos no capítulo anterior, criou o jogador de futebol que não pertencia ao grupo dos “sportmens”, mas que não foi visto de maneira importante por alguns praticantes do bola-pé que apostavam no esporte como prática de melhoria do corpo e não como meio de vida, como forma de afastar os jogadores oriundos de setores populares, por isso, algumas tradições que perduram até os dias atuais como assinar a súmula de futebol serviam para afastar os praticantes do bola-pé que tinham origem pobre.<sup>154</sup> O próprio pagamento pelas vitórias dos jogadores que foi chamado de “bicho” tinha um significado de profissionalismo as escondidas, fator que acelerou a profissionalização de alguns jogadores, que começam a ter seus registros como jogadores profissionais a partir da década de 1940, depois de todo o processo de popularização que ocorreu durante os anos de 1930. Na verdade, o discurso político começava a valorizar os setores sociais menos abastados dentro da prática futebolística, devido às mudanças políticas que o país começava a passar a partir dos anos de 1920.<sup>155</sup>

Segundo D’araujo (2000 p. 7-8), os anos de 1920 e 1930 se destacaram pela proliferação de rígidas crenças ideológicas, onde reagindo ao comunismo e ao liberalismo cresciam as doutrinas totalitárias de direita. Para a autora esquerda e direita tinham em comum o mito do Estado forte e o culto a personalidade, ambos tidos como fatores fundamentais na formação da coesão da unidade nacional, pois, tanto esquerda como direita

---

<sup>153</sup> C.f. FAUSTO, Boris, O pensamento nacionalista autoritário 1920-1940, RJ: Jorge Zahar ed., 2001. il – (Descobrimo o Brasil) p. 14-17

<sup>154</sup> C.f. AQUINO, Rubim Santos Leão, Futebol, uma paixão nacional, RJ: Jorge Zahar. P. 36-39.

<sup>155</sup> C.f. Explica a origem do bicho no futebol. MARANHÃO, Haroldo, Dicionário do futebol, RJ: Record, 1998. p. 85.

buscavam os ideais de intervencionismo estatal principalmente em termos econômicos e sociais. Na verdade, predominou a idéia de que o Estado deveria ter qualidades superiores as do individuo e da sociedade, ou seja, era o ideal político de encontrar uma via diferenciada do capitalismo liberal e do comunismo, que desde o século XIX lutavam pela hegemonia do pensamento político mundial. Como exemplo, o totalitarismo de direita buscava a espiritualidade, a defesa dos sentimentos nacionais, conciliando esses sentimentos com sistema de produção que sobrepujasse os interesses da nação aos da classe dos indivíduos e dos grupos econômicos através da ação direta do Estado.

As ideologias que proliferaram durante o início do século XX no Brasil, também foram sentidas no campo futebolístico, já que o número de torcedores aumenta nos estádios, a quantidade de clubes de futebol também se amplia, isto significa dizer que os discursos nacionalistas passavam a ser incorporados aos clubes de futebol, por isso chamado de paixões clubísticas, mas que no fundo revelavam os sentimentos e a forma dos setores populares, elitistas a demonstrar o simbolismo do “jogo bretão”, isto é, os grupos sociais começam a reelaborar discursos que ajudam a explicar determinadas situações na sociedade. No caso de Belém do Pará, o discurso nacional aparece principalmente nas disputas do clássico Remo e Paysandú, dois times que não âmbito de sua organização interna prevalece o discurso dos dirigentes, que tinham uma origem abastada, enquanto que durante os jogos vários torcedores ajudavam seus clubes nos jogos que se transformavam em verdadeiras lutas, no qual não havia teoricamente diferença entre cada sujeito que ia ver seu clube nas disputas dos festivais futebolísticos e pelos campeonatos oficiais.

A própria criação de estádios de futebol ao longo da primeira metade do século XX, possibilitou que na prática houvesse um discurso de união nacional a partir dos clássicos entre Remo e Paysandú principalmente, já que se criava uma identidade regional sobre o jogo, mesmo com as separações que ocorriam dentro dos estádios, à chamada moderna casa-grande e senzala, bem ao discurso de Gilberto Freire e sua democracia racial, já que as gerais significavam locais onde os setores populares poderiam freqüentar nos estádios, enquanto locais mais arrumados, como as cadeiras serviam para acolher a elite que assimilava o discurso político dos anos de 1930 de união nacional, mas ao mesmo tempo continuava a discriminar através de uma tentativa de manipulação dos setores populares, por isso, o futebol passava a ser o principal esporte.<sup>156</sup>

---

<sup>156</sup> C.f. AQUINO, Rubim Santos Leão. Op.cit. p. 42-43.

Nesse contexto, os jornais destacavam a participação de políticos importantes nos jogos de futebol durante os anos de 1920, tanto que os cronistas da “Revista A Semana” destacaram um evento importante do futebol local sobre a participação de políticos nos jogos chamados de a “temporada Pernambucana”, quando o time do América de Pernambuco veio a Belém disputar uns jogos de futebol com os times locais. Interessante foi o destaque dado aos jogos que ocorreriam entre Remo e o time pernambucano, no qual o Leão Azul do norte tinha seus torcedores assim, como o América que também tinha seus simpatizantes:

A nota elegante

A nota elegante desta semana foi sem duvida o 1º match da temporada pernambucana .

Nem só as rodas sportivas, também as elegantes se preocuparam vivamente com a grande pugna footballística.

O jogo bretão com sua vertigem febril e empolgante, atraiu ao ground do Club do Remo o que Belém possui de chic e distinto na sociedade, na política nos sports.

Dest’art o match de domingo, sem embargo da chuva diluvial que inundou a cidade foi um verdadeiro acontecimento mundano.

Tout-Pará, fremindo, vibrando, palpitando, estava nas archibancadas do Remo, florindo-as de graça, de alegria e de encanto. Enquanto a chuva inclemente, escachoava com fúria no campo, sob o gasalhado protector da archibancada mil coraçõzinhos femininos, febrilmente, estuavam, num frisson, anciando nos mais descontraídos desejos...

As torcedoras estavam deliciosas, impagáveis...

Milles. Joaquim Ignácio, radiantes de graça victoriosa, sorriam com a superioridade olympica de quem tinha certeza de ver os pernambucanos thriunphantes; Mille. Izolina Vieira ao lado de suas irmãs e de uma linda amiguinha torcia pelo Leão do Norte;

Os torcedores também não eram menos encantadores nem menos interessantes: os Drs. Dionísio Bentes e Souza Castro, habituados a torcer pelo Pará na Câmara, torciam eloquentemente pelos paraenses no campo; O General Joaquim Ignácio decreta neutralidade sympathica aos pernambucanos; o mesmo fazendo o Dr Lauro Sodré, que era sympathico, porém aos paraenses; o commandante Villar, saltitante, gritava que as malhas das rêdes dos goals eram muito estreitas e quase mandava prender o Francelisio pensando que fosse uma praticadeira; O Dr. Ausier Bentes de pince-nez, nem via a bola, tal era o seu entusiasmo; o Coronel Lapa tirou os óculos quando entrou o 1º goal, para ver melhor, só o repôz nos olhos quando se marcou o segundo; o Carlos Rios torcia torrencialmente pelo América; o Dr Nillo Penna e o Baltazar torciam para que a chuva parasse, pois, a victória para elles era o campo cheio... mas não d’agua; O Eládio Filho não torcia. Por que, tendo nascido momento antes não queria fazer feio. O Dorinho e o Carlos flertavam...

Com a bola (o costume é assim) Hélio Coelho estava de frack e de óculos (foi por isso que choveu) e dest’arte o campo do Remo era uma praça de flirt e de elegância, onde o entusiasmo dos torcedores não tirava a alegria e a graça das torcedoras.

JUDEX <sup>157</sup>

A fonte destaca como ocorria uma partida de futebol no inicio dos anos de 1920, sendo que existiam vários torcedores que estavam ligados diretamente aos setores sociais mais abastados, como o próprio Lauro Sodré e Dionísio Ausier Bentes, políticos importantes

---

<sup>157</sup> C.f. A temporada pernambucana. *Revista A semana*: 07/02/1920.

no Estado do Pará nesse contexto histórico. Possibilitando compreender através do discurso do cronista esportivo como existia uma ênfase a participação dos políticos durante os jogos, que muitas vezes o jogo era esquecido para se narrar a forma como as autoridades viam o jogo, como estavam vestidas, inclusive a participação das mulheres que pertenciam às camadas sociais importantes na cidade.

Antonio Emiliano de Souza Castro, um dos torcedores citados pelo cronista durante o jogo, não foi somente um freqüentador dos campos de futebol, mas também um sujeito de grande influência política no Estado, sendo filiado ao partido Republicano Federal chefiado por Lauro Sodré. Souza Castro foi um dos militantes políticos que atuou na deposição do governador Enéas Martins apoiado pela Brigada Militar do Pará, fato que teve como conseqüência principal a eleição de Lauro Sodré para o período de 1917- 1921. Foi governador do Estado durante o período de 1921-1925, tendo bastante dificuldades para governar, porém, devido a sua ligação com Lauro Sodré, manteve praticamente todo o secretariado do seu antecessor e amigo.<sup>158</sup>

O destaque para a chuva que caracterizava os jogos de futebol, juntamente com a comparação com pesca de pratinzeira, faziam parte do cotidiano do paraense relatado pelo cronista, mostrando as peculiaridades das partidas que ocorriam no campo do Remo, onde alguns torcedores membros das elites pediam para que o campo não ficasse só água, pois, prejudicava o desempenho da equipe de Pernambuco.

Nesse período, onde a popularização do futebol se ampliava é notório como as elites permitiram que os sujeitos sociais dos setores menos abastados começassem a participar mais dos jogos que ocorriam na cidade, onde as características do jogo que eram próprias da periferia podiam ser mostradas nos campos e nos clubes de maior status social como o Clube do Remo, por exemplo. Para as elites do futebol o discurso de inferioridade que destacavam quando os “sportmens” praticavam o futebol ou quando simplesmente vestiam um uniforme das equipes futebolísticas estavam sendo deixados de lado por um discurso que tentava esconder a verdadeira realidade social, já que os anos de 1920 se caracterizavam por um contexto onde os sindicatos estavam em processo de ampliação, com prevalência dos discursos de cunho esquerdista com inspiração da própria revolução Russa de 1917, o que de certa maneira preocupava os diversos setores elitistas que muitas vezes divergiam nas formas de organizar a própria sociedade.

---

<sup>158</sup> C.f. PARÁ, Governo do Estado, Atos dos governadores, Belém: Imprensa Oficial, 2002. v. edição comemorativa dos 111 anos do diário Oficial do Estado. Conteúdo: v. 1 – 1891 a 1930. p. 243-245.



Essa preocupação estava ligada às idéias revolucionárias que ficavam à disposição dos trabalhadores brasileiros, uma série de análises críticas da sociedade e de propostas políticas de intervenção da realidade, como o socialismo, o comunismo, o anarquismo, o cooperativismo, o cristianismo social, fator que possibilitou o surgimento de um discurso político que não fizesse distinção social teoricamente, e na prática houvesse um controle maior por parte dos grupos mais abastados sobre os setores populares. Já que até 1930, a intervenção do Estado ocorria através da repressão policial contra todos os trabalhadores que se organizavam e propunham mudanças sociais. Não quer dizer que a prática futebolística fosse considerada uma forma de manipulação dada às camadas populares, mas significava que o momento dos anos de 1920 até 1930 era de mudança, onde o discurso de união nacional prevalecia sobre o discurso de civilização européia e modernidade, muitos políticos e personalidades desse período apareciam nos jogos de futebol com a intenção de se aproveitar do gosto popular pelo esporte que não foi imposto por eles, mas que ganhou significado nos ambientes populares e chegou até os clubes pertencentes às camadas elitistas da cidade de Belém.

As rivalidades entre os times locais possuíam bastante divulgação por parte da imprensa esportiva, que muitas vezes exaltava a cultura greco-romana para exemplificar as características de luta, garra e vontade de vencer sobre os adversários no gramado, mas que repassavam valores que faziam dos clubes verdadeiras nações, como no caso de uma exaltação ao clube do Remo devido os jogos em favor dos cearenses em situação difícil, provavelmente oriundos da economia gomífera, que moravam em Belém.

Ave Remo! Pelos flagelados cearenses  
No pé-bol, como na Grécia arimpotente e forte, não te esmoreça a fé e a derrota de um dia;  
Em combate sem par a grega e nobre cohorte se vencida uma vez para uma outra vez vencia.  
Tuas bravas legiões fortalece. Mavorte para a lucta final teus luctadores guia;  
Levantando o trophéo de audaz campeão do norte, és glória do Estado e a victoria de espia.  
O passado a invocar, faze delle um orago;  
Sê forte como a Grécia e bravo como Roma, guardando a intrepidez da intrépida Carthago.  
Para o jogo bretão forma invencível cohorte, e sê, já que a derrota os fortes nunca doma, como a Grécia immortal arimpotente e forte.  
Gil Vaz<sup>159</sup>

Essa exaltação ao mundo clássico remete a um discurso de superioridade européia nas batalhas, ressaltando o início do futebol no Pará, onde prevalecia o pensamento sobre o

---

<sup>159</sup> C.f. Sobre o discurso de nacionalismo no Remo. *Revista A Semana*: 03/1920.

progresso e a modernidade. Além dessa visão existe a exaltação ao clube remista como se ele fosse uma nação de características desenvolvidas e vencedoras nas guerras, ou seja, é perceptível o discurso de nação ao clube do Remo, fato que aumentava as rivalidades com os outros clubes, principalmente o Paysandú, seu maior rival, e ao mesmo tempo enfatizava o discurso de amor ao clube, diferente dos sportmens, essa comunidade criada a partir do futebol se sentia uma nação, sentimento bem próprio do momento histórico da década de 1920, que percebe o aumento do número de torcedores devido à transição entre o football para o futebol.

Apesar das mudanças é necessário perceber que o período é de transição para o futebol paraense, onde a convivência com características da Belle Époque do futebol estava presente nas arquibancadas e nos locais para as camadas populares assistirem aos jogos, e concomitantemente estava presente o pensamento do profissionalismo, o sentimento de nação pelo clube, frutos da própria popularização do futebol que tem seu ápice nos anos de 1940 e 1950.

Uma tarde de domingo em Belém do Pará, propícia para a prática do bola-pé, pois, a chuva estava bastante longe do campo do Remo. Nas arquibancadas as mulheres que freqüentavam os “toilettes” eram de causar admiração aos homens, já que segundo o cronista as suas silhuetas femininas entusiasmavam ao público masculino durante os jogos, o que era importante, pois, dava um toque de elegância e beleza durante a partida, que tinha como árbitro o Sr. Gastão Bittencourt, o sujeito que aceitou o desafio de arbitrar a partida entre Paysandú e América de Pernambuco. O que se esperava era uma partida bastante emocionante os dois clubes, que de fato aconteceu, pois, Paysandú avança para cima do adversário, com toda a torcida percebendo que a vitória não escaparia do time fundado por Hugo Leão. Dentre os torcedores o Dr. Carlos Rios leva o lenço na boca, torcendo de forma impetuosa, ressalta o cronista. O Coronel Lapa também torce com todos os presentes, inclusive alguns rapazes do Remo em represália as críticas que receberam da crônica esportiva, principalmente do jornalista de pseudônimo Cirus, da Folha do Norte, torcem, mas contra o time alvi-celeste, o que causa indignação do cronista da Revista A Semana, devido não ocorrer uma solidariedade esportiva para com os conterrâneos, fato que demonstrava toda a rivalidade entre Remo e Paysandú, poucos que se diziam remistas resolveram torcer para o time alvi-azul, já que visualizaram que ali era o representante do Pará contra o de Pernambuco. O jogo cresce em emoção, pois, o Paysandú faz 2 x 0, num gol contra do time de Pernambuco e depois através do “sporman” Mimi Sodré, gol que por sinal foi contestado por todos, pois, muitos afirmavam

que o ponto tinha sido feito em impedimento, com reclamações de todos os lados, porém, o juiz mantém sua decisão e o primeiro tempo termina com vitória do Paysandú.

No segundo tempo, o jogo se inverte, dessa vez o time pernambucano parte para cima do time do Paysandú, domina o jogo e marca o seu primeiro gol, logo em seguida é feito o gol de empate, provocando reações adversas nos torcedores paraenses, com bastante reclamações, contudo o árbitro mantém o gol, permanecendo um empate para uma partida que estava vencida pelos bicolores. Nessa hora, o jogador Suisso se aborrece e busca não mais jogar, atitude reprovada pelo cronista, por provocar falta de ânimo nos seus companheiros de equipe, não ficando bem a cena para o capitão do time, principalmente por que o América se aproveita da situação para virar o jogo e vencer a partida, apesar da forma que Artur Moraes e Mimi Sodré se esforçam para evitar a derrota na bela tarde de domingo.<sup>160</sup>

Na terça-feira, a tarde é de bastante calor, muitas pessoas comparecem ao estádio para assistir o jogo entre Remo e América, dentre elas várias mulheres, que deixavam seu aroma e embelezavam a partida. Mimi Sodré é escolhido para arbitrar o jogo que tem início às 4 e 10 da tarde. O Remo começa bem, faz 1 x 0, para irritação dos torcedores do Paysandú que a exemplo do Remo, torcem contra seu adversário e ficam desolados com o gol azulino, que perdura até o segundo tempo. No segundo tempo, os americanos dominam o jogo, e empatam a partida que fica mais empolgante, o Remo cai antes de acabar a partida, o América ataca e marca o gol da vitória sobre os remistas, que não evitam o barulho da torcida e a derrota para os pernambucanos.<sup>161</sup>

Nos dois jogos percebemos a rivalidade entre Clube do Remo e Paysandú, principalmente quanto às torcidas, onde clubes não se enfrentavam, mas, seus torcedores torciam contra seu rival, justificando suas ações pelo comportamento da imprensa ou mesmo da torcida, fatores que acrescentavam ainda mais ao clássico quando este ocorria.

Outro ponto peculiar aos jogos locais, era a escolha do juiz da partida, que recaiu sobre o atleta Mimi Sodré, que segundo o cronista, teve um bom desempenho, pois, a partida foi honesta, limpa e “sem nenhuma nota desabonadora para nenhuma das partes”. Situação que explicita a chamada “pescaria do juiz”, uma característica dos jogos em Belém na sua fase amadora. No qual, o árbitro era uma pessoa importante para o esporte ou mesmo para a sociedade, sendo freqüente a escolha de sujeitos políticos importantes para apitar os jogos entre Remo e Paysandú.

---

<sup>160</sup> C.f. Sobre o América de Pernambuco e o Paysandú. *Revista A Semana*: 28/02/1920.

<sup>161</sup> C.f. Sobre o América de Pernambuco e o Remo. *Revista A Semana*: 28/02/1920.

Com o início da nossa temporada de 1920, não vejo melhor ocasião do que esta para despertar no espírito resolutivo dos nossos homens de sport, um sagrado grito de guerra contra o profissionalismo.<sup>162</sup>

Essas características dos jogos entre os “sportmens” demonstravam como o profissionalismo era mal visto por alguns grupos que achavam o amadorismo importante para manutenção da cultura física, situação que explicita o discurso político de não deixar popularizar o futebol devido o contato com os setores populares, evidenciando as características da modernidade, porém, com a convivência de um pensamento de sentimento nacional que atingia os setores populares, inclusive com os valores modernistas que buscavam o regionalismo em detrimento aos modelos estrangeiros de cultura, fator que provavelmente influenciou no processo de popularização e profissionalização do futebol no Estado do Pará, no início dos anos de 1940.

O futebol e seus participantes políticos dependiam muito da forma como essa prática esportiva era absorvida e reelaborada por todos os setores sociais da cidade, pois, o futebol começava a fazer parte da cultura local, assim, como o futebol paraense não se resumia na prática ao Clube do Remo e ao Paysandú, pois, existiam outros clubes, que tanto nas áreas periféricas ou mesmo no centro da cidade criavam suas próprias construções culturais, mas que simbolicamente se relacionavam ao Clube do Remo e ao Paysandú, ou seja, o Re x Pa estava ganhando um significado que mostrava o gosto da população da cidade pelo futebol com todas as características e suas rivalidades. Dessa forma, a dança, a religiosidade eram peculiaridades da cultura local que faziam parte desse imaginário de construção de uma imagem para o Re x Pa típica da realidade do Pará.

Para a tropa do Club do Remo  
Em Nazareth, conheço uma donzella que é do Remo ranzinza torcedora.  
Em verdade, é uma flor mimosa e bela, typo ‘mingnon’... uma princesa loura.  
No campo quando torce se revela do futebol gentil conhecedora.  
Vence o Remo, oh prazer! Fica amarella si do azulino a sorte oscilla e goura...  
Mas, uma vez o prélio extraordinário em que o conjuncto azul perdia a zero. Eu a vi, tendo as mãos lindo rosário, rezando... e (juro que não conto história!) tanto rogou aos céos com ardor sincero, que o Remo por final, ganhou Victória!...  
Luis Gomes<sup>163</sup>

A crônica esportiva ressalta como o processo de popularização estava atingindo todos os grupos sociais, inclusive com relação ao gênero, pois, o grupo feminino participava

---

<sup>162</sup> C.f. Discurso contra o profissionalismo. *Revista A Semana*. 15/05/1920.

<sup>163</sup> C.f. Sobre uma torcedora remista. *Revista A Semana*: 13/08/1921.

ativamente das partidas de futebol, principalmente como organizadoras dos eventos futebolísticos na cidade, ou seja, festas, comidas, torcida, elas participavam, o que demonstra que o grupo feminino acompanhava de perto os clubes suburbanos ou mesmo os principais da cidade, Remo, Paysandú, Tuna, União Esportiva, sendo figuras presentes nos estádios ou mesmo nos pequenos jogos.

Essa crônica esportiva paraense estava aliada ao Edgar Proença e Bruno de Meneses dentre outros, que tinham uma aproximação muito forte com o futebol, no qual o discurso do modernismo acaba fazendo uma “antropofagia” e reelaborando um esporte que era da Europa, transformando-o em elemento típico do Brasil, fazendo inclusive com que muitos se orgulhem perante outras nações. Por isso, a participação das mulheres como torcedoras evidencia um sentimento regional de amor ao clube, como manifestação das características locais e suas peculiaridades, como a chuva e o clima quente, por exemplo. Na verdade, as mulheres buscavam participar dos jogos devido o aumento do número de torcedoras em meio aos homens que acompanhavam os jogos de futebol, era o processo de popularização que cada vez mais se ampliava no Pará.

Esse sentimento de valorização a cultura do Estado do Pará foi demonstrado pelo Bruno de Meneses, que se inspirava no estado de falência que a cidade de Belém do Pará passava, pois, os impostos e a venda borracha já não ocorriam como nos anos anteriores. Fato que revelava uma desolação dos moradores com relação aos valores da modernidade. Bruno de Meneses revelava através de seus poemas um indisfarçável sentimento de orgulho por Belém, porém, se sentia burlado pelo espírito Fausto da modernidade, onde nos anos de 1920 e 1930, a decadência econômica era visível na paisagem da capital paraense, com estabelecimentos comerciais que faliram e famílias de setores abastados que se mudaram para outros estados.<sup>164</sup>

Observar sobre a situação de Belém do Pará nos anos que seguem o processo de popularização do futebol possibilita o entendimento de como os valores modernistas também foram passados na cidade, e como esses valores também atingiram os campos de futebol, já que Bruno de Meneses também foi jogador de futebol e cronista esportivo do Clube do Remo, no qual, provavelmente os seus pensamentos ligados ao modernismo influenciavam na construção das suas crônicas pela cidade. Nesse sentido, os valores de paixão e veneração pelas cores do clube eram repassados numa cidade que vivia uma decadência econômica onde

---

<sup>164</sup> C.f. COELHO, Marinilce Oliveira. Op.cit.p. 39-40.

muitas vezes o futebol servia de demonstração de superioridade regional. Edgar Proença que foi homem influente no futebol paraense, devido trabalhar de forma conjunta com o poeta Bruno de Meneses na Revista A Semana, provavelmente defendia os valores de sentimento nacionalista pelos clubes e por conseguinte o sentimento de valorização do próprio estado do Pará através da prática do futebol, principalmente a partir dos anos de 1930, contexto onde vai predominar os sentimentos nacionalistas ligados aos pensamentos de direita.

Nesse processo de mudança que a cidade passava, a presença de mulheres durante os jogos possibilita um determinado conhecimento sobre as jogadas, sobre os jogadores e inclusive sobre a tática dos jogos, fator que causava admiração do cronista, por perceber que as mulheres de forma “gentil” também se revelavam conhecedoras e apaixonadas pelo esporte, daí percebermos a sua ativa participação durante os festivais esportivos ou jogos do campeonato na década de 1920 e 1930. Na verdade, eram sujeitos sociais que construía sua história participando ativamente das partidas de futebol que aconteciam na cidade.

Assim, alguns periódicos revelavam o aumento da torcida feminina durante as partidas de futebol, fato que confirma o gosto das mulheres pelo bola-pé, que também é incorporado pelo discurso político de nação, apesar que essa participação vai estar envolvida no discurso dominante masculino, levando a ser interpretado através de um outro olhar por determinados grupos políticos.

*A torcida feminina no Brasil é...*

Num dos últimos “matches” que assiti, fui surpreendido por ensurdecidora algazarra, onde se apercebiam gritos de cólera feminil e estridentes gargalhadas atiradas ao ar, e no cumprimento do dever de desviar qualquer susporventura, assaltasse o pensamento daquelles, que como eu, se encontrassem afastados do local trágico... levado por aquella curiosidade tão vulgar em nós, ergui-me subitamente, saltei bancadas, dei encontrões num noutro, corri apavorado e suffocado encontrei ainda vestígios da tragédia. Um chapéu de senhora cahído, sujo, espesinhado, uma malinha de finíssima seda, que tão religiosamente havia guardado o arminho, “o rouge” e o peita de assassinato ou suicídio que lenço de rendas, estava horriavelmente mutilada e acabava de abandonar os desventurados objectos; finalmente as protagonistas, de cabellos desgrenhados, vermelhas de raiva e de vergonha, mais de vergonha que de raiva (louvado seja Deus!), vociferavam ainda injuriosamente. Uma botava lágrimas de fronta, a outra, a vencedora sorria ironicamente; mas ambas bellas, loucamente apaixonadas... pelo foot-ball; “torcedoras incorrigíveis”. Inquiri. Que motivo tinha levado ao pugilato aquelles dois encantos da natureza? E uma “torcedora” informou:

\_ evidentemente ! o jogo está sendo mal conduzido.

\_ o senhor deve ter reparado que aquelle “avançado” colocou-se “off-side”, e, por conseguinte, não devia ser marcado o “goal” resultado do seu “shoot”.

Tentei protestar! Achava o “goal” lícito. Porém, ella ergueu a voz, quase me chamou ignorante; e eu pequeno em face da erudita senhora, achei prudente voltar ao meu lugar, para não ser também victima da “aficiou”...

E um simples “off-side” fez desabar aquella tempestade!

Fatos semelhantes são vulgares: maridos que se indispõem com as esposas e vice versa-, se há fatalidade de serem “torcedoras” de clubes diferentes: “azinhas que se

zangam com seus noivos; os noivos que se amuam por que a sua prometida se excedeu em entusiasmo ao ver argumentar o “score” do seu club; mães de idade avançada que gritam por que as filhas num movimento precipitado, ao “torcer, torcer” muito pelas cores predilectas, mimosenam com um gracioso encontrãosinho, alguma parte do corpo atacada de reumático.

Os casos que sou testemunha ocular, podia apresentar se achasse necessário para convencer-vos da extraordinária “afacion” que há pelo football no Brasil.

JAIRO<sup>165</sup>

Esse entendimento e participação das mulheres sobre o futebol representam que o discurso nacionalista, que modernistas, políticos e amantes do futebol enfatizavam, estava em todos os setores sociais, tanto que o cronista de forma irônica critica as torcedoras pelo comportamento, inclusive com os maridos ou mesmo com companheiras de torcida, que no finalizava em confusão devido às diversas opiniões. Situação que vai levar não somente o cronista a criticar a torcida feminina, mas muitos sujeitos pertencentes ao gênero masculino.

Nesse sentido, a participação das mulheres no futebol estava relacionada à própria construção dos clubes na cidade, pois, elas desde o início atuavam na construção dos festivais esportivos, como é normal aparecer nos discursos dos cronistas e nas fotos que eram tiradas durante as partidas de futebol, isto é, apesar de todo o domínio masculino do esporte, a mulher estava ligada ao futebol, seja no acompanhamento dos maridos, políticos importantes, ou na construção de festivais esportivos que movimentavam os finais de semana da cidade.

A origem da participação feminina nos esportes é discutível para muitos autores desde quando iniciou o futebol as mulheres já participavam, jogando entre elas ou contra alguns homens o que eles chamavam de futebol travesti.<sup>166</sup>

Festival Remo e Guarani

Domingo, 23 de janeiro

As 3 horas da tarde de domingo 23 de janeiro, no campo dos Srs. Ferreira e Comandita, realizou-se o grande festival do Remo e Guarani.

O programa organizado estava constituído dos seguintes números:

1ª parte – grande match de futebol travesti.(...)<sup>167</sup>

Partindo do pressuposto de que na prática do futebol travesti descrito na notícia esportiva existia a participação de mulheres durante os jogos ou mesmo homens travestidos, podemos perceber que as representantes do sexo feminino tinham participação no futebol desde os primórdios do futebol paraense, pois, o relato sobre o festival do Remo e do Guarani

---

<sup>165</sup> C.f. Sobre a torcida feminina. *Revista A Semana*: 10/09/1921.

<sup>166</sup> C. f. Homens podem ter disputado o primeiro jogo feminino no Brasil, sobre o futebol feminino e travesti. <http://www.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u60237.shtml>.

<sup>167</sup> C. f. Torneio com jogo de futebol travesti. CRUZ, Ernesto, op.cit. p. 92.

é do ano de 1916, momento onde o futebol ainda tem uma ligação muito próxima dos “sportmens”, onde o processo de popularização estava se ampliando.

Dessa forma o processo de popularização proporcionou não somente o debate entre profissionalismo no futebol, mas, a própria participação das mulheres que nos anos de 1930 lutavam para estabilizar direito de voto, dentre outros direitos que não eram garantidos pela sociedade, principalmente os trabalhistas, já que muitas mulheres estavam inseridas no mercado de trabalho como mão-de-obra barata, situações que estavam em constante questionamento devido às idéias que proliferavam no contexto entre Guerras.

Segundo PINTO (2003) as mulheres pretendiam a partir do início do século XX defender não apenas o seu direito ao voto, mas, a sua emancipação e independência, significando que elas nesse período queriam participar do mundo da política e buscavam o fim das explorações no campo do trabalho e sexual. Situação que evidencia como as mulheres vieram buscando seu espaço no meio social do país, fazendo com que aparecessem lideranças como Bertha Lurtz, que tinha um reconhecimento por parte da elite e apesar das dificuldades conseguia através de congressos repassar o objetivo da sua militância com relação à garantia dos direitos das mulheres. Fato que se concretiza nos anos de 1930 quando o direito ao voto feminino é instituído no ano de 1932, significando que a mulher poderia votar e ser votada em todo o país, culminando inclusive com a posse de Bertha Lutz como deputada no ano de 1936, um ano antes do Estado Novo. No entanto, o processo de consolidação do direito a participação política feminina foi apenas uma vitória de todo um processo de luta em favor da igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, a garantia do direito a cidadania plena para o grupo feminino, pois, muitos casos de abuso com relação a mulher aconteciam e muitas vezes implicitamente a mulher tinha um papel social que era imposto por uma cultura influenciada pelo grupo masculino, proporcionando muitas vezes a não aceitação das mulheres com atitudes contrárias ao padrão social estabelecido. Por isso, muitos grupos sociais não viam com “bons olhos” o aumento das mulheres que detinham um conhecimento técnico sobre futebol, torciam pelos seus clubes fora dos padrões estabelecidos ou mesmo fundavam times com a intenção de participarem de campeonatos femininos. Em Belém do Pará foi destacado por vários cronistas esportivos durante os jogos de futebol que ocorriam na cidade à participação feminina como torcedora, organizadora, acompanhante e jogadora revelando que o processo de popularização nos anos de 1930 estava em crescente aumento, já



que inclusive as mulheres dos setores sociais menos abastados participavam da criação de clubes futebolísticos pela cidade.<sup>168</sup>

Assim, o contexto histórico de popularização do futebol possibilitou não somente a participação das mulheres nos bastidores dos festivais, mas a criação de um clube feminino em Belém, na área da rua 16 de novembro, no ano de 1924, como nos atesta um noticiário esportivo da época:

Um Quadro feminino

As nossas graciosas patrícias, num gesto digno de louvores e de applausos, querendo dar uma nota nos almofadinhas empoados das esquinas, fundaram um Clube de futebol, original, pois, é o primeiro que se forma no Brasil com representantes do bello sexo.

O interessante clube funciona à avenida 16 de novembro e denomina-se “O bloco da palmeira”, pro causa das lindas palmeiras da arborização daquelle trecho.

Está assim organizado o quadro do “BLOCO”:

Lucimar Rebello

Lenita Rebello – Maria Fiúza

Lucimar Fiúza – Nair Araújo – Maria Bastos

Célia Ribeiro – Marina Heskett – Alice Rebello

Zélia Araújo – Nadir Ribeiro.

Ah! Quanto “gavião” não anda torcendo p’ra ser arbitro desse quadro!...

Jairo.<sup>169</sup>

Sobre a prática do futebol feminino, Magalhães afirma que no Brasil os times formados por mulheres eram comuns até os anos de 1940, fato que aguçava a participação da Imprensa na cobertura desses times formados por sujeitos sociais que no seu cotidiano normal tinham que cumprir um papel determinado na sociedade: O de mulheres do lar que deveriam cuidar do marido e dos filhos. Situação que não é explícita na fonte que descreve a formação de um quadro de futebol feminino em Belém do Pará, pois, o cronista, inclusive, elogia bastante a aparência física das atletas ressaltando que muitos sujeitos lutariam para serem árbitros dos jogos desse time da Palmeira, devido à beleza das atletas, fator que num primeiro momento parece aceitar tal prática esportiva entre as mulheres, no entanto, não se percebe um elogio sobre o conhecimento técnico dessas senhoritas que disputavam os jogos de futebol, talvez pela própria visão do papel que lhes cabia na sociedade juntamente com a importância que era dada aos quadros de futebol masculino. Vale a pena ressaltar, que à análise do trabalho não possui como eixo principal as questões de gênero nas disputas futebolísticas em Belém do Pará, pois, o objetivo preponderante é buscar o entendimento sobre a popularização, a profissionalização e as questões políticas ligadas ao futebol que ocorreram no Pará, na

---

<sup>168</sup> C.f. PINTO, Célis Regina Jardim, Uma história do feminismo no Brasil, São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2003.( coleção História do povo brasileiro) p.20-23.

<sup>169</sup> C.f. Criação de um clube feminino. *Revista A Semana*: 16/11/1924.

primeira metade do século XX. Nesse sentido, caberia um estudo muito mais aprofundado sobre o assunto, já que é evidente que ocorreram situações entre homens e mulheres e sua relação com o futebol na cidade, no qual, somente uma pesquisa voltada para o estudo sobre gênero poderia explicar. Por isso, a análise sobre a participação das mulheres nas práticas esportivas desde o início do século XX estão pautadas numa exemplificação de como o futebol que pertencia aos grupos mais abastados foi se popularizando e criando uma nova identidade nos setores populares, já que o caráter simbólico era diferenciado com relação à visão de mundo dos “sportmens”. Sendo que esse simbolismo da popularidade do futebol além de atingir as camadas menos abastadas da população chegava também às mulheres, já que muitas pertenciam a esse setor social ou aos grupos elitistas, pois, inicialmente, acompanhavam os jogos de futebol que ocorriam na cidade, possibilitando a criação de uma identidade cultural que culminava com o surgimento dos times do futebol formados exclusivamente por mulheres, principalmente nos anos de 1920 e 1930, quando a prática do futebol feminino não era proibida no Brasil.

Para Magalhães a mulher tinha conhecimento técnico dentro de campo, porém, existia bastante preconceito sobre as atletas que praticavam um esporte que para a época era considerado eminentemente masculino. Situação que nos anos de 1930, principalmente vai ser bastante atacada por sujeitos que possuíam ligações com ideologias de direita propagadoras do nacionalismo baseado nas tradições do país e da família, fato que não condizia com a participação de mulheres no esporte. A sociedade na verdade, não aceitava e preocupava-se com o destino das mulheres que cada vez mais se inseriam nos jogos de futebol, que quebrava com os valores criados pelos grupos sociais, que viam muitas vezes, a mulher pelo viés da fragilidade.

Esse conhecimento técnico que as mulheres possuíam, afirmado por MAGALHÃES, não condizia inclusive com as teorias sobre a saúde das futuras mães do país, pois, a mulher era vista de maneira homogênea, através de um modelo tradicional onde não existiam diferenças culturais, sociais, temporais, dentre outras. Na verdade, a mulher muitas vezes desenvolvia características masculinas para poder ser aceita nos jogos de futebol, criando o estereótipo masculino com relação as praticantes do bola-pé na cidade.

Dessa forma, a análise feita pela autora possibilita a compreensão de como as mulheres atuavam no futebol, haja vista que os noticiários esportivos em Belém do Pará ressaltavam a presença de muitas mulheres durante os jogos que ocorriam nos festivais esportivos da cidade desde o período da “Belle-Époque do futebol”, cotidiano que possibilitou o surgimento dos times femininos na cidade nos anos posteriores, apesar de as atletas não

serem muito enfatizadas pela técnica, mas pela beleza, que segundo os cronistas esportivos melhorava o ambiente dos jogos.

O período que Getúlio Vargas toma o poder no âmbito federal é marcado por mudanças, já que a ascensão da aliança liberal ao poder político brasileiro teve vários significados para os diversos grupos sociais do âmbito urbano. O que possibilitou a ampliação de um discurso de união nacional que visava representar teoricamente os diversos setores sociais eliminando a luta de classes, logicamente, através de uma política de repressão aos setores sociais que não concordavam com a política de características ideológicas de extrema direita.

Nesse sentido, os anos de 1930 e 1940 vão preponderar os discursos políticos onde os trabalhadores e empresários pertenciam a uma nação e não classes sociais, por isso, o futebol é bastante enfatizado pelos políticos devido o significado democrático atribuído ao esporte nas relações sociais, fazendo com que os políticos freqüentassem cada vez mais os estádios de futebol, principalmente no dia do trabalho.

Para a sociedade paraense a prática futebolística feminina vai ser vista como o caminho contrário que Vargas e seus interventores pensavam para a sociedade, demonstrando que o caráter aparentemente de estabilidade econômica e de união nacional que caracterizava o governante como “pai dos pobres”, na verdade, fazia parte de um discurso político autoritário que tinha sido construído no decorrer dos anos de 1920, representando a outra da face do discurso de representatividade democrática que o futebol teria, já que apesar de não ser aceito a participação de mulheres nos times, foi durante os Estado Novo que o futebol feminino foi proibido no Brasil, evidenciando o controle dos esportes por parte do Estado e a repressão aos grupos que quebravam a ideologia de caráter nacional pregada pelo grupo que tinha o poder político no Brasil, nesse momento histórico, como afirma MAGALHAES e atesta o documento a seguir:

As mulheres não se permitirá na prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este feito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções ás entidades desportivas do país.<sup>170</sup>

Assim, o quadro de futebol feminino formado na área da Rua 16 de novembro representava o quanto o processo de popularização do futebol estava avançando na cidade, tanto que a participação feminina que se restringia muitas vezes na organização dos festivais

---

<sup>170</sup> C.f. MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira. “A mulher e o futebol no Brasil”. IN: “Futebol é coisa de mulher”: participação feminina no futebol paraense (1960-1979). Monografia. Belém: CFCH/UFGA, 2005. p. 5. Ver também: LEX 19414V; p. 216.leg.federal x marginalia.

estava ultrapassando os bastidores e indo parar dentro de campo, ou seja, no decorrer dos anos de 1930 até a proibição da prática do esporte bretão para o sexo feminino, no período do Estado Novo, as mulheres buscavam obter seu espaço nas disputas futebolísticas de forma efetiva, porém, o discurso de união em torno da nação e de melhoria dos sujeitos sociais por parte da ditadura varguista, que tentava camuflar uma realidade de imposição e perseguição política, demonstrou seu caráter conservador quando impôs a proibição para as mulheres na prática futebolística, revelando valores que demonstravam o envolvimento da política com o esporte, onde o discurso de popularização e profissionalização do jogador de futebol não tinha por objetivo direto atingir o grupo feminino, mesmo com todo discurso de democracia social, pois, geralmente eram os homens que eram aceitos na prática do esporte bretão. Por outro lado, buscava-se excluir as mulheres de todo processo de construção histórica em torno do futebol. Como atesta uma carta endereçada ao presidente Getúlio Vargas, onde o discurso favorecia a saída dos clubes femininos do país devido o número crescente de mulheres praticando futebol.

[Venho] solicitar a clarividente atenção de Vex; para que seja conjurada uma calamidade que esta prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, e todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja, 200 núcleos destroçadores da saúde de 2200 futuras mães que além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

Carta de um cidadão a Getúlio Vargas p. 10 sobre o papel da mulher no futebol. <sup>171</sup>

A carta feita ao presidente Getúlio Vargas demonstra justamente o caráter conservador da política governamental, pois, o esporte passa a ter também um caráter educacional, fato onde os sujeitos sociais possuem papéis específicos no âmbito social, isto é, patrões, empregados, homens, mulheres deveriam cumprir as atribuições que elevariam a nação sem que houvesse questionamento de cada situação, eliminando teoricamente à luta de classes.

Dessa forma, no Pará a tomada do poder pela Aliança liberal foi sentida a partir das concepções políticas de Magalhães Barata, que se caracterizavam pela práxis populista de manifestar-se através das camadas populares e sua política assistencialista, além da formação

---

<sup>171</sup> Idem p. 10

militar positivista. Concepção política que vai ser adotada ao longo dos anos pelos sujeitos sociais que detinham o poder político no país e na cidade, influenciando nas práticas esportivas que ocorriam pela cidade, principalmente o futebol que começava a ser visto com um caráter aglutinador de valores nacionalistas, onde o político através da realização das partidas tinha a possibilidade de aproximação com as camadas populares durante os jogos nos vários locais da cidade.

A proibição das mulheres como atletas dos times de futebol, fazia parte dos planos governamentais do período, no caso paraense provavelmente o governante aceitou a decisão tomada pelo presidente Vargas, porém, o número de mulheres que iam aos jogos era considerável, possibilitando que o gosto pelo “bola-pé” fosse considerado pelas mulheres, apesar da discriminação que sofriam. No caso da participação das mulheres durante os jogos, era comum que muitas acompanhassem os maridos políticos durante os festivais esportivos ou nos jogos entre Remo e Paysandú, como foi o caso da Senhora Barata, esposa do Interventor Magalhães Barata, no festival que ocorreria num domingo no campo do Clube do Remo, onde se esperava o encontro entre o Clube do Remo e a Tuna Luso. A Madame como foi chamada pelo cronista do jornal O estado do Pará, destacou além da presença da primeira Dama do Estado, a participação de outras senhoras pertencentes as camadas sociais abastadas, como foi o caso da esposa do Senhor Clementino Lisboa, que estavam promovendo o festival para que obtivessem recursos para as obras de caridade do Hospital D. Luís.<sup>172</sup>

Na verdade, as mulheres que participavam da entrega de prêmios nos estádios de futebol do período de 1930, tinham por trás um discurso político proveniente dos maridos políticos, situação que condizia com época do populismo. Nesse sentido é relevante destacar as premiações que ocorriam durante os festivais, fato que evidencia a participação de políticos e mulheres nos campos de futebol. Como foi o caso do festival esportivo do Julio César, que ocorreu no campo do Remo, onde o Senhor José Maria Marques, político, comerciante, jurista era o patrono, e o dono da joalheria Raposo, Senhor Antonio José Raposo, dirigente do clube Julio César, estava doando a taça para o campeão do festival. Outros prêmios também foram oferecidos aos torcedores durante o festival, como um par de meias de seda, para as mulheres da torcida, oferta da Casa Colombo. Outro prêmio doado foi um leque da Loja Parisiense que seria sorteado entre as senhoras da arquibancada. Para os homens foi ofertado uma bengala para o jogador que fizesse mais gols e dois pares de meias para homens ofertado pela camisaria Duas Américas. Na verdade, a oferta de prêmios estava ligada ao prestígio que os

---

<sup>172</sup> C.f. A festa da Beneficente. *Jornal O Estado do Pará*: 06, 08/01/1932.

patrocinadores tinham na época, evidenciando que no meio dos torcedores existia a participação feminina como torcedoras dos clubes belenenses.<sup>173</sup>

Na verdade, a ascensão da profissionalização do atleta, a popularização do futebol no Brasil coincidiu com as políticas econômicas estabelecidas pelo governo Vargas, no qual, a legislação trabalhista não iria regulamentar somente os atletas reconhecidos formalmente como empregados, mas um número razoável de outras profissões.

Para Lenharo, a política sobre futebol nos anos de 1930 se encaixava no modelo de ação do Estado sobre o preparo físico e a sua repercussão no mundo do trabalho, isto é, a chamada nova educação física estava voltada para homens considerados equilibrados e auto-suficientes, responsabilizando o indivíduo sobre o seu bem-estar que provoca o bem comum, beneficiava a coletividade. Dessa forma ambicionava-se pelo poder estatal a definição de um só perfil racial onde tenta se estabelecer uma relação simples entre raça e nação constituída, no sentido de comparar o corpo equilibrado com o corpo social, fator que segundo os ideólogos da época representava a nação pela natureza singular da sua constituição.

Assim, partindo do ponto de vista do autor, essa política de educação física pretendida pelo Estado nos anos de 1930 evidencia a necessidade de se forjar uma identidade nacional e principalmente como determinados grupos ficavam de fora de todo um projeto de política corporal para os sujeitos sociais, explicando, dessa forma, a causa da proibição da prática futebolística para as mulheres na época do Estado Novo.<sup>174</sup>

### **3.3 - POLÍTICA, FUTEBOL E RE X PA**

O decorrer dos anos de 1920 e 1930 percebeu a aproximação de setores políticos com a população urbana das cidades brasileiras, devido principalmente à emergência de teorias que contrariavam a liberdade econômica, explicada pelo processo de crise que o mundo capitalista passava nesse período, fator que culminou com a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, impulsionando práticas políticas ligadas ao comunismo e ao totalitarismo.

No caso da capital paraense que enfrentava um processo de decadência econômica as teorias de aproximação do político com a população, chamada de “práxis populista”, vai ser bastante enfatizada, já que muitos sujeitos sociais nos anos que seguiram, sentiam o desconsolo urbano pela decepção com relação ao período modernidade, situação evidente

---

<sup>173</sup> C.f. O Festival do Julio Cesar. *Jornal O Estado do Pará: 01/01/1932.*

<sup>174</sup> C.f. LENHARO, Alcir. *Sacralização da política.* Campinas, SP: Papirus, 1986. p. 77-79

segundo poetas e cronistas dos anos de 1930 e 1940 na paisagem urbana da capital do Pará, já que mostrava explicitamente os sinais da crise econômica que muitos sujeitos conviviam.

No ano de 1924, a cidade passou por uma revolta que não estava diretamente ligada a revolta que aconteceu no mesmo período em São Paulo, mas o fato do Pará também passar por uma crise que culminava com aumento de impostos, atraso no pagamento dos funcionários públicos, inclusive demissão de vários militares pertencentes à Brigada Militar, que representava a atual Polícia Militar, fez com que muitos militares participassem de revoltas que tinham uma ligação com o sentimento de combater toda a estrutura oligárquica vigente e buscar possibilidades de ascensão política dos grupos médios urbanos, dentre eles os Tenentes, que vão participar do movimento tenentista sendo um dos pilares da Revolução de 1930.<sup>175</sup>

No campo futebolístico a participação de políticos durante os jogos vai está ligada não somente a questão de status social, já que com o processo de popularização do esporte houve o aumento de expectadores nos estádios e campos de várzea da cidade, culminado com o contato dos políticos com todos os setores sociais que freqüentavam as partidas de futebol pela cidade, principalmente os menos abastados.

Nesse sentido, nos jogos onde estavam os times do Clube do Remo e Paysandú havia grandes possibilidades do aparecimento de políticos devido a popularidade que os clubes citados possuíam.

O Paysandú em jogo official abate o União por 4 x 1 e 1 x 0 respectivamente  
O encontro que se effectuou domingo ultimo, entre as esquadras do Paysandú e do União (...)  
Demonstraram-no fielmente os titânicos de domingo.  
Assim, é que durante 80 minutos uma palpitação contínua dominou os que no campo compareceram.  
O velho União, mesmo desfalcado de dois dos seus maiores elementos luctou com entusiasmo incommum, só ao ultimo minuto, quando já nenhuma suposição em contrário poderia haver, o Paysandú numa última audácia e numa última esperança embalou salvadoramente a rêde que o União confiara ao seu destro arqueiro.  
Logo no início da contenda o Paysandú ensaiava a sua 1ª investida quebrada pela attitude de Nicolau.  
O União investiu com ardor apesar dos seus impectos não acreditamos que assim se mantenha.(...)  
Poucos minutos faltavam quando o Paysandú tem a seu favor uma penalidade grave que a nosso ver não deveria ser levada em conta tal foi a causalidade da mesma idêntica a que aconteceu ao Brasil quando do seu encontro com o Paysandú. O Juiz pensando diversamente do que nós, manda executal-a, o que de feito é transformada em 1 ponto. O mesmo juiz (já aqui se inverteram os papéis) pensando diversamente do que nós não admite como válida e com surpresa de todos, marca uma punição contra o Paysandú(...)

---

<sup>175</sup> C.f. ROQUE, Carlos, História Geral de Belém e do Grão-Pará, Belém, Pará, Distribel, 2001. p. 177-149.

Mas “a trapaça condenna” diz um mocinho filho da lusa pátria. E mal a phrase era ouvida, o campeão ganha a partida por um ponto, obra da salvação, que é marcado a seu favor.

O Abelardo Condurú que já estava mau humorado para a banda do juiz, entrou de obsequial-o logo pela... sua optima arbitragem...

Ah! Seu Abelardo, você mesmo não nega que é o bicho cacaó da folha miúda!

Jairo<sup>176</sup>

Abelardo Leão Condurú, foi um dos políticos mais importantes do Estado na sua época, pois, assim, que ocorreu a tomada do poder político local por Magalhães Barata, o cargo de Intendente Municipal de Belém foi ocupado por ele, indicado pelo próprio interventor federal, sendo nomeado depois no ano de 1937, saindo novamente no ano de 1943. Significando que desde os anos de 1920, Abelardo Condurú, demonstrava a sua paixão pelo futebol dos clubes da cidade, o que na verdade, poderia significar mais um passa-tempo do político, porém, as características políticas que o levaram ao poder municipal dão uma outra possibilidade de análise, a de aproximação do político com as camadas populares, concepção de cunho populista, dominante nos discursos políticos desse momento da história.<sup>177</sup>

Leão, como líder do  
e na qualidade de  
da reunião, convidou o  
Humberto Simões para  
mo secretário. Em seguida,  
se como presidente da  
assando a esclarecer a  
da reunião, que era a de  
de uma nova Agremiação  
propondo, ao mesmo  
nominção de PAYSANDU  
CLUB, “como homenagem  
rioso e heróico da Marinha  
asileira ao transpor o Passo  
du, na Guerra contra o

stão de Hugo Leão foi  
acirrados e acalorados



Abelardo Condurú

Fonte: DA COSTA, Ferreira, “Papão, o rei do norte”, Ed. Cabano, Belém-Pará- Brasil, 2002. p. 12. Foto de Abelardo Condurú, prefeito de Belém e fundador do Paysandú.

O noticiário jornalístico evidencia a participação de políticos como Abelardo Condurú torcendo durante um jogo do Paysandú, onde ele não aceitava determinadas situações que ocorreram no jogo, fato que demonstra como o seu comportamento no meio dos

<sup>176</sup> C. f. Jogo do Paysandú estava presente como torcedor o Sr. Abelardo Condurú. *Revista A Semana*: 05/11/1921.

<sup>177</sup> C.f.ROQUE, Carlos. Intendentes e prefeitos de Belém. op. cit. p. 187-188.



torcedores se modificava, levando-o a ser criticado pelo cronista devido às “críticas” feitas a arbitragem durante a partida.

Nos anos de 1930, o prefeito da cidade, Abelardo Condurú, vai demonstrar que mesmo com o passar dos anos, o futebol continuava a pertencer ao seu cotidiano, como atesta o noticiário jornalístico a seguir:

O festival do Pinheirense prestigiado – a acção formidável dos azulinos – um dia esperado – realmente o Pinheirense é um dos grandes clubes do Pinheiro.

Ainda faltam alguns dias para a vibração de sua festa esportiva e tudo já está nos eixos, como se elle fora hoje. É que os pinheirenses não deixam nada para a última hora. Assim é que já conseguiram que o Sr. Prefeito da cidade prestigia-se o festival, prometendo ir pessoalmente dar o pontapé inicial para a prova de honra que será travada entre o Pinheirense e a Tuna.

Também ouvimos que o convite oficial será extendido até o Sr. Major Federal e ao Sr. José Maria Marques membro de destacado relevo no commercio de Belém.

Inúmeras adesões tem recebido os rapazes, nem só dos clubes concorrentes, como também do commercio e de numerosas famílias que lhe tem remetido lindos e vultosos brindes que serão expostos opportunamente no Bar do Cruzeiro naquella villa.<sup>178</sup>

Ano de 1933, a prática política entre os setores que tomaram o poder das oligarquias estava baseada no populismo. O futebol passa a ser um dos principais esportes do país, já que o número de torcedores e jogadores se amplia cada vez mais, nesse sentido, se torna comum que os donos do poder político local procurassem varias maneiras de camuflar a política autoritária que vigorava, dentre elas a participação durante os jogos de futebol. Por isso, era comum que alguns políticos dessem o ponta-pé inicial durante os jogos, como ocorreu na Vila Pinheiro, que teve a participação de Magalhães Barata, interventor Federal e do Intendente de Belém, o Sr. Abelardo Condurú. A participação dos governantes no festival que aconteceu na Vila de Pinheiro, fazia parte de um discurso político de exaltação às peculiaridades locais, onde políticos e jogadores pertenciam ao mesmo espaço, sem a distinção social. Fato que na verdade, não condizia com a realidade autoritária que vigorava.

A participação dos políticos nos jogos de futebol estava cada vez mais aumentando, pois, as promoções de festivais onde participavam funcionários no contexto do Estado Novo, demonstrava o interesse do governo em respaldar suas ações perante os setores populares. Inclusive no ano de 1942, ocorreu um festival esportivo em homenagem ao DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), o Órgão do Estado que cabia fiscalizar a imprensa e as artes sobre a propaganda contra o governo, era a filial do DIP (Departamento de

---

<sup>178</sup> C.f. O Festival do Pinheirense. *Jornal A Folha do Norte* : 08/09/1933.

Imprensa e Propaganda), onde houve a participação de todos os clubes filiados a recente Federação Paraense de Desportos, o que proporcionava o aumento do público nos estádios.<sup>179</sup> Na verdade, o relato do cronista não explica o futebol como uma construção cultural do governo Barata, no sentido de manipulação dos setores populares, mas, como uma construção cultural desses setores populares que era levado em consideração pelos governantes. Principalmente no Estado Novo. Onde segundo Lenharo foi o período que o governo Vargas procurou exercer e aumentar a censura, promovendo as manifestações cívicas e culturais.<sup>180</sup>

Dentre as festas sociais que promoviam algumas das personalidades consideradas ilustres pela imprensa, temos muitos aniversários que recebiam um destaque nos periódicos, sempre exaltando a ligação dessas pessoas com o futebol confirmando a explicação de demonstração de status social e aproximação que alguns indivíduos pretendiam. Como podemos perceber no noticiário a seguir:

Neste setembro, cinco azulinos de destaque fazem annos – no mês que hoje se inicia, o azulino comemora o natalício de alguns de seus elementos mais destacados.

E como tem sido de praxe no aniversario de um delles, todos se reúnem para festejar em commum esses dias felizes. A lista dos eleitos é a seguinte: dia 1º - Raymundo Farah; dia 4 – Daniel Noureb; Dia 5 – Antônio Silva; Dia 18 – José Maria Marques e Pe Copertino.<sup>181</sup>

A fonte ressalta justamente a participação de autoridades e sujeitos influentes durante os jogos de futebol nos anos de 1930, com a presença do empresário José Maria Marques, desembargador e sujeito de grande influência na sociedade da época, geralmente participava das partidas de futebol fazendo doações de prêmios ou torcendo pelo Clube do Remo. Também chegou a ser diretor do clube, cargo que devido a falta de tempo acabou deixando para no ano de 1934, fazendo parte de uma renúncia coletiva da diretoria do clube considerado mais elegante da cidade.<sup>182</sup>

Esse processo de controle por Parte do Estado sobre as práticas esportivas proporcionou a unificação da Liga Atlética Paraense e Associação Paraense de Futebol, no qual, os jogos do campeonato paraense ficariam vinculados a mais nova entidade

---

<sup>179</sup> C.f. O festival esportivo do DEIP. *Revista A Semana*: 21/11/1942.

<sup>180</sup> C.f. LENHARO, Alcir. Op.cit. p. 39-40.

<sup>181</sup> C.f. Aniversariantes azulinos. *Jornal A Folha do Norte*: 01/09/1933.

<sup>182</sup> C.f. Renúncia coletiva da Diretoria do Clube do Remo. CRUZ, Ernesto. Op. cit. p. 241.

futebolística, a Federação Paraense de Desportos<sup>183</sup>, onde muitas pessoas importantes estavam interligadas como Edgar Proença, que era presidente da Justiça do Trabalho pela CBD e o próprio Abelardo Condurú, então prefeito de Belém, que se fizeram presente inclusive no lançamento da pedra fundamental da Nova Sede Social do Clube do Remo.<sup>184</sup>

Quanto a fundação da Federação Paraense de Desportos alguns cronistas escreviam sobre a melhoria com a oficialização e a unificação dos times em torno de uma só entidade, que tinha o apoio de vários desportistas, inclusive Edgar Proença, e o próprio José Maria Marques que é considerado pelos cronistas como “O Moises da Caravana”, no sentido de buscar fazer uma imagem do cartola ligada a uma liderança importante para o desenvolvimento do futebol do Pará, fato que deve ser levado em conta é o numero de times que cada vez aumentava na cidade proporcional a entrada de políticos que cada vez se aproximavam dos sujeitos dos setores populares devido os interesses políticos, sendo que o esporte que tinha nascido aristocrático no Pará, estava se popularizando através das construções culturais da população, principalmente, moradora da periferia, que via agora seus filhos tendo oportunidades de demonstrar talento nos clubes da cidade.<sup>185</sup>

Um outro fato que ressalta bem a política da época com relação aos esportes foi a criação de um corpo de escoteiros e bandeirantes azuis<sup>186</sup>, fazendo com que fosse enfatizado valores cívicos, familiares e de exaltação ao clube azulino, bem ao gosto do que queria Getúlio Vargas para sua política durante o Estado Novo.

Nesse sentido, no ano de 1943, foi feito uma tarde esportiva em homenagem ao Interventor Federal, Magalhães Barata, considerado um dos maiores políticos pelas camadas populares e apontado como um dos mais populistas dos interventores que passou pelo Pará, na época de Vargas.<sup>187</sup>

A ligação do Período Vargas com as questões de comunicação, esporte e lazer tinha um caráter político evidente, talvez por isso, Barata e o próprio Vargas tenham ganhado um grande prestígio no decorrer da historia junto aos setores populares, no entanto, a prática futebolística que vivia seu processo de popularização e profissionalização do jogador de futebol não era totalmente controlada pelo estado, já que mesmo com a criação da federação

---

<sup>183</sup> C.f. Sobre a fundação da Federação Paraense de Desportos. *idem*. 9/05/1941, p. 287.

<sup>184</sup> C.f. Lançamento da pedra fundamental da Nova sede Social do Clube do Remo. *ibidem*. 01/01/1942, p. 291.

<sup>185</sup> C.f. Boatos, boatos... E nada mais. *Revista A Semana*: 13/02/1942.

<sup>186</sup> C.f. Escoteiros azuis. CRUZ, Ernesto. *op. cit.* abril de 1942. p.292.

<sup>187</sup> C.f. Sobre o governo de Magalhães Barata. ROQUE, Carlos. *op. cit.* p. 157.

vários clubes foram criados em locais, como os bairros do Jurunas, Marco, dentre outros, onde cada clube tinha sua peculiaridade, não submetendo diretamente ao controle estatal.

Magalhães Barata participava ativamente das festividades que lhe interessavam, numa delas foi inaugurado um retrato seu nas instalações da Rádio Clube do Pará, onde em seguida ocorreu uma “soirée”, uma festa dançante com a participação dos membros das elites locais, inclusive Magalhães Barata compareceu pessoalmente nas inauguração do seu retrato, situação que enfatiza a sua Práxis populista e seus interesses junto a manutenção do seu poder político na cidade.<sup>188</sup>

Nesse sentido, vários festivais foram realizados onde o patrocínio de políticos era evidente, como destacou um jornal da época:

Festival em prol da santa casa  
Sob o patrimônio Sr. Abelardo Condurú, Prefeito Municipal de Belém, realizar-se-á no próximo mez de junho um grande festival esportivo no campo do liberto em beneficio da Santa Casa de Misericórdia.  
Esse festival que é organizado pelos Sr.s Synésio Marianno de Aguiar e Arnaldo Pacheco, conta com o apoio dos grandes clubes esportivos da cidade.<sup>189</sup>

Os festivais e os campeonatos de futebol ocorriam geralmente nos finais de semana, onde paralelamente aos jogos oficiais a Federação Paraense de Desportos, a partir de 1941, quando foi oficialmente criada a entidade futebolística, em pleno Estado Novo, aconteciam os jogos nos subúrbios, sendo característica de Belém do Pará que respirava Re x Pa, porém, com seu futebol “rolando” nos subúrbios.

Nos subúrbios: o grande festival do Jurunas Atlético Clube  
Os desportistas dos nossos subúrbios vão ter uma magnífica tarde de futebol, no dia 31 do corrente.<sup>190</sup>

Portanto, a prática futebolística foi a grande arma de Barata para concretização do seu projeto político que tinha por base a aproximação com os setores populares, fato que esteve aliado a popularidade do clássico entre Remo e Paysandú, sendo perceptível nas crônicas esportivas a ênfase dada aos vários clubes de futebol que surgiam, mas principalmente aos dois times principais da cidade que percebem a rivalidade aumentar a cada dia. Por isso, em plena 2ª guerra mundial, se tornava normal as criações de festivais

---

<sup>188</sup> C.f. Magalhães Barata na festa da rádio Clube do Pará. *Revista A Semana*: 20/05/1933.

<sup>189</sup> C.f. Festival em prol da Santa Casa. *Jornal O Estado do Pará*:26/05/1938.

<sup>190</sup> C.f. Nos subúrbios: O grande festival do Jurunas Atlético Clube. *Jornal O Estado do Pará*: 15/07/1938

futebolísticos em benefício do dia do soldado<sup>191</sup>, onde a participação da dupla Re x Pa provocava o aumento do número de pessoas torcendo por seus clubes nos festivais pela cidade.

Olhem pelos velhinhos que o “pão de Santo Antonio” protege!

A tarde futebolística no estádio do Clube do Remo:

Marcará em grande acontecimento esportivo na tarde de hoje como realização dos jogos ente os principais filiados da A.P.F. em benefício da construção da casa do pão de Santo Antonio.

Quando enfrenta-se Remo e Paysandú, como vae succeder, certamente hoje á tarde enche de vibração mas, para complemento da beleza da festa, jogarão ainda, Tuna e Paysandú, União Nacional e Transviário, aumentando assim as sensações do público.

A tarde de hoje é patrocinada pela A.P.F.<sup>192</sup>

Esse festival em benefício do pão de Santo Antonio mostra um pouco do cotidiano futebolístico da cidade, onde alguns jogos de futebol tinham o caráter filantrópico, talvez pela pratica política da época que incentivou a pratica futebolística, principalmente nos subúrbios, mas também enfatizava os clubes principais da antecessora da Federação da Paraense de Desportos, a Associação Paraense de Desportos, que via nos grandes jogos como o Clássico entre Remo e Paysandú, O Re x Pa, a possibilidade de bom público e boa arrecadação.

Nos final dos anos de 1940 e início dos anos 1950, percebeu-se o aumento da rivalidade entre a dupla Re x Pa, contexto do aumento da profissionalização entre os jogadores, sendo o Clube do Remo, o percussor de todo esse processo, situação que no discurso da época beneficiava os jogadores de futebol, que diferentemente da Belle Époque do futebol, pertenciam na sua maioria às camadas populares da cidade.

A fama do clássico era tão grande que passou a ser chamado de fla-flu paraense, uma comparação feita pelos cronistas sobre o jogo local que dentre as peculiaridades estava à rivalidade crescente entre as torcidas e os próprios jogadores, onde era comum a cidade se agitar próximo dos jogos, inclusive trazendo nos anos de 1950 árbitros locais que tinham preparo ou tinha atuado durante a copa do mundo de 1950 realizada no Brasil.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> C.f. Re x Pa no festival do dia do soldado. CRUZ, Ernesto. op. cit. p. 307. 25/08/1945.

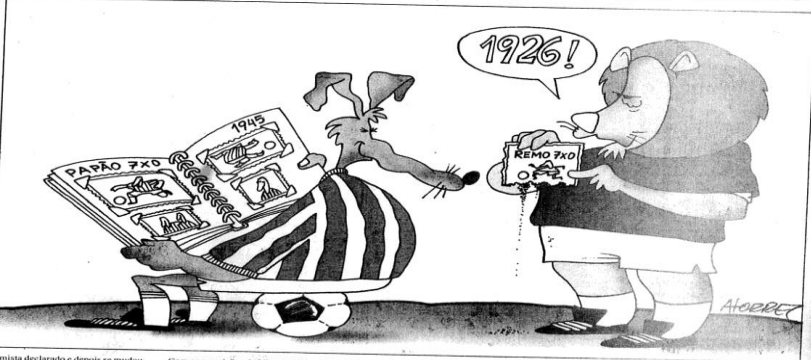
<sup>192</sup> C.f. Olhem pelos velhinhos que o “pão de Santo Antonio” protege! *Jornal O Estado do Pará*:29/05/1938.

<sup>193</sup> C.f. Malcher será o juiz do fla-flu. *Jornal O Estado do Pará*:01/01/1950.

# Há meio século, Papão deu de 7 no Leão

A intensa legião de admiradores do Paysandu espantada por todo o leste do Pará, a paralisada e efusivamente, no dia 22 de julho de 1945, comemorou o aniversário dos 50 anos de fundação do clube, ao qual se gelaram de ostentação e vaidade os jogadores do clube. O clube, que nasceu em 19 de julho de 1945, comemorou o aniversário de 50 anos de fundação em um jogo realizado no estádio de futebol do clube, no qual se gelaram de ostentação e vaidade os jogadores do clube. O clube, que nasceu em 19 de julho de 1945, comemorou o aniversário de 50 anos de fundação em um jogo realizado no estádio de futebol do clube, no qual se gelaram de ostentação e vaidade os jogadores do clube.

A intensa legião de admiradores do Paysandu espantada por todo o leste do Pará, a paralisada e efusivamente, no dia 22 de julho de 1945, comemorou o aniversário dos 50 anos de fundação do clube, ao qual se gelaram de ostentação e vaidade os jogadores do clube. O clube, que nasceu em 19 de julho de 1945, comemorou o aniversário de 50 anos de fundação em um jogo realizado no estádio de futebol do clube, no qual se gelaram de ostentação e vaidade os jogadores do clube.



Com os espanhóis de Vicente (R) e Soia (P) o plano da partida se modificou completamente, pois se a vitória do Arleto, portanto do jogador de Vicente, o momento de lançamento para os jogadores dos remeiros, que vieram a vencer.

Com 1 x 0 foi encerrada a 1ª etapa do jogo. No campo completamente barulhento, mas silencioso o Paysandu para fechar a meia adversária, sacapando um gol atrás do outro, até completar 7 x 0, sem dar tempo ao adversário.

Fatos foram 2 x 0, logo ao 1º minuto do segundo tempo, Soia, ponteiro esquerdo, que estava em forte inspiração, marcou três gols no espaço de 45 minutos. A 2ª vez, 4 x 0, aos 9' e 6 x 0 e Nascimento fez o 7º gol aos 24 minutos.

A renda da partida foi da ordem de Cr\$ 25.000,00 (quinto momento da época), com mais de 5 mil torcedores presentes. O Paysandu colocou em Campo Palmtree, Igarapé, Athayde, Marinho, Manoel Pedro, e outros jogadores. O jogador de Soia, ponteiro direito, marcou três gols no espaço de 45 minutos. A 2ª vez, 4 x 0, aos 9' e 6 x 0 e Nascimento fez o 7º gol aos 24 minutos.

## Remo deu de 7, mas com o 2º quadro

Fonte: *Jornal o diário do Pará*: 22/07/1995. Os 7 x 0 de Remo e Paysandú.

Chamar o clássico de fla-flu seria reduzir a importância do jogo entre os dois clubes para a construção cultural da cidade, no entanto, como o centro econômico do país estava ligado ao Rio de Janeiro, que era a capital nacional, comparar o jogo com dois dos times mais famosos do país, significava demonstrar que os times do Estado do Pará tinham peculiaridades e qualidades que poderiam fazer frente uma história futebolística que sempre observou apenas o centro-sul do país como o centro do futebol. Já que essa rivalidade cresceu no cotidiano dos “sportsmens e dos peladeiros” locais, fazendo a cidade ferver em dias de jogos, como evidenciava os noticiários da época.

O movimento da cidade  
Desde pouco depois do meio-dia que a cidade começou a se movimentar rumo ao estádio azulino muito antes da hora determinada para o início do sensacional programma desportivo.  
Bondes, automóveis, ônibus, motocicletas, transporte de toda a espécie, conduziam ao estádio uma incomputável multidão.<sup>194</sup>

Essa fama do clássico proporcionou uma rivalidade que estava ligada ao placar dos jogos e o destaque dado pela imprensa da época, nesse sentido a imagem criada pelo Paysandú durante o famoso jogo dos 7 x 0, como evidencia a foto comemorativa dos 50 anos do jogo, levou o clube azulino a buscar seu próprio 7 x 0 num jogo do 2º quadro da época, alguns anos antes, mais precisamente no ano de 1926, fazendo com que o seu maior rival não ficasse contando vantagem sozinho, onde temos o destaque do time do 2º quadro da época,

<sup>194</sup> C.f. O movimento da cidade. *Jornal O Estado do Pará*: 04/04/1938

Mog...  
tri...  
cor...  
O Mog...  
jogadores...  
clube pauli...  
de mais d...  
O Pays...  
da amista...  
12 do Pa...  
ção do est...  
equipe ma...  
dia 6 de ag...  
nos países...  
ção local...  
O melho...  
gostoso pel...  
diretoria b...  
mando em...  
do subscrit...  
tário...  
Mestre...  
no Vitória...  
no Goiás...  
no Fortale...  
tucantinas...  
um time de...  
Paysandú...  
na primeira...  
Lu...  
A direto...  
muito para...  
e estava m...  
chegou a...  
dores. Os...  
de 1926...  
gostoso d...  
Mog...  
Mog...  
estado por...  
diário do...  
letra de m...  
nho ficara...  
do mês...  
Caso não...  
para o Mog...  
poderia ser...  
do clássico...  
do Cam...  
azulinos. P...  
H...

que provavelmente ganhou do Paysandú também de 7 x 0.<sup>195</sup> fato que na atualidade é explicado pela rivalidade, onde se enfatiza que se tratando de Re x Pa, qualquer jogo é significativo, devido o simbolismo do clássico para a região.

Assim, a política paraense se apoiou na popularidade da dupla Re x Pa, que criou uma identidade regional, estabelecendo rivalidade até nos jogos de várzea, nos festivais suburbanos, pois, diferentemente da época da fundação dos clubes, o número de torcedores se tornava maior, demonstrado que os gramados paraenses agora eram locais de características populares, onde a representação do jogo de futebol estava relacionada ao próprio cotidiano da cidade.

---

<sup>195</sup> C.f. os 7 x 0 do Remo. DA COSTA, Ferreira. op. cit. p. 15

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol paraense ainda é um campo de trabalho que deve ser bastante estudado devido evidenciar diversas características regionais que fazem parte da cultura local, pois, pela pesquisa feita ao longo desses quase três anos, podemos perceber que muitas identidades e construções culturais também passavam pelos campos de futebol, tanto nas disputas futebolísticas do início do século XX, como as disputas que ocorreram nos anos posteriores, onde não somente o Estado do Pará passou por mudanças no campo político, econômico, social e cultural, mas o país como um todo. Situação que influenciou no cotidiano dos sujeitos sociais que se encontravam nos jogos de “bola-pé” nos diversos setores da cidade.

A pesquisa proporcionou uma leitura da cidade de Belém do Pará ao longo da primeira metade do século XX, onde a construção da narrativa histórica ocorreu pelo cotidiano do futebol tanto na chamada “Belle-Époque do futebol”, com seus “sportmens”, como no contexto da popularização do futebol na cidade, no qual os sujeitos sociais por trás das traves, dos uniformes e dos gols que ocorriam durante os jogos, proporcionavam debates em torno de temas interessantes para o período como o nacionalismo, o regionalismo, a profissionalização do jogador de futebol, a participação das mulheres, dentre outros.

Nesse sentido, os festivais futebolísticos eram ocasiões, eventos, momentos de lazer, com grande relevância para o entendimento da própria sociedade belenense dos anos aqui pesquisados, pois, revelam dados do dia-a-dia dos inúmeros sujeitos sociais das elites aristocráticas aos trabalhadores urbanos que moravam nas áreas periféricas, ou mesmo das mulheres que acompanhava seus maridos aos jogos, ou daquelas que fundavam clubes com a intenção de formar uma Liga somente feminina, das mulheres que organizavam e acompanhavam os acontecimentos dos festivais, das brigas e confusões que ocorriam no RE x PA, momentos da história futebolística paraense que conviveram com as mudanças estruturais que a cidade passava na época.

O trabalho procurou fazer uma interpretação das fontes buscando apreender o contexto que ocorreram as mudanças na urbe belenense tanto no período da Belle Époque, quanto nos anos que se estabeleceram os setores políticos ligados às classes médias urbanas que tomam o poder nos anos de 1930. Contexto histórico que foi analisado a partir das práticas futebolísticas na cidade, nos jogos entre o Clube do Remo, o Paysandú, a Tuna Luso ou dos times que participavam dos festivais futebolísticos que ocorriam na periferia. Partidas



de futebol que mostram parte da vida de sujeitos sociais que construíram o cotidiano da capital paraense no período de 1905 a 1950.

Os anos de 1920 são importantes para o estudo do futebol na capital paraense, devido à fase de transição que o futebol passava na cidade, onde se discutia o profissionalismo e a popularização do esporte, situações que ainda se confrontavam com o sentimento de valorização do “Sportman” atleta que geralmente pertencia a um setor social abastado na sociedade, mas que também via crescer uma nova dinâmica do futebol a dos jogos de várzea, locais onde os equipamentos eram escassos e os apaixonados pelo esporte se proliferavam, criando uma identidade de cultura popular sobre o esporte de origem aristocrática.

Essa identidade popular representava o lazer dos setores populares que não aceitava o discurso aristocrático dos “sportmens” que por sua vez defendiam o amadorismo, mais alguns eram contrários à popularização e a profissionalização do esporte.

Nesse mesmo período os discursos sobre o sentimento de amor a nação brasileira aumentaram, principalmente jornalistas e intelectuais que eram contrários ao regime oligárquico vigente no Brasil. Em Belém do Pará, a cada vitória ou derrota do selecionado paraense ou de clubes paraenses nos campeonatos nacionais e regionais se afluía um sentimento regional que era muito enfatizado através das crônicas esportivas ou mesmo nas transmissões radiofônicas que exaltavam o Pará e seus clubes, principalmente Remo e Paysandú. Demonstrando que a imprensa esportiva teve participação relevante na popularização e nas discussões sobre a prática do “bola-pé” pela cidade.

Dessa forma, o Re x Pa ao longo dos anos se tornou a partida futebolística que fez a cidade parar várias vezes, onde no decorrer dos jogos aumentava o público, o número de políticos que ofereciam prêmios e promoviam festivais, a participação da imprensa que dava maior destaque para os jogos, construindo um caminho onde o futebol paraense começa a se separar dos valores dos “sportmens” até chegar a fazer parte da cultura popular, momento que os políticos se aproximaram mais da população através dos eventos esportivos, já que era evidente que os setores sociais menos abastados criaram sua própria dinâmica de “jogar bola”, provocando uma identificação cultural, onde o esporte bretão se tornava o catalisador de sentimentos e dos valores dos sujeitos sociais que praticavam e assistiam as partidas que ocorriam nos subúrbios e nos campos oficiais de Belém, nos mostrando uma visão dos torcedores, jogadores, dirigentes e políticos da época.

Portanto, quando foi estudado o Re x Pa como símbolo do paraense nos jogos de futebol, foi observada a cultura local que no decorrer dos anos foi construída com valores elitistas e populares concretizados com a inauguração de estádios, “praças de futebol”, que a partir do aumento da rivalidade clubística provocou a ampliação do número de torcedores e torcedoras que freqüentavam os estádios, fator que fica evidenciado nos clássicos regionais e os seus placares históricos. Na verdade, o Re x Pa era um jogo que no início dos anos de 1950, provocava a maior participação dos sujeitos que tinham seus próprios valores, emoções e visões sobre o futebol praticado na época, pois, o jogo se tornou um retrato da dinâmica da cidade de Belém ao longo de praticamente cinquenta anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Martha “Mello Moraes Filho: Festas, Tradições Populares e Identidade Nacional” in: A História Contada Ed, Nova Fronteira.
- ANDRADE, Paulo de Tarso, Belém e suas história de Veneza paraense a Belle-Èpoque, Belém: 2004, 2ª edição revisada.
- ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Pereira, Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. SP, ED. UNESP, 2004.
- AQUINO, Rubim Santos Leão, Futebol, uma paixão nacional, RJ: Jorge Zahar Ed; 2002.
- BORGES, Ricardo, “Vultos Notáveis do Pará”, 2ª Edição revista e aumentada comemorativa do centenário do nascimento do Autor. Edições CEJUP, Belém, 1986.
- BORGES, Vavy Pacheco, O que é História, 2ª ed. Ver. – SP: Brasiliense, 1993. – (coleção primeiros passos; 17)
- CARRANO, Paulo César Rodrigues(org.)Futebol: Paixão e Política, RJ: DP&A, 2000.
- CASTRO, Ruy, “Estrela solitária, um brasileiro chamado Garrincha”, Companhia das Letras, SP, 1995.
- COELHO, Marinilce Oliveira, O grupo dos novos (1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará, EDUFPA: UNAMAZ:2005.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando viver ameaça a ordem urbana – Manaus 1900-1915. In: FENELON, Déa Ribeiro. Cidades. São Paulo: PUC-SP/Olho D’agua, 1999, pp. 85-127.
- CRUZ, Ernesto, “Ruas de Belém”, Conselho Estadual de Cultura, Belém-Pará, 1970.
- CRUZ, Ernesto, “História do Pará”, Governo do Estado do Pará, vol. II, 1973.
- CRUZ, Ernesto, “História do Clube do Remo de 1905 a 1969”.
- DAVES, Natalie Zemon, “Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna”, tradução Mariza Corrêa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- D’ARAÚJO, Maria Celina, O Estado Novo, RJ, : Jorge Zahar editor, 2000, :il- (Descobrimo o Brasil)
- DA COSTA, Ferreira, “A Enciclopédia do Futebol Paraense”, Ed. Cabano, 1º Edição, Belém – Pará, 2000.
- DA COSTA, Ferreira, “Papão, 90 anos de paixão e glórias” Belém-Pará- Brasil, 2004.
- DA COSTA, Ferreira, “Papão, o rei do norte”, Ed. Cabano, Belém-Pará- Brasil, 2002.
- DA COSTA, Ferreira, Leão azul centenário, Belém- Pará- Brasil, 2006.
- DA MATTA, Roberto, 1936.Carnavais, Malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro.6ª edição, RJ, Rocco: 1997.
- DA SILVA, João Luis Maximo, “O impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)”, Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.Orientador: Prof. Dr. Ulpiano T. Bezerra de Meneses. São Paulo 2002.
- DECCA, Edgar de, 1930, *o silêncio dos vencidos*, SP: Brazilense, 5ª Ed., 1992.
- DE HOLANDA, Bernado Borges Buarque, “O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do rego” edições Biblioteca Nacional, RJ, 2004.
- DE TOLEDO, Luís Henrique, “No País do Futebol”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. il – ( Descobrimo o Brasil)
- DE MATOS, Maria Izilda, “Cotidiano e cultura, História cidade e trabalho”Bauru-SP, edusc, 2002

DOUGAN, Andy, “Futebol e Guerra”, Jorge Zahar ed; Tradução Maria Inês Duque Estrada, RJ 2001.

FARIA, Heloisa, “A Cidade do Reclame: Propaganda e Periodismo em São Paulo – 1890/1915” in: Projeto de História, nº 13, 1996.

FAUSTO, Boris, História Geral da Civilização Brasileira, o Brasil Republicano III, 3 Sociedade e Política (1930-1964), 3º vol. Bertrand Brasil, RJ, 1997.

FAUSTO, Boris, O pensamento nacionalista autoritário 1920-1940, RJ: Jorge Zahar ed., 2001. il – (Descobrimo o Brasil)

FONTES, Edilza, O pão nosso de cada dia: trabalhadores e industria da panificação e a legislação trabalhista (Belém 1940-1954) Belém: Paka-Tatu, 2002.

GLANVILLE, Brian “O Brasil na Copa do Mundo” 1973

GAUDÊNCIO, Itamar, Do bola-pé ao RExPA: A popularização do futebol em Belém do Pará, 1931-1941. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de História, sob orientação do Profº. Dr. Aldrim Moura de Figueiredo, como requisito a obtenção do Título de Bacharel e Licenciatura Plena em História pela UFPA, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma – A ferrovia Madeira-Marmoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOBSBAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In:

HOBSBAWM e RANGER, T. (ORG) invenção das tradições, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, E. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991), São Paulo: companhia das letras, 1995.

LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

LOPES, José Sergio Leite. “Classe, Etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro.”IN: BATALHA, Cláudio H. M; DA SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre.(orgs.). *Culturas de Classe*. São Paulo: UNICAMP, 2004.

MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira, Futebol é coisa de Mulher: participação feminina no futebol paraense (1960-1979), Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de História, sob orientação do Profº. Dr. Antonio Otaviano Vieira Junior, como requisito a obtenção do Título de Bacharel e Licenciatura Plena em História pela UFPA, 2005.

MATTOS, Marcelo Badarós, O sindicalismo brasileiro após 1930, RJ: Jorge Zahar ed., 2003. il. – (Descobrimo o Brasil)

MARANHAO, Haroldo, Dicionário do futebol, RJ: Record, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, “O Manifesto Comunista”, Coleção Leitura, RJ: Paz e Terra, 1998.

MAXIMO, João “João Saldanha , sobre nuvens de fantasia”, Relume Dumará, RJ: 2ª edição.

MONTEIRO, Walcyr, Visagens e assombrações de Belém, 4ª ed. – Belém: Paka-Tatu – 2003.

PARÁ, Governo do Estado, Atos dos governadores, Belém: Imprensa Oficial, 2002. v. edição comemorativa dos 111 anos do diário Oficial do Estado. Conteúdo: v. 1 – 1891 a 1930.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda “A Literatura entra em campo: Lima Barreto e Coelho Neto na Belle-Époque do futebol”, cadernos UFPA CFCH, Vol. 12, nº 1/2, 1993.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, “FootballMania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro - 1902 a 1938” Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINHO, Michel “O jogo é um jogo: se vence, vence; se perde; perde. Não há desonra. O esporte é higiene em Belém na primeira década do século vinte.” Belém do Pará: Monografia

defendida para obtenção do título de Bacharel e Licenciado Pleno em História pela UFPA, 1997.

PINTO, Célis Regina Jardim, Uma história do feminismo no Brasil, São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2003.( coleção História do povo brasileiro)

REIS, Heloísa Baldy dos, “Futebol e violência”, campinas-SP, Armazém do ipê associados LTDA/ FAPESP.

Revista Placar, “as grande reportagens” coleção de aniversario edição nº 03, 2005.

Revista de História da Biblioteca Nacional “a conquista do mundo historia de uma paixão nacional, como nasce e se populariza o jogo de bola, do fracasso das primeiras copas ao sonho do hexa, a dor de 1950: visões de Eduardo Galeano e Armando Nogueira”.

Revista copa-Super Interessante, “A história da bola nos 32 países que vão ao mundial”.2006.

Revista Placar, A história do Penta, os momentos inesquecíveis de cada craque na conquista das cinco copas 2006.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas (1881-1921). Rio de Janeiro: Secretária Municipal do Rio de Janeiro, 1995.

ROQUE, Carlos, História Geral de Belém e do Grão-Pará, Belém, Pará, Distribel, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARGES, Nazaré, Belém, Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912) 2ª edição, Belém: Paka-Tatu, 2002.

SANTOS, José Luiz dos, “O que é Cultura”, Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1983.

SKIDMORE, Thomas, *De Getúlio a Castelo*. Paz e Terra 10ª Edição, 1996.

THOMPSON, E.P. “A formação da classe operária inglesa vol. III” tradução Denise Bottmann - Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

TRAVASSOS, Elizabeth, Modernismo e música brasileira, RJ: Jorge Zahar ed., 2000. – ( Descobrindo o Brasil)

VIEIRA, Ruth; GONÇALVES, Fátima, “Ligo o rádio para sonhar, a história do rádio no Pará”, Prefeitura Municipal de Belém, Belém-Pará, março de 2003.

VALENTE, José, A história nas ruas de Belém – Marco/Pedreira, Belém: CEJUP, 1993.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo, “Os Passos da Pesquisa”, A pesquisa em história, SP: Ática, 1989

WITTER, José Sebastião, “o que é futebol”, ed brasiliense, SP, 1990.

## **FILMES**

I - A história do futebol- um jogo mágico: 1- origens; 2 – as cultura do futebol; 3 - evolução do jogo europeu; 4 – potencias européias; 5 – Brasil; 6 - Potencia sul-americanas; 7 – super estrelas; a imprensa; Gênero: esporte

II – Duelo de Campeões, 2005. Gênero: esporte

III – O melhor do século, os 100 anos da FIFA. Gênero: esporte

## Anexos



Fonte: *Revista A Semana*, 01/02/1919. Diretoria do Sport Club Pará. Um dos times tradicionais de Belém no início do século XX.



Fonte: *Revista A Semana*, 19/06/1919. Dirigentes do Brasil Sport Club, clube que participava dos festivais esportivos em Belém.



Fonte: *Revista A Semana*, 14/08/1920. Time do Nacional Clube que participou de vários torneios esportivos em Belém do Pará.





Fonte: *Revista A Semana*, 14/08/1920. Time do Belmont e do Paysandú, os dois times participavam dos festivais esportivos que ocorriam em Belém do Pará.



Fonte: Revista A Semana, 28/08/1920. Time do Brasil Sport Club.



Fonte: Jornal A Folha do Norte, 08/09/1933. Prova de ciclismo em Belém do Pará.





O Carnaval de 1915 no campo da Curuzu

Fonte: CRUZ Ernesto, A história do Clube do Remo (1905-1969) Anexos.



Fonte: *Jornal A província do Pará*, 22/07/1995. Time do Paysandú que ganhou de 7 x 0 do Remo.





Fonte: DA COSTA, Ferreira, Leão azul centenário, Belém- Pará- Brasil, 2006. p. 12. Time do Remo de 1913.



Fonte: <http://br.geocities.com/manuelamerico2210/historiadatuna.html>. Time da Tuna Luso da década de 1930.



Fonte: <http://br.geocities.com/manuelamerico2210/historiadatuna.html>. Time da Tuna Luso Brasileira dos anos de 1940.



Fonte: Revista A Semana, 31/01/1920. Time do América de Pernambuco em Belém.



Fonte: Revista A Semana, 26/04/1919. Time water pólo do Clube do Remo.